

## Vinte razões para votar CDU

Depoimento de independentes

. Páginas centrais

### Campanha CDU



Carlos Carvalhas na Amadora



Álvaro Cunhal em Vila Franca de Xira

## A falar

Reportagens  
e notícias nas páginas interiores

## é que a gente se entende!

Neste número

# 32

# + 40

páginas  
com

## AS FOTOS DA FESTA!

PREÇO ESPECIAL  
200\$00

*e ainda...*

## Os mistérios da sondagem do «Expresso»

. Artigo de Vitor Dias

Pág. 18

## O que é ser comunista hoje

. Artigo de Sérgio Ribeiro

Pág. 22

EDITORIAL

# Voto útil nacional na CDU



Apoio popular à campanha da CDU

## RESUMO

### 18 Quarta-feira

Abre oficialmente em Bruxelas a Europol 91, mostra da história e cultura portuguesas ■ Carlos Carvalhas, em Alpiarça, pronuncia-se contra o «manual de campanha» do PSD que acusa de sugerir o «arrebanhamento de votos pelos caciques, pela pressão económica e pela chantagem dos poderosos» ■ Sousa Lara, presidente da Comissão Parlamentar de Acompanhamento dos Assuntos de Timor, declara inaceitáveis condições de Indonésia sobre a visita de parlamentares portugueses a Timor-Leste ■ A CNA exige que o Governo aceite as suas reivindicações até dia 6 ■ Morre o sociólogo Seda Nunes ■ Novo cessar-fogo assinado na Croácia volta a ser violado ■ A Estónia, Letónia e Lituânia obtêm o estatuto de observadores no Conselho da Europa.

### 19 Quinta-feira

O secretário de Estado Vítor Martins acusa o governo de Londres de provocar atrasos na União Económica e Monetária ■ A Indonésia assina em Nova Iorque um acordo com Portugal em que garante liberdade de acção à delegação parlamentar que visitar Timor-Leste ■ Continua o incêndio na Arrábida ■ Morre em Lisboa um recruta dos Comandos, após uma marcha forçada ■ Os EUA acusam o Iraque de «violar claramente» a Resolução 707 das Nações Unidas que prevê a inspeção e eliminação das armas iraquianas de destruição maciça ■ Manfred Womer, secretário-geral da NATO, anuncia em Tóquio a intenção da Aliança reduzir em 50 por cento as suas forças na Europa Central.

### 20 Sexta-feira

Termina o incêndio na Arrábida, graças aos fortes aguaceiros registados; especialistas dizem que o ecossistema não foi aniquilado, mas que o seu equilíbrio está afectado ■ Em entrevista ao DN, Jorge Sampaio afirma que o PS não é estranho «à necessidade de um diálogo à esquerda» ■ Perez de Cuellar, secretário-geral da ONU, afirma ser «extremamente perigoso» permitir a degradação da situação interna na Jugoslávia; entretanto, a Federação Internacional de Jornalistas anunciou que desde o início da guerra civil jugoslava foram mortos seis jornalistas, cinco são dados como desaparecidos e um foi detido ■ Manifestação na Arménia a favor do referendo sobre a independência ■ O governo finlandês anuncia que os estrangeiros residentes no país terão direito de voto nas eleições comunais ■ George Bush, em discurso na Câmara de Comércio Hispano-Americana, prevê a queda de Fidel Castro.

### 21 Sábado

O eurodeputado Lucas Pires aparece na campanha eleitoral do CDS autocalificando-se como um «actor convidado» ■ O Comandante dos Sapadores Bombeiros de Setúbal põe o seu lugar à disposição, após as declarações do ministro do Ambiente, Carlos Borrego, sobre o modo como foi combatido o incêndio na serra da Arrábida ■ Yasser Arafat, líder da OLP, afirmou que as garantias dos EUA para

a participação dos palestinianos na conferência de paz sobre o Médio Oriente são «um passo positivo, mas insuficiente» ■ A Frente Polisário acusa Marrocos de violar pela terceira vez o cessar-fogo no Sara Ocidental ■ Os ministros da OPEP afirmam em Riad a «sua determinação em garantir a estabilidade do mercado petrolífero mundial».

### 22 Domingo

Campanha eleitoral para as legislativas entra na segunda semana, com Cavaco Silva a anunciar em Coimbra o fim do «número de peritos nucleares da ONU» para 1993 ■ Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, afirma que as sondagens «estão a ser usadas como uma arma de terrorismo psicológico e político» ■ Violentos confrontos na capital da Geórgia provocam dezenas de feridos; o presidente georgiano apela a negociações com toda a oposição, enquanto esta exige a sua imediata demissão ■ Os agricultores polacos acusam o primeiro-ministro da Polónia de estar a seguir «uma política dirigida contra o campo» ■ Chega a Bagdad a sexta missão de peritos nucleares da ONU ■ O príncipe Sihanouk anuncia que o acordo definitivo de paz para o Camboja será assinado a 31 de Outubro em Paris ■ Agricultores franceses, revoltados com a queda dos preços agrícolas, alvejam o presidente da Assembleia Nacional, Laurent Fabius, com ovos podres e fruta.

### 23 Segunda-feira

Carlos Melancia, antigo governador de Macau, e Rui Mateus vão ser julgados em separado por corrupção na sequência do caso do «fax» de Macau ■ O Presidente da República, Mário Soares, pede ao Tribunal Constitucional a fiscalização preventiva dos diplomas do governo sobre a suspensão do contrato de trabalho e do serviço doméstico ■ Os ministros dos Doze continuam sem chegar a acordo sobre a reforma da Política Agrícola Comum ■ Jonas Savimbi, líder da UNITA, inicia uma viagem pelas principais cidades angolanas ■ A Argélia anuncia que o estado de sítio, instaurado desde 5 de Junho último, será levantado no próximo dia 29, seis dias antes do prazo estipulado ■ A Arménia proclama a sua independência.

### 24 Terça-feira

O ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, defende na ONU o envolvimento da comunidade internacional na solução pacífica do problema de Timor-Leste ■ Começa no Tribunal de Monsanto a repetição do julgamento do caso GAL ■ O ministro do Ambiente decide instaurar um inquérito à causa, detecção e combate ao incêndio da Arrábida ■ É libertado no Líbano o refém britânico Jack Mann, detido desde 1989 ■ Termina o motim no Zaire com a rendição dos soldados amotinados ■ O presidente da Geórgia decreta o estado de emergência na capital, Tbilisi ■ Markus Wolf, responsável dos serviços secretos da ex-RDA, Stasi, entrega-se às autoridades alemãs na fronteira germano-austriaca ■ Milhares de mineiros entram em greve na Roménia exigindo aumentos salariais.

A dez dias da batalha eleitoral das legislativas de 1991, de importância transcendente para o regime democrático em Portugal, a opção de voto, decisão última dos cidadãos portugueses em 6 de Outubro, vai assumindo toda a sua excepcional dimensão política.

Com uma noção exacta da importância das eleições e do seu papel indispensável para uma viragem democrática na política nacional, a CDU — Coligação Democrática Unitária — desenvolve todo um intenso esforço de Norte a Sul do País para o esclarecimento dos eleitores, não somente com o objectivo específico de assegurar na Assembleia da República uma forte representação parlamentar mas também de caucionar a necessidade política da sua contribuição decisiva e insubstituível para a exigente derrota do Governo do PSD/Cavaco Silva e para a construção de uma alternativa democrática credível à direita governante.

O incontestável acolhimento popular aos candidatos da CDU — que agrupa as representações do PCP, do PEV, da ID e, a título de independentes, da UDP e numerosos outros democratas — tem deitado por terra as concepções de decréscimo e de isolamento políticos das forças coligadas, com particular acinte visando o PCP, e de uma pretensa bipolarização política nacional jogando no momento actual claramente a favor da maioria absoluta do PSD e da direita no seu conjunto.

A campanha da CDU visando a conquista do voto dos cidadãos recusa em absoluto o eleitoralismo. Procura pôr diante dos olhos e da reflexão dos portugueses os complexos problemas actuais do País, agravados pela política de classe de um governo que, tendo ganho a maioria absoluta das eleições em 1987, se tem todavia mostrado o defensor mais consequente dos interesses de uma minoria privilegiada. Mas não só: a CDU aponta além disso soluções exequíveis para os problemas concretos da realidade nacional, insere as suas propostas numa perspectiva de progresso económico, social e cultural, coloca no centro do seu programa de acção a defesa intransigente dos interesses do Povo e do País.

E para que a CDU possa exercer o seu papel insubstituível nessa necessária mudança política é indispensável que recolha uma forte votação não somente lá onde detém uma influência política dominante mas no todo nacional. O voto nacional na CDU não serve apenas para eleger deputados — e é

imperioso que os eleja no maior número possível — mas para lhe dar o peso político real que tem e pode exercer na vida do País e no seio do Povo para a necessária construção de uma alternativa democrática credível à direita governante.

O inqualificável apelo de Jorge Sampaio ao voto dos comunistas no PS — cuja fuga de eleitores em 1987 (com os do PRD) está na base da actual maioria absoluta do PSD — não serve os interesses profundos de uma necessária viragem democrática na vida do País, serve objectivamente os propósitos cavaquistas de renovar em 6 de Outubro a maioria absoluta de 1987.

O período de reflexão para o voto não se circunscreve obviamente aos dois dias que antecedem a eleição. Recolhe uma dura e longa experiência de vida política, institucional, económico-financeira, social e cultural hegemónica a nível do poder pelo cavaquismo governante. Foi suscitada ao longo de toda uma década e mais vincadamente dos últimos quatro anos pelo domínio absolutista do PSD e de Cavaco Silva sobre a existência diária do nosso agregado populacional mais carenciado a que impôs a marca indelével do seu timbre de classe.

Nos dias que medeiam até ao depor do voto, as questões mais candentes dessa vivência acumulada sobre que incide a reflexão dos cidadãos e vai determinar em última instância a sua opção de voto não podem ser iludidas com subterfúgios e considerações subjectivas. Exigem resposta clara e decisiva.

Vão os portugueses eleitores avaliar com o seu voto a continuação de um governo autoritário de cariz antidemocrático, fechado à participação pluralista, à contribuição e à iniciativa criadora de todas as forças sociais e políticas do leque partidário português, empenhadas no progresso do País, de um Governo que usa a maioria parlamentar absoluta como uma mordaza da oposição democrática?

Se a própria experiência destes quatro anos de ditadura parlamentar do PSD não o demonstrasse de modo tão evidente, a actual campanha de Cavaco Silva em torno da sua eleição pessoal (não do seu partido) sob o lema «maioria absoluta ou recusa a governar em maioria relativa» seria suficiente para demonstrar a sua visão totalitária e ditatorial do governo do País.

Iráo os portugueses permitir que continuem a gerir os negócios públicos governantes à sombra dos quais — em alguns casos com o seu envolvimento directo sempre escamoteado pela maioria do PSD aos inquéritos judiciais e parla-

mentares — se traficaram grossas negociatas e operações de corrupção, se processaram actos indignos das responsabilidades governativas?

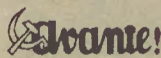
Iráo legitimar a continuação de uma equipa governamental que malbaratou em obras de fachada (e em grande parte de duvidosa utilidade), que delapidou de modo atrabiliário, sem subordinação a uma linha coerente de desenvolvimento económico e social, volumosos recursos financeiros oriundos de uma conjuntura externa transitória favorável a Portugal?

Vai o mundo do trabalho dar o seu voto a um governo e a uma política que lhe pretende impor um iníquo «pacote laboral»? Que atira para níveis inaceitáveis a precarização do trabalho que em cinco anos cresceu de 30 por cento atingindo já mais de 10 por cento de toda a população empregada? Que centra o aumento competitivo das nossas actividades produtivas na manutenção de uma mão-de-obra paga a menos de um terço da remuneração dos trabalhadores da Dinamarca, a menos de metade dos da Alemanha, da França e da Itália, a metade dos da Espanha, ainda inferiores aos da Irlanda e da Grécia, como Portugal, parceiros pobres da CEE? Uma jornada de trabalho mais longa que as dos restantes países da Comunidade Europeia? Que tem um índice assustador de acidentes de trabalho? Que vive sob uma ameaça de desemprego numa escala que tende a elevar-se a curto prazo com a escalada da falência de centenas de empresas? Que nenhuma medida séria leva à prática para acabar de vez com o flagelo dos salários em atraso de novo em ascensão?

Vão os agricultores ajudar a eleger deputados de um partido governante que nada tem feito para proteger de modo objectivo a agricultura portuguesa? Que em cinco anos apesar de um apregoado investimento de 350 milhões de contos na Agricultura, conduziu à baixa crescente do produto agrícola, acentuou as disparidades regionais, provocou, por uma aproximação não correcta aos valores da Comunidade, à sensível baixa dos preços ao produtor, ao aumento dos custos dos factores de produção, abriu as portas à liberalização das importações agrícolas e agora, sob a pressão dos Estados Unidos no seio do GATT se prepara para impor uma nova baixa de preços à produção?

É num tal governo e numa tal política e no agravamento das suas condições de vida e de trabalho que os portugueses vão votar?

Não é crível. O voto na CDU é a forma mais válida para que isso não aconteça.



Proibido de todos os países UNI-VOSI

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes — 1600 — Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72  
 DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes — 1600 Lisboa CODEX. Tel. 78 97 25/78 97 22. Telex: 16390. Fax: 795 22 64  
 ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Rua de São Bernardo, 14, 2º, 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matrícula: 47050. NIF — 500 090 440  
 DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial «Avante!», R. S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 3 95 21 93/7  
 Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Fax: 3068793; Telex: 65791; Telef. (01) 3 95 21 93/7

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição  
 Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04  
 Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra — Telef. (039) 71 36 77  
 Delegação Norte: R. Monte dos Pisos, 326, Guilões, 4450 Matosinhos. Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50  
 ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 3 95 21 93/7  
 PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa — Telef. (01) 3 95 21 93/7  
 Composição e Impressão na Heka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

#### TABELA DE ASSINATURAS

PORTUGAL (CONTINENTE) — 80 números: 4.500\$00; 25 números: 2.325\$00
REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 7.707\$50
ESPAÑA — 50 números: 7.000\$00
MACAU — 50 números: 11.140\$00
GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 12.190\$00
EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA E TODO O TERRITÓRIO DA URSS) — 50 números: 13.350\$00
EXTRA-EUROPA — 50 números: 16.450\$00
Nome _____
Morada _____ Telef. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado do cheque ou vale do correio.

CDU

Carlos Carvalho em Lisboa

# Da vivacidade nos bairros à apoteose da Amadora

Na volta eleitoral por Lisboa, no passado sábado, acompanhámos Carlos Carvalho, candidato número um da CDU pelo círculo da capital e Secretário-Geral Adjunto do PCP, e acabámos descobrindo que há dois Carlos Carvalhas.

Um, sabíamos dele pelas descrições de parte significativa da Comunicação Social que tem acompanhado a campanha da CDU, resumidas numa adjectivação que fez caminho nas prosas mais diversas: a de «tímido». Carlos Carvalho, à fé de tais testemunhos, seria um candidato que só tirava as mãos dos

Na jornada do passado sábado não precisámos de andar agarrados ao candidato, como o fazem alguns autores dessas descrições, para cedo descobrirmos que o Carlos Carvalho que ali estava não tinha nada a ver com tais relatos; como temos o máximo respeito pelo jornalismo independente que se pratica geralmente em Portugal e particularmente nesses órgãos, fácil nos foi concluir que estávamos perante um outro Carlos Carvalho - é certo que parecidíssimo com o da Comunicação Social, até no sotaque, mas indubitavelmente outro.

multidões de cumprimentos é sinal de timidez, então os tímidos deste País podem estar descansados que ninguém os bate em à-vontade. «Discreto»?!... Se ser discreto é discursar a plenos pulmões perante uma enorme multidão como a do comício da Amadora, desafiando quem quer que seja a ir ao microfone apontar qualquer promessa eleitoral não cumprida pela CDU, ou vergastando a demagogia cavaquista com a crueza dos números oficiais dos factos da vida - isto reboando pelo Parque Municipal uma intervenção apaixonadamente proferida e aplau-

mercado de Benfica, animada mas encurtada por um compromisso do candidato para uma entrevista na rádio. Prosseguiria em almoço-convívio promovido por apoiantes da CDU num restaurante da Feira Popular, onde se almoçou em salão repleto e evidente boa disposição. Indo ao encontro do ambiente de confraternização que imperava, o candidato - sempre acompanhado pelo vereador comunista da Câmara Municipal de Lisboa, Rui Godinho - proferiu umas breves palavras de agradecimento pelo apoio expresso e assinalando a confiança num bom resultado da Coligação, rumando dali para uma visita aos bairros de Marvila e do Beato e contactos com a população, que tiveram particular significado no Alto dos Toucinheiros, onde uma pequena multidão se juntou perto da Comissão de Moradores para vitoriar a CDU e o seu primeiro candidato por Lisboa, ouvindo-lhe igualmente uma breve intervenção. Pelo meio ficaram



«Muito prazer em estar aqui consigo!»

diálogos curtos e cumprimentos dispersos ao longo do percurso, com as crianças em permanente agitação à cata de bandeiras e autocolantes, enquanto outros, mais velhos, se empenhavam em afirmar alto e bom som que «eu cá voto na CDU!». Rui Godinho era também frequentemente abordado e cumprimentado, num reflexo evidente do seu trabalho na

Câmara Municipal, sempre pautado pelo contacto directo com os munícipes e os seus problemas.

O tempo ameaçava chuva quando se rumou para a Amadora, mas não seria na «Cidade da Romã» que o temporal contrariaria a jornada, dando oportunidade a que o grande comício do dia se realizasse com todos os «efes e erres».



Os cumprimentos a Carlos Carvalho foram uma constante

bolsos em duas situações específicas - quando alguém o queria cumprimentar, ou se lhe punham um microfone à frente; o resto do tempo, dava ideia que o passava, se não colado às paredes das jornadas, pelo menos a caminhar «discretamente» ao longo delas.

Coisas de comunistas, já se vê...

O Carlos Carvalho que ali estava só correspondia à adjectivação do «outro», no tocante à educação. Lá educado, era, aí isso era. Mas «tímido»?!... Se entrar cafés adentro a conversar com as pessoas ou mergulhar em

dida - então o conceito de discrição que impera por esses órgãos de Comunicação Social é o da anedota do elefante que passa despercebido... em manada.

Como, aliás, andam tais relatos: em manada... mas pouco despercebidos. E nada discretos.

«Eu cá voto na CDU!»

A jornada começou de manhã com uma visita ao



A multidão que se encaminhou para o comício da Amadora em breve foi «engolida» pela outra que já aguardava no local

## No concelho de Loures

Dezenas de moradores do Bairro de Santiago, em Camarate, acolheram nas ruas e janelas o cabeça de lista da CDU por Lisboa, Carlos Carvalho, acompanhado pelo deputado Jerónimo de Sousa. Apoiado pelos populares que o incitavam com frases «p'rá frente Carvalhas» e «o nosso mundo tem de ser maior», o secretário-geral adjunto do PCP travou um breve diálogo com os presentes em que abordou importantes temas como a habitação, saúde, a situação dos reformados.

Ainda no concelho de Loures, onde de resto passou o dia de sábado, Carvalho contactou com a população de Urmeira, junto à colectividade Tenente Valdez, de Olival Basto e dos Tojais. Já para o fim da tarde, a comitiva da CDU participou num convívio promovido na Associação de Moradores de Sto. António dos Cavaleiros e depois num jantar com apoiantes no Pavilhão do Sacavenense.

Nesta iniciativa, o cabeça de lista da CDU denunciou as promessas não cumpridas pela maioria, destacando a construção da nave desportiva do Jamor. Demétrio Alves, presidente da Câmara Municipal de Loures, referiu também a vertente desportiva consagrada nas propostas da CDU, sublinhando que a coligação pretende um «desporto de massas e não um desporto para ganhar massas, como os outros o entendem».



Os jovens, no grande comício da Amadora

CDU



O almoço-convívio na Feira Popular



Na Quinta das Águas Livres e convívio foi num «bosque»

## Na «Cidade da Romã»

O programa original dizia que a etapa seguinte seria o Parque Municipal da Amadora, mas afinal rumámos para a «Quinta das Águas Livres» (que nos perdoem a eventual inexactidão, mas foi esse o nome que vimos escrito num edifício) onde, num bonito parque de merendas instalado no arvoredo, decorria desde o almoço uma festa CDU que tinha a abrilhantá-la um rancho folclórico da zona, que actuou expressamente para os visitantes. Foi no meio de uma multidão onde imperavam os grupos familiares, com crianças a pular por tudo o que era sítio, que Carlos Carvalhas subiu de novo ao palco no meio de aplausos entusiasmados e para uma curta alocução onde, a par da denúncia da demagogia de Cavaco Silva, reafirmou a necessidade do reforço da CDU para uma alternativa democrática no nosso país.

E foi em cortejo a pé que se seguiu para o bonito Parque Municipal da Amadora, numa multidão que, sendo significativa, foi como que «engolida» por outra multidão que aguardava no ginásio-desportivo do parque, numa moldura impressionante de gente. A «Carvalhesa» anunciou a chegada dos candidatos e a multidão, com destaque para os muitos jovens presentes, entrou ao rubro. Carlos Carvalhas não tinha, literalmente, «mãos a medir» para as mãos que se estendiam a cumprimentá-lo e, chegado ao palco na companhia de Orlando de Almeida,

o presidente comunista da CM da Amadora que suspendeu o mandato para integrar as listas CDU, do deputado do PCP António Filipe, do dirigente da UDP Luís Fazenda e do operário da Sorefame e candidato da CDU, Armando Faria, o grandioso comício entrou em erupção, com um mar de bandeiras e um coro impressionante de gente a vitoriar a Coligação Democrática Unitária.

Orlando de Almeida abriu a sessão por entre os vibrantes aplausos dos seus munícipes, passando em breve revista os problemas que a Câmara da Amadora tem enfrentado e resolvido e os outros - como os transportes ou o hospital (que está parado «por falta de verbas») - que subsistem por exclusiva responsabilidade do Poder Central, exercido por um Governo que tudo tem feito para controlar e estrangular as autarquias, indiferente aos interesses das populações.

### Isto não é um «bailinho»

Seguiu-se-lhe, no uso da palavra, Armando Faria e António Filipe (um deputado da juventude que deu relevo aos numerosos problemas que os jovens viram agravados com a política deste Governo), falando, finalmente Carlos Carvalhas, que chegou ao microfone entre monumentais aplausos.



Pormenor da enorme multidão que ocorreu ao Parque Municipal da Amadora

Fazendo uso da sua pro-palada «timidez», Carlos Carvalhas produziu um discurso impetuoso, usando aqui e ali a ironia, como quando verberou a ilusória bipolarização pretendida pelo PS, onde as coisas se passariam numa espécie de bailinho cuja letra seria «ora agora mandas tu, ora agora mando eu, ora agora mandas tu mais eu». A este propósito acentuou, com energia, que o que está em causa é a opção entre a continuação desta política de desastre nacional ou a concretização de uma política verdadeiramente de esquerda, para promover o bem-estar dos cidadãos e o progresso do País, recordando aos socialistas que o PS já ganhou duas vezes as elei-

ções e o que sempre fez das vitórias foi utilizá-las para salvar a direita e a sua política.

Mas o essencial do discurso do dirigente do PCP foi virado contra o PSD de Cavaco Silva e a sua demagogia desenfreada, com Cavaco Silva a bater todos os ridículos ao assumir-se como o único protagonista de tudo o que acontece no País. «De chefes providenciais já temos uma triste experiência de 50 anos!», acentuou, por entre os aplausos da multidão, ao mesmo tempo que expunha, na crueza dos números oficiais e dos factos vividos no País, a política que o PSD de Cavaco Silva tem prosseguido e agora procura desesperadamente esconder, devastan-

do a indústria, a agricultura e o ensino, a saúde e a assistência, desprezando os interesses nacionais no quadro da CEE, estrangulando o desenvolvimento do País, fazendo alastrar as assimetrias e a injustiça social, comprometendo o futuro do País e alienando-o aos interesses privados nacionais e estrangeiros.

E fez uma advertência: «Cada vez que vos aparecer uma nova sondagem a dizer que Cavaco vai ganhar, podeis crer que isso é sinal de que ele está cada vez mais longe disso!».

Apontando para o vigoroso apoio que tinha à sua frente, destacou finalmente que quem vota na CDU sabe e pode estar certo de que é um voto seguro na defesa dos

interesses dos portugueses, sem concessões nem vacilações, e que o reforço da CDU é indispensável para uma alternativa democrática no governo do País.

O resto do programa - jantar na Sociedade Filarmónica União Capricho Olivaleense e uma festa da Juventude no Largo do Chiado - ficou comprometido pelo violento temporal que desabou sobre Lisboa, o que não arrefeceu a boa disposição dos apoiantes que promoveram o jantar-convívio, deslocando a «função» para o interior das instalações e a toque da banda de música que aguardava os visitantes, gerando um convívio onde a animação foi a palavra de ordem.



### Coimbra

Na sexta-feira passada, Carlos Carvalhas participou em diversas iniciativas de campanha no distrito de Coimbra. O programa começou de manhã com uma visita à oficina da CP, na Figueira da Foz, onde manteve um encontro com delegações da administração e dos trabalhadores. Depois do almoço, no refeitório da empresa, Carvalhas, juntamente com outros candidatos da CDU, contactou a população na Baixa de Coimbra, após o que participou numa iniciativa com mulheres apoiantes da coligação e, mais tarde, num jantar com intelectuais, activistas e apoiantes da capital do Mondego. O dia terminaria com um grande comício-festa na Praça da Sé Velha.

# Com Carlos Carvalhas Intelectuais no Ritz-Club

Na noite da passada segunda-feira, o «Ritz-Clube», em Lisboa, foi literalmente invadido por intelectuais, que transformaram o popular recinto de diversão em vasto convívio a desembocar no apoio explícito à CDU. Os porquês são os que se seguem.

Em iniciativa promovida pelo Sector Intelectual do PCP, organizou-se na passada segunda-feira um encontro-convívio com intelectuais e quadros técnicos da Região de Lisboa, que teve lugar no Ritz-Clube. A conhecida casa alfacinha de espectáculos e diversão adiou para a meia-noite o início da

sua actividade normal, para receber um público especial numa realização ali invulgar: uma palestra vincadamente política, onde os convidados e oradores da noite eram todos comunistas: Carlos Carvalhas, Secretário-Geral Adjunto do PCP e primeiro candidato da CDU pelo círculo de Lisboa, Manuela Esteves, professora e membro do CC do PCP, o escritor José Saramago e o investigador científico Frederico de Carvalho.

O salão do Ritz em breve se povoou de animados convívios, que ocuparam tudo o que era sítio. Deve dizer-se que quase ocuparam de mais,

a ponto de a circulação se tornar um pouco a dar para o impossível, mesmo para chegar ao balcão em demanda de um «refresco». Mas o pessoal lá se ajeitou, evidentemente, enquanto na mesa ao fundo da sala, junto ao palco, os oradores iam também conversando sob o olhar atento dos jornalistas, que por seu lado se atarefavam a afinar a «tecnologia» numa mesa para si reservada perto dos convidados. No palco, propriamente dito, os músicos da casa aproveitavam a pausa para descansar e também conviver, podendo dizer-se que as únicas pessoas que ali não tinham tempo para con-

versas eram os afogeados empregados que, quase por magia, lá iam circulando no remoinho e levando as bebidas a bom porto.

Manuela Esteves introduziu a sessão com uma breve nota sobre as fundadas razões que os professores e todos os intelectuais têm para votar na CDU e, assim, seguramente contribuir para uma alternativa democrática que afaste do poder a desastrosa governação PSD, seguindo-se-lhe José Saramago no uso da palavra.

O conhecido escritor centrou a sua intervenção no binómio ensino-cultura, uma

relação que considerou essencial para o desenvolvimento do País e não encontrada explicitada em nenhum programa eleitoral, nem mesmo da CDU, embora no final esclarecesse que «é na CDU que existe o estado de espírito para o fazer» (a concretização dessa relação) «desde que disponha de meios para isso», o que só por si justificaria o voto na Coligação.

Frederico de Carvalho começaria por alertar, com graça, que «sou investigador mas não da Judiciária», partindo daí para a denúncia do desprezo a que está votada a investigação científica no

nosso país, com o Poder a preterir os nossos cientistas e técnicos a favor da «colonização económica e tecnológica do estrangeiro», realçando, neste quadro, a importância do programa da CDU consignado na afirmação de «Um Projecto de Futuro Para um Portugal Melhor», projecto que «não pode deixar de ser obra colectiva dos trabalhadores, numa sociedade democrática».

Finalmente falou Carlos Carvalhas (cuja intervenção transcrevemos nestas páginas), prolongando-se depois o convívio com baile de música ao vivo.

## «O que queremos transformar está todos os dias à vista»

Caros Amigos,

Julgo que são por todos conhecidos os nossos objectivos político-eleitorais. Apresentámos um Programa Eleitoral em que enunciamos com clareza e algum desenvolvimento as grandes orientações que defendemos para um governo democrático com uma política alternativa, ou seja, uma política efectivamente democrática.

Gostaria, hoje, de partilhar convosco algumas reflexões sobre questões que, sendo eminentemente actuais, são por vezes mais agitadas que verdadeiramente debatidas.

O nosso Programa de Partido define o projecto de uma democracia avançada no limiar do séc. XXI. O nosso Programa Eleitoral, toda a nossa acção política quotidiana, as raízes e a inspiração do nosso pensamento político, a nossa história passada e presente, como força política organizada, estão profundamente vinculadas a um rico e exigente conceito de democracia.

Entretanto, uma grande parte dos ataques persistentemente desferidos contra nós visa inculcar a ideia de que o nosso projecto não é genuinamente democrático ou de que temos reservas mentais em relação à democracia como valor civilizacional.

Escrevemos no nosso Programa que «a democracia política (...) possui um valor intrínseco pelo que é necessário salvaguardá-la e assegurá-la como elemento integrante e inalienável da sociedade portuguesa». Ora, nós, comunistas, demos já suficientes provas de que estas nossas afirmações são ditadas pela convicção, pela análise e ponderação independentes e devem por isso ser entendidas com todo o peso que de facto têm.

É claro que não é uma concepção deste tipo que nos distingue no campo democrático e da esquerda. Mas há, de facto, diferenças que não pretendemos sequer esconder, e que resumiria em três traços fundamentais.

**Primeiro:** Consideramos que a democracia representativa é uma componente intrínseca da democracia política. Assim como consideramos que no regime de liberdade que defendemos «as eleições são fundamento directo de poder político e da legitimidade da constituição dos seus órgãos». Mas, ao mesmo tempo, não abdicamos de exigir que seja assegurada a autenticidade da representação, que sejam realizados os princípios e as condições materiais e culturais que possibilitem a expressão genuína da vontade dos cidadãos.

Nós temos sido aqueles que de forma prática e teoricamente argumentada se têm batido contra todas as manobras de engenharia eleitoral que, deformando o princípio da proporcionalidade visam manipular a transformação dos votos em mandatos, contra as tentativas de reduzir drasticamente a pluralidade da representação política na formação dos executivos municipais. Temos sido aqueles que se têm batido pela participação activa e massiva dos cidadãos nas várias instâncias da decisão política, desde a escala local e sectorial à escala regional e nacional.

Não podemos ignorar que hoje, na sociedade portuguesa, como em alguns influentes centros político-ideológicos dos países capitalistas mais desenvolvidos, em nome da eficácia executiva, da tecnicidade crescente da acção governativa, das necessidades da integração, se vêm defendendo medidas que se caracterizam por um cada vez maior afastamento da imensa maioria dos cidadãos da decisão política sobre a sua própria forma de viver; que se caracterizam pela falsificação de maiorias e de consensos, pela manipulação da representação, pelos esvaziamento dos direitos a eleger e a ser eleito. Pelo contrário,

a nossa resposta às dificuldades, às limitações do alcance da democracia existente pode resumir-se numa reivindicação: é preciso mais democracia.

O segundo traço das nossas concepções nesta matéria é este: defendemos que a democracia representativa não esgota as formas possíveis e necessárias de exercício do poder do povo. E, assim, insistimos na componente participativa e directa da democracia, naquilo a que chamamos a participação popular permanente no exercício do poder, nas várias instâncias e esferas da vida social. A representação, a delegação da vontade é um mecanismo insubstituível, mas as sociedades modernas possuem já meios, forças e condições que tornam possível a ampliação das formas de auto governo dos cidadãos. E esse é desde há muito o ponto fundamental do projecto dos comunistas.

O terceiro traço: defendemos finalmente que o mais profundo e moderno conceito de democracia supõe e exige a articulação da democracia política, da democracia económica, social e cultural. Assim como insistimos em que o conjunto dos direitos, em crescimento no mundo contemporâneo, incluindo direitos individuais e de grupo, direitos políticos, mas também económicos, sociais e culturais. Este conjunto e aquela articulação são imprescindíveis para o conteúdo efectivo da democracia. Por isto, não podemos aceitar a concepção muito generalizada, mesmo se evitam afirmá-la claramente, que considera a vida económica, a organização e as finalidades da produção, às formas de propriedade e de apropriação da riqueza socialmente produzida como imune ou exterior ao âmbito da democracia. Não aceitamos, por exemplo, que a democracia tenha de parar às portas dos locais de trabalho, que os direitos sociais sejam expropriáveis por interesses económicos supostamente neutros e abstractos, mas realmente determinados pelo grande capital nacional ou internacional.

É este entendimento global e radical da democracia que nos permite escrever no nosso Programa que, «no Portugal do limiar do séc. XXI, o caminho do socialismo é o aprofundamento da democracia».

Nós continuamos a considerar que o projecto de acção dos comunistas representou e representa a formação e a libertação de poderosíssimas forças humanas, forças de emancipação social e individual, de autogoverno consciente dos trabalhadores e dos povos, de todos e de cada um.

A necessidade e a viabilidade histórica actual do projecto de acção e de esperança comunistas têm a sua fonte não apenas na riqueza de um ideal historicamente determinado mas na natureza, contradições e limites históricos da sociedade capitalista.

É certo que a sociedade capitalista conseguiu em parte aproveitar os efeitos da revolução científico-técnica e assegurar nos seus países mais desenvolvidos o crescimento das forças produtivas; é certo que direitos e possibilidades de vida têm sido conquistados com luta no seu seio.

Mas também é certo que esta sociedade se continua a basear na exploração do homem pelo homem e numa complexa rede de opressões daí derivadas, numa profunda desigualdade social e nacional à escala mundial, numa enorme expropriação dos chamados 3º e 4º mundos e continua a malbaratar as enormes potencialidades de emancipação humanas, entretanto geradas socialmente.

Estou a falar perante intelectuais. Vocês conhecem o enorme potencial de transformação, de criação, que existe no trabalho humano, na actividade científica, artística, cultural. A questão está também em saber se a lógica da acumulação capitalista e do lucro é a que melhor pode aproveitar esse potencial para satisfazer, renovar, ampliar e generalizar as necessidades, capacidades e aspirações das pessoas.

Permitam-me que me socorra de um clássico: «O comunismo não é para nós um estado de coisas que deva ser estabelecido, um ideal pelo qual a realidade terá de se regular. Chamamos comunismo ao movimento real que supera o actual estado de coisas. As condições deste movimento resultam da premissa actualmente existente».

Temos um projecto, representamos um projecto de futuro, mas somos também um «movimento de crítica, de luta e de transformação no presente».

O que queremos transformar está todos os dias à nossa vista. Pensamos que no nosso país existem forças e potencialidades que tornam política, ética e intelectualmente intoleráveis coisas como, por exemplo, o trabalho infantil; a expropriação de direitos sociais universalmente reconhecidos e duramente conquistados; o analfabetismo e a persistência de uma drástica selectividade de classe no acesso ao ensino e aos bens e condições de criação cultural; a miopia da política científica e tecnológica; as continuadas discriminações das mulheres.



CDU

Alvaro Cunhal nos distritos de Beja e Évora

# Confiança está viva no Alentejo!

Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, andou no último fim-de-semana por terras do Alentejo. No sábado, esteve no distrito de Beja, visitando 12 localidades de seis concelhos. No domingo, em pleno coração da planície alentejana, percorreu outros tantos municípios do distrito de Évora, detendo-se no contacto directo com as populações em oito vilas e aldeias. Ao todo, foram mais de seiscentos quilómetros percorridos sem descanso numa jornada que se prolongou em cada dia por mais de doze horas de acção e esclarecimento político e eleitoral.

Com este périplo do dirigente comunista cumpria-se assim a primeira semana oficial da campanha CDU numa região onde os eleitos comunistas e seus aliados exercem uma gestão autárquica em defesa das populações a todos os títulos exemplar e onde o PCP detém uma influência e prestígio cujas raízes escoram numa relação de identificação sem paralelo com os interesses e a luta dos trabalhadores e do povo.

Pela forma como as iniciativas decorreram, — entendendo-as quer ao nível da participação, quer no plano da recepção dispensada —, duas conclusões importa reter. A primeira tem a ver com o clima existente de confiança e ânimo na obtenção de um bom resultado eleitoral da CDU.

Em rigor, e para melhor traduzir o que nos foi dado observar, mais do que falar de esperança ou dessa confiança que visivelmente cresce, o que aparece no Alentejo é claramente a expressão de uma vontade colectiva apostada em infligir uma derrota à direita, capaz de abrir caminho a novos rumos na política nacional, designadamente a uma alternativa democrática que crie a base de apoio institucional a um novo governo e a uma nova política.

Esvaziada de sentido terá ficado também a ideia que procura mostrar a governação PSD como um exemplo acabado de «democracia de sucesso» — e esta é uma segunda conclusão a tirar do que foi possível ver e ouvir por terra do Sul — do mesmo modo que sem consistência ficou essa espantosa atoarda lançada pelo ministro Ferreira do Amaral, segundo a qual o PSD irá alaranjar o Alentejo, passando a primeira força política na região.

Quanto à alegada «democracia de sucesso», falam por si, para citar apenas alguns exemplos, o agravamento do despovoamento e da desertificação, o processo de destruição da Reforma Agrária e a supressão de dezenas de milhares de postos de trabalho, tudo como resultado directo da política dos governos de direita, em particular do actual.

No que se refere à suposta base de apoio susceptível de mudar aquele que até agora tem sido maioritariamente o sentido de voto do povo alentejano, ficou a saber-se que muitas das expressões de adesão popular em acções de campanha do PSD, generosamente ampliadas por oportunos planos televisivos, não passam, afinal, no que pelo menos ao Alentejo diz respeito, de bem conseguidas e ensaiadas encenações, protagonizadas por elementos de serviço na caravana, na sua maioria jovens, disponíveis para «ir a todas». «Aquilho que é apresentado como a obra do ministro Ferreira do Amaral não se vê no distrito. Nem um quilómetro de estrada ou um investimento estruturante, para amostra, foi feito no distrito. Ferreira do Amaral é daltónico. Évora não será laranja. Continuará CDU», garantiu Lino de Carvalho, no comício de Montemor-o-Novo, perante o aplauso de centenas de pessoas.

Em Pias, na véspera, no que foi sem dúvida um dos mais entusiásticos e combativos momentos de toda a jornada, Álvaro Cunhal pegaria também no mote para afirmar perante a massa de gente que enchia literalmente o salão que «a força que aqui está nesta sala, se eles a vissem, não viriam falar do Alentejo que vai votar na direita».

Contrariando os que alimentavam a esperança ou profetizavam uma campanha da CDU enfraquecida, com gente desalentada e recintos vazios, com efeito —, como o secretário-geral do PCP tratou de sublinhar em diversas ocasiões, numa alusão à forma como está a decorrer a campanha CDU, o que se vê é que «há afluência, há militância, há empenhamento das pessoas que aparecem em número crescente, e não apenas para bater palmas mas para participar activamente na batalha eleitoral».

E a verdade é que as acções de campanha do último fim-de-semana, se puseram em evidência a necessidade de continuar o esforço do convencimento dos que ainda não estão com a CDU com vista a alargar o seu espaço eleitoral e combater a abstenção, não deixaram de constituir, simultaneamente, uma eloquente demonstração do apoio e adesão popular às propostas da CDU, de que o caminho da esperança está aberto.



Mértola

## O voto seguro é na CDU!

Tudo começou no concelho de Odemira, mais exactamente em S. Teotónio, a maior freguesia do País em extensão. Zona essencialmente rural, e por isso mesmo, apesar de ser sábado, dia de trabalho para muita gente, muitos foram os que não quiseram faltar ao encontro, logo pela manhã, com Álvaro Cunhal. Foi um começo de jornada por terras do Baixo Alentejo onde o líder comunista ouviu mais do que falou. Problemas relacionados com a falta de assistência médica, com a abertura do centro de saúde, com a agricultura e especialmente com a situação dos reformados, foram alguns dos temas trazidos a lume pela voz de quem, no interior, tem dificuldades em perce-



Minas de S. Domingos

ber o significado de expressões como a que fala de uma alegada «democracia de su-

cesso», tão do agrado de Cavaco Silva.

Em Boavista dos Pinhei-

ros, segunda etapa da visita, acompanhado pelo presidente da Câmara de Odemira, Justino Santos, Álvaro Cunhal encontrou idêntica recepção, realçando na sua intervenção sobretudo os problemas de ordem social e na agricultura, designadamente o desprezo a que os homens do campo continuam a ser votados pelo Governo PSD. Considerando o problema dos reformados uma das áreas prioritárias do PCP, recordou as propostas dos deputados comunistas na última sessão legislativa com vista ao aumento das pensões e reformas, propostas que o PSD se encarregaria de chumbar, para logo decretar os célebres aumentos de 56 por cento para os detentores de cargos políticos.

### «Pérola de urbanismo»

Reiniciada a marcha da caravana, depois de serpenteada uma parte da serra, uma bela moldura de casario branco surgiu no vale desenhado pelo Mira. Momentos depois, em plena vila, parte dela percorrida a pé, falando para os que se



## CDU

concentraram junto à praça, Álvaro Cunhal falava do «banho de luz, alegria e beleza» que retivera ao avistar Odemira, em sua opinião «uma pérola de urbanismo» onde se sente o «carinho e arte» da mão dos homens.

Associando a beleza da cidade e a obra feita à forma como os eleitos comunistas interpretam os cargos públicos, o dirigente comunista expressou ainda a sua alegria por ver o trabalho realizado pela autarquia na «resolução dos problemas do povo».

Inesperada, pouco tempo depois, foi a paragem em Garvão, onde não estava

para o desenvolvimento da região. Lembrou a ratificação da lei da caça pedida pelos parlamentares comunistas, uma lei considerada profundamente iníqua que tem sido alvo da contestação da esmagadora maioria dos caçadores, como de resto ficou patente ao longo da jornada de fim-de-semana, pelos inúmeros protestos de quantos já não têm locais para caçar, a não ser, como ironizou uma mulher no dia seguinte, em Montemor-o-Novo, «os coelhos do quintal do vizinho».

Apesar da sua convicção de que os dois deputados pelo distrito estão garanti-



Plas



Garvão

prevista qualquer iniciativa. A isso obrigou a população — se não praticamente toda, como diziam alguns, sem dúvida que grande parte dela — que não hesitou em fazer parar a caravana, dando de seguida mostras de grande determinação em votar na CDU.

«Aqui os nossos votos estão certos», garantiu uma mulher, dirigindo-se a Álvaro Cunhal. Embora satisfeito e reconhecendo o carácter positivo de tal situação, contudo, que é preciso «convencer os que não estão convencidos», deixando por último o apelo a que ninguém falte no próximo dia 6 de Outubro.

### Caçar os coelhos do quintal

Em Ourique, onde a herança do PSD na Câmara, hoje CDU, foram 500 mil contos de dívidas, como lembrou José Filipe, presidente da edilidade, realizou-se o almoço que reuniu mais de centena e meia de participantes.

Prevista inicialmente para o interior do restaurante, dado o número de pessoas que concentraram no exterior, a saudação à população acabou por ser feita ao ar livre. A candidata Lourdes Hespagnol realçou então o facto de os deputados do PCP terem sido os que melhor defenderam os interesses do Alentejo, sendo simultaneamente os únicos que verdadeiramente têm projectos e propostas concretas



Boavista dos Pinheiros



S. Marcos da Ataboeira

dos, Álvaro Cunhal não deixou de sublinhar a importância de ninguém faltar ao próximo acto eleitoral, lembrando que cada voto é importante e que «quanto mais votos tivermos maior influência teremos na política nacional» no sentido de garantir uma alternativa democrática.

### Voto útil é na CDU

Em Castro Verde, em pleno jardim público, perante centenas de pessoas, coube a António Mur-

teira, responsável distrital do Partido e candidato pelo círculo de Beja anteceder Álvaro Cunhal no uso da palavra. Traçou um diagnóstico completo quanto aos principais problemas do distrito, explicou as razões pelas quais o voto útil é na CDU e não no PS, falou da obra realizada pelos comunistas e seus aliados nas autarquias e nos sindicatos em defesa dos interesses dos trabalhadores e das populações, deu a conhecer as principais propostas da



Castro Verde

CDU para o desenvolvimento do distrito, detendo-se ainda a desmontar a alegada «democracia de sucessos» de Cavaco Silva.

A este respeito, fazendo uma lista sumária, recordou designadamente a destruição de 500 cooperativas agrícolas, a supressão de 70 mil postos de trabalho ou ainda a incapacidade para aproveitar as riquezas e potencialidades existentes, de que são exemplo a não construção de Alqueva ou a ausência na região de metalurgias do cobre e do estanho.

### Partido de pé

Tocando num dos temas do seu discurso que, sempre que abordado, suscitou vivas e combativas reacções de entusiasmo — a identi-

dade do PCP, «Partido criado pela luta revolucionária dos trabalhadores portugueses», segundo as suas palavras — Álvaro Cunhal enfatizou a ideia de que ao contrário do que alguns supunham, antevendo um PCP desalentado e desmotivado, o que se verifica é um «reforçar das fileiras, da militância, da dinâmica partidária», facto que «aumenta a nossa responsabilidade perante o povo» e que «nos obriga», disse, a «ser firmes e a continuar a batalha com confiança».

Depois de um encontro com a população de S. Marcos da Ataboeira, segunda paragem não prevista no programa, forçada pela população que em peso saiu à rua para saudar a comitiva, a caravana tomou a direc-

ção de Mértola onde uma nova e calorosa recepção aguardava o dirigente comunista.

### Os autógrafos do Eusébio

Em frente ao Centro de Trabalho do PCP, belo e moderno edifício em fase de construção, interveio Miguel Ramalho, jovem candidato pelo distrito. Garantiu que Cavaco se engana redondamente quando diz que o Alentejo vai ser laranja, fundamentando logo de seguida a sua afirmação: «enquanto as bolas e as bandeiras autografadas pelo Eusébio não votarem, o Alentejo continuará CDU», a única força «com



Odemira

CDU

## Álvaro Cunhal nos distritos de Beja e Évora

provas dadas para resolver os problemas da região».

Boa participação e ambiente caloroso voltou Álvaro Cunhal a encontrar na passagem pela Mina de S. Domingos, lugar onde ouviu numerosos relatos descrevendo a vida trágica em que vivem centenas de pessoas. «Isto aqui é como se fosse Timor Leste», ouviu-se de um dos presentes, uma voz que não escondia a mágoa e a revolta de quem se sente condenado a uma situação de miséria provocada, primeiro, pelo abandono de uma administração (inglesa) que partiu há 30 anos de armas e bagagens sem dar explicações a ninguém, depois, por sucessivos governos incapazes de proceder à reestruturação indispensável à reactivação das minas de pirites de cobre.

### Baluartes do PCP

Mas seria à noite, em Pias, vila de tradições revolucionárias, onde é fortíssima a influência do PCP, que se viveria o momento porventura mais alto do programa desse dia. No amplo salão do cinema local, literalmente cheio por uma massa de gente entusiástica, sentiu-se bem a confiança e a determinação da gente que soube fazer da sua terra, a exemplo do que sucedeu com outras da Margem Esquerda do Guadiana como assinalou na sua intervenção Miguel Urbano Rodrigues, candidato pela CDU, «uma fortaleza da democracia, um baluarte do PCP».

## Dinâmica imparável

Procedendo no último fim-de-semana a um balanço sobre a forma como decorria a campanha da CDU, no exacto momento em que se cumpria a sua primeira semana oficial, Álvaro Cunhal distinguiu na acção da única Coligação concorrente ao próximo acto eleitoral cinco traços fundamentais.

O primeiro, frisou em diversas ocasiões sempre perante assembleias atentas, tem a ver com o aparecimento nas iniciativas de gente em elevado número, uma afluência que contraria o prognóstico de alguns observadores que esperariam ver recintos vazios.

O forte empenhamento das pessoas, a sua militância e entusiasmo, constituíram uma segunda característica da campanha CDU, de acordo com a opinião do dirigente comunista, que lembra ainda o facto de aumentar claramente o número dos que aparecem e não apenas para fazer figura de corpo presente mas para trabalhar com vista à obtenção de uma vitória eleitoral.

A circunstância de as forças políticas que constituem a CDU estarem unidas e de essa unidade conhecer mesmo provas de reforço contra a direita, afigura-se como um terceiro aspecto de enorme importância, na perspectiva de Álvaro Cunhal, para quem não deixa de ser igualmente relevante o facto de existir respeito, no quadro da CDU, pela identidade de cada uma das forças que a integram como sucede com o PCP, que «não se envergonha da sua natureza, da sua luta, dos interesses que defende».

«Mas não há apenas esperança. Cresce a confiança e não apenas num bom resultado eleitoral. Aquilo que se vê é a vontade e a confiança de que o povo vai dar resposta à direita, infligindo-lhe uma derrota que crie a base para uma alternativa democrática», considerou por fim Álvaro Cunhal, no que é em seu entender o quinto traço distintivo da campanha eleitoral da CDU até ao momento.

Idêntico ambiente voltaria a rodear Álvaro Cunhal cerca de uma hora depois na Amareleja, freguesia do concelho de Moura, onde com particular acuidade se fazem sentir os problemas do envelhecimento e da desertificação. A eles se referiu detalhadamente João Rocha, presidente da Câmara de Serpa e candidato CDU, ao recordar que só nos últimos dez anos o concelho de Moura perdeu nada mais nada menos do que três mil habitantes, continuando todos os dias a sangria de gente das suas terras. Problema igualmente sentido é o do escoamento da produção de melão — a única cultura que ainda se mantém devido à forte emigração — questão que Álvaro Cunhal retomaria na sua intervenção para referir que os agricultores serão confrontados com uma política de desastre e ruína, visível não apenas no problema do escoamento dos seus produtos a preços compensadores, como também nos altos custos dos factores de produção, nas indemnizações que não são pagas ou pagas com atraso, nos créditos bonificados que não há.

### Símbolo de resistência

Já no domingo, no distrito de Évora, onde foi acompanhado por vários dirigentes regionais do PCP e por vários candidatos, entre eles o cabeça de lista do distrito, Lino de Carvalho, Álvaro Cunhal iniciou o seu



Vendas Novas



Montemor-o-Novo

programa com um encontro com a população de Portel, a que se seguiu uma visita a Monte Trigo, lugar onde uma cooperativa — a «Flor do Alentejo» — é ainda a entidade que marca a vida das suas gentes.

Depois de passar por S. Maços e já em Torre de Coelheiros, onde era aguardado por centenas de pessoas, voltou a viver-se um ambiente de festa, que se prolongou por várias artérias, tantas quantas as que o secretário-geral do PCP percorreu acompanhado de uma pequena multidão e ao som de cantares alentejanos.

Durante o almoço, na UCP de Torre de Coelheiros, unidade da Reforma Agrária que detém cerca de dois mil hectares, afirmando-se como um símbolo da resistência e da ligação da cooperativa à aldeia, o dirigente comunista mostrou a sua satisfação por ali ver, ao contrário do que sucede noutras terras, marcadas

pelo envelhecimento e pelo abandono provocado pela emigração, muitos jovens e crianças, presença só possível devido à existência da cooperativa, a qual, sublinhou, trabalha, produz e é a garantia de condições de vida razoáveis à população da freguesia.

Criticando o que classificou de «criminosos ataques» desferidos contra a Reforma Agrária, Álvaro Cunhal apontou ainda aquele «foco de resistência» como um exemplo do que foi a Reforma Agrária e do que ele poderia ter sido se em vez da guerra aberta que lhe foi movida, ao contrário, lhe tivessem sido concedidos os apoios necessários.

A Reforma Agrária e a obra feita pelo poder local democrático onde os eleitos CDU estão em maioria, voltariam a ocupar um lugar de destaque na intervenção do dirigente comunista no comício em Arraiolos, realizado perante uma

plateia que enchia por completo o cinema local. Depois, foi a visita ao Escoural onde voltou a registar-se uma fortíssima participação popular. Após a partida do secretário-geral do PCP, imposta pela obrigação de cumprir o programa que ainda tinha pela frente, a população local efectuou uma romagem às campas de Casquinha e Caravela, militantes comunistas assassinados pela GNR, tendo nelas depositado ramos de flores.

### Grandiosos comícios

Dois momentos particularmente especiais, quer pelas manifestações de carinho e apoio, quer pela presença maciça de gente, estariam ainda reservados ao secretário-geral do PCP. Referimo-nos aos comícios em Montemor-o-Novo e em Vendas Novas, este último com a sala do pavilhão sociocultural repleta, comícios separados por um encontro com a população de

Cabrela, seguido de um jantar-volante em mesas montadas num dos largos da aldeia, no qual participaram em animado convívio centenas de pessoas.

Lino de Carvalho, ao intervir nos dois comícios, pôs a tónica dos seus discursos no apelo ao trabalho para conquistar para a CDU o voto dos que em 87 optaram por outras forças políticas e dos que ainda não estão convencidos, acentuando que a «mensagem do trabalho realizado pelos deputados comunistas dever ser levada a toda a parte».

Depois de recordar que a vida do Alentejo mudou radicalmente nos últimos 16 anos, graças sobretudo ao trabalho desenvolvido pela CDU, chamou a atenção para o facto de que seria possível viver melhor, não fosse a política do PSD, em sua opinião responsável pelo despovoamento e envelhecimento da região, pelas terras abandonadas e subaproveitadas, pela mais elevada taxa de desemprego no País.

Álvaro Cunhal, por sua vez, numa linguagem clara, pedagógica, realçou nos dois locais a necessidade de pôr fim ao governo de direita (sumariando as razões de tal objectivo que considerou central), explicou como a política actual penaliza fortemente os trabalhadores e outras camadas sociais, abordou a questão da alternativa e de como o voto útil e certo é na CDU, e analisou as propostas e o projecto da CDU.



Cabrela



## Luís Sá no Porto

**Activistas temos de ser todos**

Luís Sá, juntamente com outros candidatos da CDU pelo círculo do Porto, participou num conjunto de iniciativas promovidas, no último fim-de-semana, no âmbito da campanha eleitoral.

Luís Sá, cabeça de lista pelo Porto, e os candidatos Raul Castro, da Intervenção Democrática, Carlos Marques, da UDP, Marisa Torres, Manuel Almeida e Rosa Dias, acompanhados pela vereadora da Câmara de Matosinhos, Olívia Ferreira, começaram a manhã de sábado com um desfile que terminou no Mercado de Matosinhos onde contactaram vendedoras e com-

pradores para se dirigirem, em seguida, ao Bairro dos Pescadores, onde se desenvolve, há cerca de ano e meio, uma luta pela entrega das casas aos pescadores.

Depois de Olívia Ferreira ter apelado à participação dos moradores na Assembleia Municipal para, com a CDU, lutarem pela entrega das casas aos pescadores, Luís Sá lembrou que o governo nada fez pelo proble-

**A tarde com jovens**

A tarde do passado domingo foi dos jovens que se reuniram no Jardim Soares dos Reis, em Gaia, numa iniciativa da juventude CDU, a que não faltou música e animação.

A tarde começou com a intervenção musical de Ivo que já na Festa do «Avante!» encheu o «pub» da Organização Regional do Porto. Depois foi a vez de «Chalana», estudante do ensino superior e candidato na lista do Porto da CDU. Informal e desprezioso como é o seu estilo, começou por perguntar: «Qual é a coisa, qual é ela que, em vésperas de eleições, aparece na capa de todas as revistas e jornais?»

A resposta foi pronta e unânime: «É o Cavaco». A partir da resposta que considerou certa, «Chalana» falou de uma entrevista dada pelo líder do PSD ao «Público Magazine»:

«Não sou um solitário», disse Cavaco Silva, «quando pressinto que estou a ficar só ou abandonado, basta-me abrir as janelas da minha residência oficial não faltam concentrações de pessoas de todo o género e tipo. Há quem lhes chame manifestações de protesto, mas não acredito muito nisso. Passaram por lá políticos, intelectuais, polícias, professores, bancários e, ultimamente, muitos agricultores, todos para simpaticamente combaterem a minha solidão ou então para confirmarem a estabilidade que tenho vindo a anunciar».

Irónico, «Chalana» continuou a fazer falar Cavaco Silva: «Quando me perguntam o que é que eu quero dizer com a expressão democracia de sucesso, posso armar que é uma expressão bonita e fácil de entender: tomemos o exemplo do Vale do Ave, nunca se despediu tanta gente num espaço de tempo tão curto, isto, em termos de despedimento, foi um verdadeiro sucesso. Outro exemplo da democracia de sucesso foi a corrupção. Os meus ministros foram os mais corruptos e desonestos de sempre. Tive que despedir alguns porque estavam a fazer sucesso de mais...»

«A Juventude CDU integra um grande número de jovens muito diverso, amantes da música, operários, desportistas, actores, estudantes. Uns são feios e fortes, outros bonitos e jeitosos, gordos, magros, sérios, engraçados. Mas todos estamos unidos pela coragem e pela convicção de que é possível transformar o actual estado de coisas, votando CDU, dando um passo decisivo à construção mais justa, mais livre e fraterna com a imaginação e alegria que só nós possuímos».

A seguir falou «outro jovem», nas palavras de apresentação de «Chalana»: Luís Sá, cabeça de lista da CDU do Porto.

A importância do reforço da CDU através do voto, a necessidade de conquistar, pelo diálogo permanente, com amigos e conhecidos, mais votos para a CDU, como condição necessária para uma mudança de política através de uma alternativa democrática, foi a tónica da intervenção de Luís Sá. Os jovens ouviram em silêncio e com atenção, para depois a festa regressar e desta vez eram jovens e menos jovens que não resistiram ao apelo da música de Ivo e saltavam, rostos afoqueados que a tarde, além de nossa, estava quente...

ma da habitação, uma vez que o governo «não existe para resolver os problemas dos pobres, só resolveu os dos ricos». «Levantámos este problema na Assembleia da República e voltaremos a levantá-lo na próxima legislatura», disse o cabeça de lista da CDU.

A educação, saúde, a situação dos reformados foram abordados por Luís Sá que disse que o governo deu o 14.º mês aos reformados, mas deu um mês de pensões de miséria e o PSD votou contra a proposta do PCP na AR de aumento das pensões e o PS absteve-se».

Porque o PS não é «carne nem peixe», não diz com clareza o que vai fazer, Luís Sá apelou à necessidade de «dar muita força à CDU para construir uma ampla unidade». «Activistas da CDU temos que ser todos».

A mensagem CDU prosseguiu pela voz de Carlos Marques: «quem tem dinheiro tem casa, quem tem dinheiro tem saúde, quem tem dinheiro tem carro, quem tem dinheiro tem vida boa — e quem não tem dinheiro? É preciso uma nova maioria que não governe só para os ricos». Depois foi a vez de Raul Castro garantir que «o voto na CDU é o voto com toda a confiança, quem vota na CDU não se arrepende», o que aliás, foi dito por José Alegre, da Associação de Moradores do Bairro de Pescadores: «os partidos vêm agora com promessas, mas o PCP/CDU anda conosco há ano e meio nesta luta».

A visita aos bairros continuou, acompanhada a caravana por uma fanfara que animava as pessoas com os seus tambores, debaixo de um sol de derreter, pouco próprio desta época. Depois do Bairro da Biquinha, cerca de uma hora e meia, a sala do restaurante encheu-se com os activistas e apoi-

antes da CDU com farto apetite depois de uma manhã de exercício.

Não faltaram os «parabéns a vocês» já que um dos presentes festejava o seu aniversário entre amigos e companheiros de luta, irmanados no objectivo de reforçar a CDU. E, por aniversário, dizia uma das activistas, numa pausa para beber qualquer coisa fresca no Centro Cultural do Bairro da Biquinha; justificando a necessidade de se sentar: «Faço 67 anos no dia 7 de Outubro, vamos a ver a prenda que vou ter...»

**Em Miragaia**

No Porto, na histórica freguesia de Miragaia, na noite de sábado passado, Luís Sá, cabeça de lista da CDU por este círculo, lançou a Fernando Nogueira, que encabeça a lista do PSD e afirmou conhecer o Porto melhor que ninguém, o de-

safio de o demonstrar através de um debate público.

«Que finalmente aceite um debate em torno dos problemas da cidade», foram as palavras de Luís Sá para Fernando Nogueira e acrescentou: «O PSD tem muito a responder perante o povo do Porto e perante o povo de Miragaia».

A grave situação da habitação, particularmente no Centro Histórico da cidade, em que as casas, para além de património dos moradores, são património dos portugueses, foi uma das tónicas da intervenção.

Luís Sá, que referiu «outros partidos, do grande capital, que pagam milhares de contos a artistas», disse que, a campanha da CDU, os seus artistas, são do povo e para o povo».

Importante, para Luís Sá, é «fazer um grande esforço para evitar que haja tanta gente que vota contra si própria».

**No refeitório**

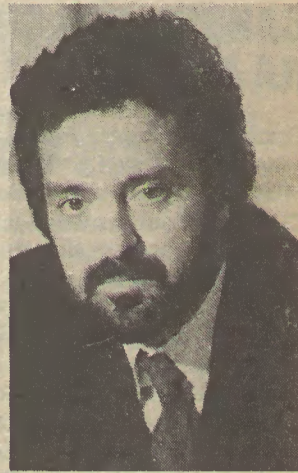
Acompanhado de dirigentes sindicais, Luís Sá, cabeça de lista da CDU pelo Porto, esteve na passada quinta-feira, à hora do almoço, no refeitório de uma obra de construção civil, falando com trabalhadores.

Apresentado por Albano, dirigente do Sindicato que disse aos trabalhadores que a CDU era a força que no Parlamento era a voz dos que defendem os interesses e direitos dos trabalhadores nas empresas, nos locais de trabalho, Luís Sá dirigiu-se a um ruidoso grupo de homens, muitos jovens e alguns quase crianças, que procuravam retemperar forças depois de uma manhã de trabalho. No espaço de tempo que a CDU ali esteve foi possível perceber que, no sector, o problema da segurança é o mais grave e mais sentido.

«É preciso melhorar as condições de trabalho para desenvolver as indústrias e resolver os problemas da habitação e do mobiliário», lê-se num documento da CDU dirigido aos trabalhadores do sector.

Martinho, 15 anos e rosto que aparenta menos, é ajudante de carpinteiro e trabalha das 7 da manhã às 8 da noite. Fez o 2.º ano do ciclo, ganha 300 escudos à hora e gostava mais de fazer outra coisa.

José Carlos, 20 anos, é ferrageiro e trabalha à hora. Ganha 580 escudos por hora. Não tem opinião sobre os sindicatos e acha que os partidos são todos iguais. Ainda assim vai votar e sabe em quem. Outro ferrageiro, o Francisco, trabalha 10 horas por dia e ganha 520\$00 à hora. «Podiam aumentar um bocadito mais os ordenados», diz. Do sindicato diz que é bom, já foi ajudante de motorista e é o primeiro ano que está na construção civil. Dos partidos diz que são diferentes, há os que defendem os trabalhadores e os que não defendem. De Penafiel é o Américo Magalhães de Sousa. Tem 19 anos e aproxima-se para dizer: «Eu e os meus colegas até temos votado neste.»



Na noite CDU de Miragaia, nos Arcos, o primeiro orador, o jovem engenheiro Rui Sá, começou por afirmar ser com comção que regressa a Miragaia. «Aqui vi coisas que não julgava possíveis, mas vi sempre o povo de Miragaia com um sorriso, com confiança, com a confiança que nos anima» disse o candidato que agradeceu à população tudo o que lhe tinha ensinado. «Que estabilidade?», perguntou Rui Sá depois de dizer que, em 1990, 60% dos contratos dos jovens foram a prazo, e que metade dos desempregados são jovens.

A propósito do anúncio da redução do Serviço Militar Obrigatório, Rui Sá desafiou Fernando Nogueira, cabeça de lista do PSD pelo Porto e ministro da Defesa, a assumir as suas responsabilidades. É que, disse, «não basta reduzir o SMO, é preciso criar condições para que os jovens o cumpram com segurança». E lembrou o trágico acontecimento que, durante a semana passada, levou à morte um jovem dos Comandos.

Joaquim Nascimento, presidente da Junta, completa este ano dez anos de mandato eleito pela CDU. Saudou os jovens do grupo «Virtudes», todos naturais da freguesia, que tantas vezes, disse, ouviu ensaiar quando passava pelas ruas da freguesia. São jovens como estes que mostram que é possível lutar e resistir e tentar concretizar os seus sonhos.

CDU

## CANDIDATOS CDU NA ARRÁBIDA

Octávio Teixeira, deputado do PCP e cabeça de lista da CDU pelo círculo eleitoral de Setúbal, e o deputado André Martins, do partido «Os Verdes», igualmente candidato CDU, estiveram na semana passada na serra da Arrábida, onde se inteiraram da situação do incêndio que ali deflagrou.

Octávio Teixeira declarou aos órgãos de comunicação presentes que é um «aspecto positivo que o fogo não tenha atingido a zona crítica da serra. A outra face da moeda é a da contínua deflagração de incêndios em todo o país, sem que os meios disponibilizados pelo Poder Central se mostrem suficientes, bem ao contrário».

O candidato referiu a morosidade do único avião de serviço que levou três horas desde a Base Aérea do Montijo até ao local do sinistro, para ali fazer uma única descarga.

Octávio Teixeira e André Martins contactaram os comandantes dos Bombeiros Voluntários e Sapadores de Setúbal, assim como o director da Reserva Natural do Parque da Arrábida.

## COMPROMISSO LABORAL ASSUMIDO EM AVEIRO

Activistas e candidatos da CDU estão a distribuir um documento junto das principais empresas do distrito de Aveiro, que divulga o compromisso eleitoral de levantar, na próxima legislatura, um conjunto de questões essenciais no domínio do trabalho. O compromisso preconiza a revogação do pacote laboral, em todos os aspectos negativos para os trabalhadores, a aproximação dos salários no distrito às médias nacional e comunitária, aumentos salariais que acompanhem os aumentos de produtividade, a redução do horário de trabalho para um máximo de 40 horas semanais, a passagem a efectivos dos trabalhadores com vínculo precário, quando ocupem postos de trabalho permanentes. O documento divulgado é ilustrado com foto e biografia dos candidatos da CDU que pela sua actividade se encontram ligados à defesa dos interesses dos trabalhadores do distrito.

## FALTA DE SEGURANÇA NA INSTRUÇÃO MILITAR

O secretariado da DN da JCP lamentou profundamente, em nota emitida, os dramáticos acontecimentos ocorridos na quarta-feira da semana passada, durante uma longa prova de marcha de instruídos do regimento de Comandos, que levou ao internamento hospitalar de cinco destes jovens, acabando um deles por falecer na quinta-feira passada.

«Estes acontecimentos, tais como os ocorridos em ocasiões anteriores demonstram que a instrução militar, designadamente nas tropas especiais, continua a processar-se em condições não transparentes e de falta de segurança, provocando graves acidentes, em que já vários jovens perderam a vida», refere o texto divulgado. «A JCP, que há muito vem alertando para a falta de

condições de segurança na instrução militar, chegou a apresentar um projecto de lei que contemplava medidas, que visavam entre outros aspectos garantir condições de segurança na instrução, mas que foi recusado pela maioria PSD na AR».

As situações ocorridas chamam a atenção para a «necessidade urgente de alterar e dignificar as actuais condições de prestação do SMO e revelam com clareza que o Governo PSD nada fez para dignificar o seu cumprimento e continua a pactuar com a perda de vidas humanas, sem se preocupar com o apuramento de responsabilidades», termina o comunicado que exige o apuramento dos factos e dos responsáveis pelos acontecimentos de 18 de Setembro.

## LEIS PARA QUÊ?!

O CDS, o PSD e o PS aprovaram na CM de Lisboa uma disposição legal que limitou drasticamente a colocação de propaganda na capital.

Mais tarde a própria Assembleia da República, com os votos do CDS, PSD e PS, aprova uma regulamentação para propaganda, tão escandalosa que na altura o PCP pediu a sua inconstitucionalidade.

É por tudo isto, hoje, estranho verificarmos que o PSD e o CDS, em plena campanha eleitoral, entram em conflito com leis que aprovaram, ao colocarem milhares de pendões e cartazes entre o Marquês de Pombal e a Praça do Comércio, que como é do conhecimento público, são zonas interditas à colocação daquele tipo de propaganda.

Este exemplo comprova que as leis que o CDS e o PSD aprovam, quando não servem os seus interesses, são letra morta. A CDU, como se afirma numa nota da direcção da Organização de Lisboa, «apesar de discordar da regulamentação de propaganda, tem procurado cumpri-la, e por isso não colocou neste eixo central de Lisboa qualquer propaganda que fira a legalidade vigente. Estranhando alguma ineficácia dos serviços de publicidade exterior da CML, a CDU exige que a lei seja cumprida.

## Álvaro Cunhal em Faro:

# Há força bastante para uma

O comício realizado pela CDU na cidade de Faro, com a presença do camarada Álvaro Cunhal, esteve ao nível dos maiores que desde sempre se realizaram na capital algarvia. Foi a resposta, também aqui no Algarve, aos que esperavam uma CDU derrotada, sem chama e combatividade. «O que vejo em Faro — afirmou Álvaro Cunhal — dá confiança e demonstra que no Algarve há força bastante, apesar de o nosso caminho não ser fácil, para uma grande votação na CDU».

Referindo-se aos apelos para o «voto útil» feitos pelo secretário-geral do PS ao eleitorado da CDU, Álvaro Cunhal sublinhou «a existência de milhares de razões para que os socialistas agora votem na CDU e não o contrário», o mesmo acontecendo com os do PSD.

«O voto justo e certo é na CDU. Certo porque dá

defesa dos interesses do Algarve» como o provam a defesa da regionalização, o apoio à Universidade, o combate aos erros do PROTAL e a luta pela rectificação do traçado da Via do Infante.

Do compromisso eleitoral «Por um Algarve Melhor» salientou, como ponto primeiro, a proposta de um Plano de Desenvolvimento Económico para a região que, tendo no Turismo uma importante alavanca, conduza de forma integrada à reanimação dos outros sectores e da economia.

Quanto às propostas do PSD para o Algarve, Carlos Brito considerou ser «o programa laranja muito cor-de-rosinha dando a ideia que tudo vai pelo melhor». Em relação ao PS afirmou ser a «casa comum da esquerda» uma «promiscuidade» quando os socialistas apresentam como candidato pelo Algarve um ex-

formas de miséria, dos estragos causados pelos arrastos espanhóis. Então de entre eles um pegou no microfone, disse que «tinha pouco a falar, só queria pedir ao senhor doutor para não mudar o nome do partido nem a bandeira, porque foram sempre os comunistas que defenderam a classe operária». O secretário-geral do PCP descansou o camarada quanto ao seu pedido, este perto do jornalista exclamou, «assim é que deve ser!».

Nas Cabanas, nova paragem da caravana, tempo para a bica num pequeno café, um acolhimento fraterno de camaradas que queriam falar com Álvaro Cunhal e os candidatos presentes. Um deles, ao nosso lado, tentava romper junto à porta do café dizendo: «já estou velho e quero ver o meu camarada de perto, talvez pela última vez». À saída, a conversa com os pescadores, os mesmos pro-

grande dinamizador de uma unidade cada vez mais ampla, um partido que lutou sempre com o povo e o olha de olhos nos olhos».

Interrompido por gritos de «PCP, PCP», Álvaro Cunhal afirmou: «assim somos, assim queremos ser». Nas faces de muitos a emoção mal contida, mesmo uma lágrima rebelde mas, como nos dizia um jovem, «assim também se vê a força do PC».

Em Montegordo a caravana da CDU foi recebida com grande entusiasmo pela população. Até ao local do mini-comício, o secretário-geral do PCP foi rodeado por muitas pessoas que o queriam saudar e, ao mesmo tempo, expor os seus problemas mais prementes. Foi um percurso de cerca de 100 metros que «custou» a fazer, mais uma resposta aos profetas do isolamento. Álvaro Cunhal alertou para «que não falte



força a uma política capaz, seguro porque os candidatos se apresentam ao eleitorado a falar a verdade e porque contribui efectivamente para uma convergência democrática indispensável para a formação de um novo governo».

No termo da sua intervenção apelou à participação de todos nas iniciativas da campanha «que não se faz só com os que falam nas tribunas», aos jovens «que intervenham com a sua própria experiência e não como decoração de comícios» e às mulheres «com a sua alegria e confiança».

Carlos Brito, cabeça de lista pelo Algarve, salientou que «os candidatos da CDU podem apresentar em seu benefício as provas dadas, designadamente pela actualização dos deputados do PCP que têm sido os mais dinâmicos e intervenientes na

-ministro das Corporações de Marcelo Caetano.

No comício falaram ainda o independente Manuel Afonso Dias, André Martins, do Partido Ecologista «Os Verdes», e Vítor Ruivo, membro do Conselho Nacional da UDP, que deixou a todos a advertência em jeito muito algarvio: «dêem a maioria ao Cavaco e esperem pela pancada».

A chegada a Santa Luzia, primeira paragem do programa, da caravana automóvel que acompanhava Álvaro Cunhal, quase coincidiu com o começo da chuva. De baixo das árvores do Largo foram-se juntando os que queriam ouvir o secretário-geral do PCP. Carlos Luís Figueira exortava os presentes a virem expor os seus problemas, conversar com os candidatos da CDU. Os pescadores falaram dos problemas da barra, das re-

blemas com a barra e «os primos» espanhóis que dão cabo das redes.

Álvaro Cunhal falou das propostas da CDU para o sector das pescas e em particular para os da costa algarvia, para o problema dos deficientes, realçando a necessidade de uma grande votação na CDU, importante para a constituição de um governo democrático».

A etapa seguinte levou a caravana a Vila Real de Santo António. Na Praça Marquês de Pombal esperavam muitos apoiantes da CDU há mais de hora e meia. Bandeiras da CDU, do PCP e da JCP davam colorido à praça principal da cidade pombalina, um clima de confiança e franca adesão à CDU.

Álvaro Cunhal falou das campanhas contra a CDU e o PCP, «desinformando sobre o que é o Partido como

nenhum voto na CDU», sendo necessário também ganhar os que não votaram anteriormente, para «o voto necessário e de mudança».

Referindo-se ao Partido, «atacado devido acontecimentos distantes», salientou que «quanto mais nos atacam mais respondemos com a nossa unidade, o nosso combate e a nossa confiança, enfrentamos as dificuldades de frente com o nosso grande colectivo». Do entusiasmo de Montegordo partiu a caravana para Tavira, onde chegou já noite cerrada. Para surpresa de alguns, muitas dezenas de pessoas esperavam no Largo fronteiro ao município, apesar do atraso verificado. Aqui estiveram mais em foco os problemas dos agricultores, do traçado da Via do Infante e, também, inevitavelmente da pesca.

CDU

# grande votação na CDU

A mesma mensagem de confiança num bom resultado para a CDU.

De Tavira seguiu-se para Olhão, no jantar ao ar livre juntaram-se cerca de duas centenas de apoiantes da CDU, alguns deles, já há algum tempo, menos assíduos nas iniciativas. Mais uma prova de que é sempre possível ter razão mesmo que não se tenham as circunstâncias.

Depois do retemperar de forças, a caravana, substancialmente aumentada, seguiu com toda a confiança para o comício de Faro.



## Leiria Juventude está com a CDU

Jovens dirigentes do Associativismo Juvenil, sindicalistas, eleitos nas Autarquias, Rádios Locais, músicos e desportistas, apoiam a CDU e acreditam que a eleição do deputado pelo círculo de Leiria está cada vez mais ao alcance da CDU. Seguem-se os nomes dos jovens que manifestaram apoio à coligação.

• Bruno Silva (18 Anos - Estudante. Músico/Banda Rock «Vento Irreal»)

• Carlos Santos (18 Anos - Estudante. Dirigente Colectividade/Ordem)

• Fernando Figueiredo (26 Anos - Metalúrgico de Moldes. Eleito na Ass. Municipal/Coordenador da CMJ)

• Filipe Miguel (20 Anos - Locutor de Rádio «Rádio Cardal»)

• Hélio Santos (19 Anos - Estudante. Dirigente Colectividade/Olho Marinho. Gru-

po Coral de «Música Portuguesa»)

• João Carlos (Tites) (20 Anos - Futebolista)

• João Silva (24 Anos - Electricista - Instrutor Graduado de «TAEKWON-DO»)

• José Parreira (21 Anos - Locutor de Rádio - Rádio Litoral Oeste. Óbidos)

• Luís Serrão (23 Anos - Desenhador - Membro da CMJ-2º Secretário)

• Nuno Almeida (23 Anos - Pescador - Dirigente Sindical - Pescas Peniche - Eleito na Ass. Freg. de Ajuda)

• Norberto Santos (25 Anos - Funcionário Público - Dirigente do Clube Desportivo Garcia)

• Miguel Lopes (21 Anos - Técnico de Desporto)

• Paulo Folhas (25 Anos - Músico/Banda Rock «Provisórios»)

## DEBATE NÃO REALIZADO

Ao contrário do que estava anunciado, não se realizou um debate entre os cabeças de lista da CDU, PS, PSD e CDS na «Rádio Voz da Ria». O gabinete de imprensa da CDU de Aveiro divulgou a este propósito uma nota em que considera que «a falta de Ângelo Correia, ou de qualquer outro representante do PSD, num debate proposto em Julho e para o qual foi confirmada a sua participação, demonstra desrespeito pela comunicação regional e pelo auditório da estação de rádio, pela população de Estarreja e de outros concelhos que aguardavam aquele debate». A ausência de Ângelo

Correia demonstra também que ele e o seu partido «não cumprem os seus compromissos, não merecendo por isso o voto do eleitorado».

A CDU através do seu cabeça de lista, Jorge Amaro, expressou a sua vontade de efectuar o debate com os candidatos do PS e do CDS, proposta que não obteve o consenso. A recusa por parte de Ferraz de Abreu (PS) e de Girão Pereira (CDS), segundo afirma a nota da CDU, «não fica muito distante da posição de Ângelo Correia», revelando igualmente «falta de consideração por aquela rádio, pelo seu auditório e demonstra que faltando a polémica artificial com o partido do Governo, o PS e o CDS ficam sem nada para dizer às populações».

## BOM ANDAMENTO DA CAMPANHA EM BRAGA

Em conferência de imprensa realizada na passada segunda-feira, a CDU do distrito de Braga tomou pública uma análise dos primeiros dias de campanha, realçando que já foram percorridos numerosos concelhos e que «quase só a coligação tem dado resposta no terreno e palmo a palmo às actividades de propaganda do PSD, claramente ilustrativas das inquietações relativas à hipótese efectiva e não apenas retórica da perda da maioria absoluta». A CDU adverte que «qualquer ilusão de voto útil no PS para derrotar Cavaco apenas conduzirá em Braga à eleição de um deputado do

CDS, pondo em risco a continuação do deputado comunista».

## ELEITO PSD PERDE MANDATO POR FALTAS

Mais uma vez um eleito PSD na Junta de Freguesia de Palmela perdeu o mandato por faltas. A CDU denuncia a falta de vontade manifestada pelo presidente da Junta que recusa incluir na ordem de trabalhos da próxima Assembleia de Freguesia a eleição de um vogal, menosprezando assim a urgência de repor a composição total dos eleitos. A CDU apela ao PS para demarcar-se da atitude do PSD e apoiar a exigência de eleger um novo elemento para a Junta, de modo a restabelecer o normal funcionamento da Junta de Freguesia.

## Jovens apoiam CDU em Setúbal

A Coordenadora Distrital da Juventude CDU reunida na passada quinta-feira decidiu apresentar publicamente alguns dos nomes dos jovens apoiantes da CDU no distrito de Setúbal.

A Juventude CDU engloba um grande número de jovens ligados a variadíssimas áreas de intervenção juvenil, abrangendo diversos interesses e opiniões. E, no entanto, sendo tão diferentes, estão unidos e convictos de que é possível mudar o actual estado de coisas, e fazer o Amanhã Melhor votando CDU, dando assim um passo decisivo na construção de uma sociedade mais justa, com toda a força, imaginação, alegria, paixão e irreverência que é própria aos jovens.

• António Maria Fernandes (26 anos, dirigente associativo).

• Maria José Cruz (25 anos, Membro da Assembleia de Freguesia de Alcochete).

• Lucinda Alcobia Santos (23 anos, Membro da Assembleia de Freguesia de Alcochete).

• Maria de Fátima Bárto (19 anos, Estudante).

• José Miguel Carriço (24 anos, Membro da Assembleia de Freguesia de Alcochete).

• Fernando Rei (27 anos, Dirigente da Coopohabitual — Cooperativa de Habitação de Alcochete).

• José Francisco Maduro Pinto (18 anos, Músico).

• Carmen Dolores Mártires Marcelino (23 anos, Estudante Universitária, Membro da Assembleia de Freguesia do Castelo).

• Maria Amália Martins Rebo (25 anos, Prof. Educação Física, Membro da Assembleia Municipal de Sesimbra).

• Eulália Maria Balixa Romão (21 anos, Campeã Europeia de Halterofilismo, Ginásio Clube do Sul)

• Fernando José Carreira Paulino (26 anos, Delegado Sindical do STAL).

• António Santos (25 anos, Dirigente Juvenil, Técnico na área da Juventude na Câmara Municipal do Seixal, Desportista).

• Paulo Silva (25 anos, Licenciado em Direito, Dirigente Juvenil — Pertence a Com. Dinamizadora da Casa Municipal da Juventude do Seixal).

• Ana Teresa Travassos

(17 anos, Ligada ao Mov. da Moda/Estudante).

• Maria João Macau (26 anos, Licenciada em História, eleita na Junta de Freguesia de Corroios).

• Rui Dias (26 anos, Gráfico).

• Paula Salvador (20 anos, Ligada ao Movimento Associativo de Base Local).

• Ferdinando Lampreia (17 anos, Estudante — Actor/Grupo de Teatro «OPUS»).

• João Manuel Marques (30 anos, Futebolista — Grupo Desportivo do Montijo)

• Nuno Lavrado (29 anos, Estudante de Economia, Membro da Assembleia Municipal de Alcochete).

• Maria Helena Teixeira (27 anos, Técnica Superior de Informática).

• Ivone Guerra (23 anos, Estudante de Direito).

• Dora Canteiro (20 anos, Estudante de Sociologia).

• Eurico Sequeira (29 anos, Professor e Delegado Sindical — Esc. C+S Alcochete).

• Adelaide Boieiro (24 anos, Trabalhadora-Estudante).

• Mário Luís Canteiro (23 anos, Torneiro Mecânico).

• Nelson Alexandre Carvalho (17 anos, Secretário da DAE da Esc. Secundária do Feijó).

• João Augusto da Cruz Pinto Esteves (20 anos, Presidente do Conselho Fiscal da DAE — Esc. Sec. Fernão Mendes Pinto).

• Paula Gonçalves (26 anos, Delegada Sindical do STAL).

## Esclarecimento

Do nosso camarada André Machado Jorge, da célula de juristas da Organização Regional de Lisboa, recebemos o seguinte pedido de esclarecimento:

«Na edição de 13 de Setembro de 1991 do jornal «O Independente» figura um artigo intitulado «Célula vazia», aliás, anunciado no rosto desse jornal sob a designação «Juristas saem do PCP».

«Aí, entre outros, é referido o meu nome, sendo-me atribuído o propósito de abandonar o nosso partido.

«Nada de mais falso, no que me diz respeito.

«Na verdade, para além de ser estranho e alheio ao que nesse artigo se diz, não quero, nem nunca quis, deixar de militar no PCP.

«Independentemente de ter já feito este desmentido junto daquele jornal, peço que o presente esclarecimento venha a lume no «Avante!» logo que possível.»



## TRABALHADORES

## Privatizada há menos de um ano Centralcer ameaça postos de trabalho

Dominada por um grupo empresarial colombiano desde a sua privatização há menos de um ano, a fábrica de cerveja de Coimbra (Centralcer) pode vir a encerrar para reabrir com menos pessoal.

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Bebidas da Região Norte e Centro, através de Joaquim Brandão, seu assessor jurídico, pôs em causa, em declarações à Lusa, as «verdadeiras intenções» dos administradores.

Como já aconteceu noutros casos de privatização, é legítimo supor que a «nova» Centralcer tente acabar com postos de trabalho efectivos, entrando por sua vez na via da pré-reforma e do despedimento colectivo.

A fábrica de Coimbra emprega 250 pessoas, sendo

meia centena as que trabalham directamente na produção.

Apesar do relativamente reduzido número de trabalhadores, para uma empresa que pela certa não dá prejuízos, a Centralcer tem seguido, diz Joaquim Brandão, «uma política de redução dos postos de trabalho».

Segundo o assessor sindical, a empresa já entrou em negociações com os representantes dos trabalhadores, no sentido de alguns aceitarem a pré-reforma.

Refira-se que a própria Câmara de Coimbra manifestou recentemente a sua preocupação perante um eventual encerramento do sector produtivo da Centralcer.

O presidente da Câmara, Manuel Machado, ao re-

ferir-se ao processo de privatização, disse que «não foram devidamente acauteladas questões de relevância social».

Segundo a Lusa, o autarca realçou a importância da fábrica de cerveja para a região e reclamou a manutenção dos postos de trabalho.

Ouvida pela mesma agência noticiosa, fonte das relações públicas da Centralcer disse não haver, «por enquanto», qualquer decisão sobre o assunto.

No entanto, a mesma fonte considerou «natural» que a nova administração faça uma análise profunda da situação da empresa».

A Centralcer não tem mostrado dificuldades de qualquer espécie.



## 21 anos da CGTP

Com estímulo às iniciativas nos locais de trabalho, a CGTP-Intersindical Nacional comemora o 21.º aniversário da sua fundação.

De acordo com as conclusões do seu Conselho Nacional, de 6 do corrente, o aniversário de 1 de Outubro decorre sob o lema «CGTP — 21 anos com os trabalhadores».

Entre as iniciativas anunciadas a semana passada, destaca-se a promovida pela União dos Sindicatos de Setúbal, com uma sessão solene no salão nobre da Câmara Municipal.

## A pretexto da modernização

### Eliminados 16 mil postos de trabalho no sector químico e farmacêutico nos últimos oito anos

A Federação dos Sindicatos da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás (Fequifa) garante que «a diminuição do emprego no sector não é inevitável e ainda pode ser contida, se o próximo governo tomar as medidas que se impõem».

A Fequifa, que promoveu um encontro sobre o assunto, sexta-feira passada, sublinhou que «nos últimos oito anos, de Março de 1982 a Março de 1990, foram eliminados 16 mil postos de trabalho no âmbito abrangido pelas convenções colectivas do sector químico

e farmacêutico, ou seja, em média, 2000 por ano».

Para a Federação, o futuro não parece mais animador. Várias empresas — afirma — manifestam a intenção de acabar com mais postos de trabalho, enquanto «alguns subsectores» estão a passar por dificuldades.

«Democracia de sucesso» e «aumento de emprego» são expressões sem significado no sector.

Também a situação quanto aos direitos dos trabalhadores merece forte

contestação da parte da Fequifa.

Para a Federação, também nesse aspecto mais geral se verifica «uma intensificação da ofensiva do Governo e do patronato».

É referida especialmente «a famigerada flexibilização da legislação laboral», bem como «o desrespeito sistemático das leis e das convenções colectivas».

É de notar que na plataforma apresentada pela CGTP-IN aos partidos em vésperas das eleições se realça a necessidade de outra política para o emprego.

Na reunião do Conselho Nacional em 6 do corrente, no plano da acção reivindicativa e entre os objectivos imediatos, a Central volta a incluir a melhoria da «qualidade e segurança do emprego», a par do combate à precariedade e aos despedimentos.

Trata-se ainda para a CGTP de «combater os conteúdos negativos da legislação laboral» e de «lutar pela revogação das suas normas gravosas», assegurando os direitos dos trabalhadores e afastando as discriminações.

## Movimentação nos estabelecimentos das Forças Armadas

O Sindicato dos Trabalhadores dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas divulgou a semana passada uma série de decisões que incluem uma paralisação de trabalho no próximo dia 1.

Numa nota de 19 do corrente, com as conclusões do plenário de ORTs (organizações representativas dos trabalhadores) dos EFFAS, acrescenta-se que essas decisões devem ser submetidas a plenários de trabalhadores em todos os estabele-

cimentos fabris (EFFAS) em 24, 25 e 26 do corrente.

Depreende-se da nota do Sindicato que a paralisação de trabalho coincidirá com uma concentração em frente ao Ministério da Defesa Nacional.

Dos objectivos aprovados no plenário de 19 do corrente destaca-se «a aplicação imediata da redução do horário de trabalho», novas tabelas salariais, exclusão do quadro de excedentes e suspensão imediata do encerramento de vários sectores dos EFFAS.

## Faltam professores

O secretariado nacional da Fenprof (Federação Nacional dos Professores) admitiu em 20 do corrente que o Ministério da Educação poderá aprovar em breve alguns

documentos com «resultados positivos para os professores». Mas Lurdes Fernandes, dirigente da mesma Federação, afirmava dois dias antes no Funchal que a abertura

deste ano lectivo está marcada pela falta de professores qualificados em todo o País.

Durante uma iniciativa do Sindicato dos Professores da Madeira, Lurdes Fernandes acrescentou que o facto se deve ao aumento do número de docentes que abandonaram o Ensino.

Segundo a mesma dirigente sindical, a falta de professores qualificados não se verifica apenas «na Matemática e Informática, como seria previsível, mas também na generalidade dos outros grupos de disciplinas».

O Ministério foi ainda criticado pela falta de condições de trabalho nas escolas e a insuficiência de equipamentos, enquanto se degradam os existentes.

No entanto, «se o Minis-

tério da Educação quiser», poderão ser aprovados «alguns documentos regulamentadores da carreira» docente, pensa a Fenprof, segundo nota distribuída à Imprensa em 20 do corrente.

Em reunião recente entre o ME e a Fenprof, esta Federação previa que pelo menos fossem analisadas «questões tão relevantes como a estabilidade de emprego dos docentes».

Entre outros assuntos de interesse imediato para os professores, como «a definição dos conceitos de carreira e pré-carreira», a Fenprof espera do Ministério «disponibilidade e empenhamento para, no final do seu mandato, resolver algumas das questões que antes não quis ou não soube resolver».

## Dívidas aos polícias

Os profissionais da PSP do Porto manifestam um «profundo descontentamento» pelo «atraso sistemático» na liquidação dos chamados «serviços remunerados».

A Associação Sócio-Profissional da Polícia (ASSP) diz em comunicado de 18 do corrente que, em face das «consequências imprevisíveis» da situação, pediu uma reunião urgente com o comandante distrital da PSP do Porto.

Divulgado nesta cidade e referido pela Lusa, o comunicado da direcção nacional da ASSP acrescenta que as re-

munerações desse tipo referentes a Julho só foram pagas em 18 de Agosto e as deste mês estão ainda por pagar.

Segundo o regulamento aplicável, esses serviços dos polícias devem ser pagos até ao dia 6 do mês seguinte àquele em que foram prestados.

Os «serviços remunerados» têm um carácter especial. São prestados a bancos, casas comerciais, recintos desportivos, entre outros.

Mediante requisição, o Comando destaca agentes para esses serviços e responsabiliza-se pelo pagamento das remunerações.



# Caso da Seagate chega a Estrasburgo

Os eurodeputados do PCP, Barros Moura, Joaquim Miranda e Sérgio Ribeiro, apresentaram no Parlamento Europeu uma proposta de resolução sobre o encerramento da fábrica multinacional Seagate, em Palmela, em que se insiste na necessidade da CEE e dos seus Estados membros tomarem medidas que evitem «distorções da concorrência através da violação dos direitos sociais e humanos mais elementares».

A proposta de resolução, apresentada em nome do Grupo Coligação de Esquerda, com pedido de inscrição no debate sobre questões actuais, urgentes e muito importantes, lembra que a multinacional de origem norte-americana Seagate, instalada em Palmela, iniciou um processo de encerramento, até

1992, da sua fábrica de cabeças magnéticas para computador, sem para tal ter quaisquer problemas económico-financeiros.

Com efeito, a empresa está tecnologicamente bem apetrechada, regista elevados níveis de produtividade e competitividade, e não lhe faltam mercados. Esta situação explica, de resto, o aumento do número de trabalhadores (mais 231) desde 1990.

É significativo que o alegado motivo para o encerramento da Seagate seja o de esta «possuir mais fábricas na Malásia e na Tailândia que produzem exactamente os mesmos produtos que a fábrica de Palmela e onde os custos de produção (...) se situam significativamente

abaixo». Ou seja, está-se perante um exemplo do que ameaça vir a tornar-se numa prática comum das multinacionais: a distorção das condições de concorrência através do recurso à exploração da mão-de-obra barata de países terceiros.

Por isso mesmo os eurodeputados do PCP propõem ao PE a condenação e rejeição do encerramento da fábrica de Palmela, apelando à «manutenção dos postos de trabalho e à definição de soluções para o futuro por negociações entre as partes sociais».

A proposta de resolução insiste, por outro lado, «na necessidade de a CEE e os seus Estados membros exigirem, no comércio internacional, o respeito de condições sociais mínimas, na base das

Convenções e Recomendações da OIT, por parte de todos os países», pois só assim será possível «evitar distorções à concorrência através da violação dos direitos sociais e humanos mais elementares».

O documento insta ainda a Comissão e o Conselho a concluírem sem demora «as directivas sobre os despedimentos colectivos e sobre a informação e consulta dos trabalhadores nas empresas transnacionais» e solicita ao presidente do PE que se encarregue de dar conhecimento desta resolução (a ser aprovada) ao Conselho, à Comissão, ao Governo português, às organizações sindicais representativas dos trabalhadores e às organizações empresariais interessadas.

## Os acontecimentos no Regimento de Comandos

1. Os trágicos acontecimentos ocorridos durante o exercício do Regimento de Comandos e que originaram a morte de um jovem soldado, causaram profunda consternação e revolta na opinião pública e merecem a mais veemente e frontal condenação do PCP.
2. É inadmissível e criminoso que continuem a ocorrer acidentes mortais em Portugal por força de condições de instrução, inaceitáveis em tempo de paz, que constantemente violam, psíquica e fisicamente, os direitos humanos dos cidadãos que prestam o serviço militar.
3. O PCP reclama que um rigoroso e isento inquérito seja rapidamente concluído, para o apuramento das responsabilidades directas por estes lamentáveis acidentes.
4. O Governo PSD e o Ministro da Defesa, Fernando Nogueira, não podem eximir-se às suas responsabilidades nesta matéria. Não é a primeira vez que acontecem acidentes mortais em idênticas circunstâncias e com as mesmas causas.
5. O Governo PSD e a maioria que o apoia têm-se mostrado insensíveis e têm recusado encarar de frente este problema, ao adiarem a tomada de decisões e medidas de segurança eficazes na instrução, que há muito tempo se impõem e vêm sendo reclamadas.
6. Reafirmando mais uma vez o seu firme protesto, o PCP compromete-se a continuar a lutar, como sempre tem feito, pela dignificação e humanização das condições em que é prestado o Serviço Militar Obrigatório.

20.9.91

O Gabinete de Imprensa do PCP

## Indústria automóvel

# Acordo CEE-Japão ameaça milhares de empregos

«Uma agressão social; uma perversão no plano da democracia; uma capitulação no plano da cooperação europeia». Foi nestes termos que o deputado do Grupo Coligação de Esquerda no Parlamento Europeu, Francis Wurtz (Partido Comunista Francês), qualificou o acordo CEE-Japão sobre a indústria automóvel.

Intervindo a semana passada em Bruxelas, no quadro de uma declaração da Comissão sobre o acordo CEE-Japão, Francis Wurtz afirmou

que devido a este acordo «estão em jogo dezenas de milhares de empregos na indústria automóvel, a que deverá juntar-se as inevitáveis repercussões noutras sectores como o da metalurgia, electrónica...».

«Ao mesmo tempo - disse o eurodeputado - no plano da democracia, este acordo é uma ilustração flagrante da perversão que representa as instituições europeias actuais. Como justificar que uma decisão de uma tal importância para a vida das pes-

soas e a economia de vários países não tenha sido objecto nem de uma deliberação dos Parlamentos nacionais, nem mesmo de uma assinatura ministerial num texto claro, explícito, oficial? Trata-se sem dúvida de deixar a cada um toda a latitude para interpretar o conteúdo do acordo em função das audiências, das situações e das relações de força».

Pelo seu lado, o vice-presidente da Comissão, Frans Andriessen, em resposta à interpelação de Francis Wurtz, defendeu sem reser-

vas o acordo. E confirmou que os carros japoneses fabricados na Europa e nos Estados Unidos não são abrangidos, pelo que podem ser colocados no mercado comunitário sem qualquer restrição. «Que isto fique claro», sublinhou...

A concluir a sua intervenção, Francis Wurtz declarou que «por todas estas razões, o Grupo Coligação de Esquerda pede que este acordo seja renegociado e os Parlamentos nacionais oficial e claramente envolvidos».

## Deficientes analisam manifestação nacional

A APD encara a possibilidade de convocar uma manifestação nacional para exigir que o Governo aceite o diálogo sobre os problemas que mais afectam os deficientes portugueses.

No passado sábado, a Direcção da Associação Portuguesa de Deficientes tornou pública a decisão de propor ao Conselho Nacional a realização de uma grande manifestação nacional de deficientes no primeiro semestre de 1992.

No mesmo comunicado, a Direcção Nacional da APD reafirma «o seu mais veemente protesto perante o desrespeito e indiferença do senhor ministro do Emprego e Segurança Social, que frustrou a expectativa de diálogo dos dirigentes associativos» que se concentraram no dia 17 frente ao MESS, na Praça de Londres.

A APD nunca foi recebida pelo primeiro-ministro e teve apenas um encontro com o ministro do Emprego, em Agosto de 1989. Em declarações aos jornalistas que faziam a cobertura da concentração de dia 17, o presidente da APD referiu as «medidas prometidas e não cumpridas pelo Governo do primeiro-ministro

Cavaco Silva quanto à melhoria das suas condições de vida» e voltou a exigir a integração das associações de deficientes na política de integração social.

A DN da Associação — no comunicado em que dá conta da sua reunião de dia 21 — informa que tomou conhecimento de um despacho de Silva Peneda «que nos concede, a título excepcional, um subsídio de 20 mil contos». A Direcção «congratula-se por este subsídio, mas considerou que importa estabelecer um quadro legal contendo critérios objectivos para a concessão de recursos, regulamentando e interpretando o disposto no n.º 3 do Artigo 71.º da Constituição da República» — onde se afirma que o Estado apoia as associações de deficientes.

A APD reafirma como objectivo «retomar o diálogo que permita analisar profundamente: a regulamentação da lei 9/89 — Lei de Bases da Prevenção, Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência; a execução do Plano Orientador de Reabilitação; e a regulamentação e interpretação objectiva do n.º 3 do Artigo 71.º da Constituição».

## Direitos de quem?

Numa altura em que tanto se fala de direitos humanos, não pode deixar de causar profunda estranheza o facto de Marrocos ter sido designado «país presidente» do comité preparatório da Conferência Mundial dos direitos do Homem, a realizar em 1993, em Berlim.

País citado amiúde pela falta de liberdades democráticas, perseguição dos opositores políticos, violações dos mais elementares direitos humanos, para além da sempre adiada questão do Sara Ocidental, Marrocos está longe de inspirar o mínimo de idoneidade indispensável para dar ao evento de Berlim alguma credibilidade. Essa a razão que levou o eurodeputado do PCP, Sérgio Ribeiro, a questionar os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade, reunidos no quadro da CPE, sobre a sua posição sobre o assunto.

Pergunta Sérgio Ribeiro que posição tomaram e/ou tomam os Doze em relação à escolha de Marrocos, tendo em conta as «inúmeras violações dos direitos do Homem neste país, as constantes resoluções e relatórios aprovados pelo PE denunciando as medidas repressivas e as violações dos direitos do homem em Marrocos, tendo em conta também a forma arrogante como o rei de Marrocos assumiu tal facto recentemente em conferência de imprensa».

Aguarda-se resposta.

## Calendas gregas

A proposta da presidência holandesa sobre a União Económica e Monetária (UEM) visa estabelecer uma UEM a várias velocidades e relega a coesão económica e social para as calendas gregas. Quem o afirma é o deputado Sérgio Ribeiro que, numa pergunta escrita dirigida à Comissão das Comunidades Europeias, interroga este organismo sobre a orientação política contida nos projectos conhecidos e em discussão sobre a UEM e a União Política.

Concretamente, o eurodeputado pretende saber se existe consenso a nível dos Doze, em relação aos referidos projectos, «visando excluir a coesão económica e social e o turismo, entre outras matérias, dos futuros Tratados e, nesse caso, que medidas tenciona a Comissão apresentar e propor ao PE, no sentido de contrariar tais orientações».

A questão é tanto mais legítima quanto se sabe que o projecto base em discussão sobre a União Política confirma, como lembra Sérgio Ribeiro, o objectivo de «deixar de fora tudo o que socialmente interessa ao cidadão comunitário - política social, política de protecção do consumidor, o turismo compreendido como uma componente económica, social e cultural do cidadão, e outras - e transformar o cidadão comunitário em mero servidor dos grandes interesses económicos do mercado interno».

## Panamá

# O polémico processo de Noriega



Desde Dezembro de 1989, com a intervenção dos marines no Panamá, multiplicaram-se as perseguições e prisões de democratas, em particular de sindicalistas

## Zaire

## Recomeçaram trabalhos da Conferência Nacional

A Conferência Nacional sobre o futuro do Zaire, suspensa praticamente desde o seu início há mais de um mês, recomeçou com uma sessão que foi transmitida pela televisão zairense.

Nesta sessão plenária, os participantes limitaram-se a controlar os mandatos dos delegados, cujo número esteve na origem dos sucessivos adiamentos dos trabalhos.

A «União Sagrada» (aliança da oposição) acusou o Movimento Popular para a Revolução (MPR, partido no poder) de infiltrar delegados para manipular os resultados da Conferência,

iniciada oficialmente a 7 de Agosto, e para intimidar os conferencistas.

A Conferência Nacional do Zaire é uma das mais aguardadas no continente africano, uma vez que se esperam revelações graves de casos de corrupção cometidos pelo presidente Mobutu Sese Seko, no poder há mais de 25 anos, que é acusado de depositar a riqueza do país no estrangeiro.

Os trabalhos que decorreram na noite de quinta-feira não registaram qualquer incidente. Eles seguiram-se a graves reveses de Mobutu, que fracassou nomeadamente na sua tenta-

tiva de nomear como primeiro-ministro o seu principal rival, Etienne Tsekedi Wa Mulumba, líder da União Democrática para o Progresso Social (UDPS).

Perante a recusa de Tsekedi, no passado mês de Julho, Mobutu reconstituiu o governo que havia demitido 48 horas antes.

De igual modo fracassou quando tentou impedir a soberania da Conferência Nacional, assim como o carácter vinculativo das suas conclusões, por temer que a oposição aproveitasse a reunião para fazer o julgamento da sua gestão do país

durante mais de duas décadas.

Estima-se em cerca de 15 mil milhões de dólares a riqueza pessoal de Mobutu depositada em bancos ocidentais, principalmente na Suíça, para além de bens imobiliários em Portugal, Bélgica, Suíça, França, Espanha, entre outros.

Mobutu é actualmente um dos dirigentes africanos que goza de mais popularidade tanto no país como no estrangeiro, onde é acusado de violar os direitos humanos, principalmente depois da morte de dezenas de estudantes na universidade de Lumumbashi em Maio do ano passado.

Quase dois anos depois da invasão do Panamá pelos EUA e o aprisionamento, pelos Marines, do antigo dirigente do país, é finalmente aberto o processo de Manuel Noriega, acusado de tráfico de droga, acusação que no fundamental foi o «argumento» utilizado para a intervenção militar.

Entretanto, os factos alinhados pelos advogados no processo e os comentários e notícias divulgados pela imprensa, estão bem longe de confirmar a tese oficial de acto «justiceiro» contra o tráfico de droga.

Na abertura do processo - no passado dia 5 de Setembro, em Miami - os advogados lançaram uma cerrada ofensiva, e afirmaram ter provas de que o general Noriega agiu por conta do governo dos Estados Unidos.

Os documentos existentes testemunham das relações regulares entre Manuel Noriega e a CIA, com a Drug Enforcement Agency (agência oficial de luta contra o tráfico de droga), o Conselho de Segurança Nacional de Washington e a Casa Branca, então dirigida por Ronald Reagan. O general mantinha também estreitas relações com Oliver North, a fim de utilizar fundos secretos para financiar os contras: os serviços americanos tinham, com esse objectivo, posto à sua disposição um fundo secreto de 11 milhões de dólares.

Todas estas acusações foram repetidas pelos advogados à televisão.

Também os órgãos de informação e a imprensa norte-americana têm vindo a avançar com a divulgação de factos particularmente esclarecidos.

A CBS lembrou que a invasão militar do Panamá pelos Marines foi oficialmente «justificada» com a necessidade de acabar com o maior tráfico de droga existente na zona. Mas a verdade é que, dois anos depois, se-

gundo afirma o jornalista, o tráfico de droga do Panamá para a Florida praticamente duplicou.

Num debate na rádio, vários jornalistas norte-americanos e um jornalista da BBC concluíram que George Bush tinha ordenado a intervenção pura e simplesmente porque o general Noriega tinha decidido nacionalizar o canal depois de 1992. A droga não passou assim de um pretexto.

Há relativamente pouco tempo, o «New York Times» referiu-se à desastrosa situação que se vive actualmente no Panamá, e denunciou ainda as acções dos Marines quando da intervenção em Dezembro de 1989.

Organizações humanitárias americanas afirmam por sua vez que os Marines desencadearam uma perseguição sistemática aos dirigentes sindicais panamenhos, que grande número de vítimas foram queimadas para apagar qualquer traço de violência e que os presos foram levados para a zona militar do canal, sob controlo americano, para impedir qualquer inquérito.

No seu conjunto, a imprensa americana coloca a questão do impacte que o processo poderá ter na campanha para as eleições presidenciais de 1992, que está a começar agora em Washington.

Mas na verdade é pouco provável que de par do processo Noriega surja um processo contra os grandes responsáveis de um tráfico de droga em plena expansão. Impunemente.

## Moçambique Projectos de desenvolvimento

O Ministério moçambicano da Cooperação aprovou três ambiciosos projectos de desenvolvimento, que abrangerão sectores da pequena indústria, treino profissional e gestão ambiental.

Dois organismos das Nações Unidas, nomeadamente o Programa para o Desenvolvimento (PNUD) e a Organização para o Desenvolvimento Industrial (ONUDI), estão envolvidos nos projectos, segundo um comunicado do Ministério da Cooperação de Moçambique.

O comunicado refere que o projecto de desenvolvimento da pequena indústria será desenvolvido na província de Nampula, enquanto os restantes dois têm escala nacional.

O projecto de desenvolvimento de pequenas indústrias, com duração de três anos e avaliado em 600 mil dólares, consistirá no aperfeiçoamento nos métodos de prestação de serviços do sector.

O projecto de treino profissional, avaliado em 1,5 milhões de dólares, vai incidir na formação de quadros especializados no sector consultoria e gestão e elevação do nível académico dos trabalhadores moçambicanos.

O PNUD vai, por seu turno, financiar o governo moçambicano de modo a estar apto para institucionalizar a protecção do meio ambiente, ao abrigo do programa de gestão ambiental.

## RPD da Coreia

## Com entrada na ONU prossegue a luta pela reunificação

A 46.ª Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou por unanimidade a admissão da República Popular Democrática da Coreia à ONU.

Em comentário a este acontecimento, o governo da República Popular Democrática da Coreia divulgou um comunicado em que refere a situação especial da sua pátria dividida, e uma vez mais afirma a posição, que tem vindo a defender, de reunificação das duas Coreias.

«Apesar de ter entrado na ONU, a nossa República não mudará a sua política fundamental de reunificar a pátria e a nação numa só Coreia», afirma-se no comunicado, que prossegue: «Nestes últimos tempos, tornou-se muito clara a tentativa de legalizar e perpetuar a divisão do País e da Nação Coreana pelo abuso da alavanca internacional das admissões à ONU. (...)

«Não se deve permitir a qualquer tentativa de fixar a divisão de «duas Coreias» aproveitando a entrada na ONU.

«Consideramos que, nesta circunstância, é mais justo, razoável e aceitável para todos, reunificar a Pátria pela fórmula do sistema confederativo baseada no princípio de uma Nação e um Estado, dois regimes e dois Governos.

O Governo da República Popular Democrática da Coreia e o povo coreano estão convencidos de que o seu justo desejo nacional contará com o apoio e simpatia por parte dos membros-Estados da ONU e, embora entrasse hoje separadamente o Norte e o Sul na ONU, virá um dia ocupar um só assento na ONU.

O Governo da República Popular Democrática da Coreia afirma que fará os seus esforços activos, na qualidade de membro-Estado legal da ONU, juntamente com outros países, pela defesa da paz no mundo, pelo justo desenvolvimento das relações internacionais e pela ampliação e desenvolvimento de amizade e cooperação entre os países.

## Médio Oriente

# Conselho Palestino debate Conferência de Paz

Mantém-se o clima de tensão, um pouco por todo o Médio Oriente, apesar da passagem dos meses sobre o fim de guerra.

No centro deste clima de tensão, o problema palestino. Problema a que se somam outros, como a perigosa situação de confronto que volta e meia recrudescer entre o Iraque e a ONU, as ameaças de uma nova intervenção militar por parte dos Estados Unidos, a própria instabilidade interna no Iraque, alimentada também pela dramática situação socioeconómica vivida pelas populações iraquianas. Ou, ainda, o multiplicar de acordos de «defesa» e de fornecimentos de armas, por parte dos Estados Unidos, com diferentes Estados árabes da região.

Três questões fundamentais são apontadas pela OLP como básicas para o avançar do processo de paz no Médio Oriente.

Trata-se, concretamente, do reconhecimento da soberania palestina; a saída de Israel de Jerusalém Oriental, actualmente sob ocupação israelita; e o fim da instalação de colonatos nos territórios ocupados.

A importância destas três questões foi recentemente

sublinhada por Hanan Ashrwi, representante da OLP que reuniu nestes dias com o secretário de Estado norte-americano, James Baker.

Ashrwi indicou ter entregue a Baker uma mensagem do dirigente da OLP, Yasser Arafat, com estes três pontos essenciais a uma participação palestina na Conferência de Paz, inicialmente prevista para Outubro, e sublinhou que «qualquer resposta positiva a estas três questões, que são de importância primordial para os palestinos, ajudará a liderança palestina e o Conselho Nacional a tomar uma decisão».

Entretanto, da parte israelita, a óbvia resistência a qualquer solução justa do problema palestino passa pela criação de situações de facto.

Em causa, a construção de novos colonatos na Cisjordânia e faixa da Gaza. Um porta-voz do Ministério israelita da Habitação, Hagit Biton, confirmou há dias a notícia surgida na imprensa israelita segundo a qual o governo decidiu construir um novo colonato mesmo no centro de Jerusalém Oriental.

No discurso de abertura dos trabalhos do Conselho, o

dirigente da OLP, Yasser Arafat, declarou a disposição de «assegurar o êxito da conferência de paz».

Arafat, que sublinhou que a OLP «fala em nome do povo palestino», afirmou a disposição de «levantar os obstáculos que continuam a entrar a realização desta conferência, esperando, ao mesmo tempo, que as outras partes se esforcem».

Arafat denunciou a «chantagem e condições israelitas», acusado o governo de Israel de «racista e hostil à democracia».

E lançou um apelo aos presidentes dos EUA e da

Entretanto, o ministro das Finanças, Yitzhak Modai, já se pronunciou contra a nova construção, considerando que «não havia razões para enfurecer os americanos».

Nestes dias, em Argel, no Palácio das Nações, decorre a 20ª sessão do Conselho Nacional Palestino (CNP, o parlamento no exílio), tendo como questão central dos debates a realização de uma conferência de paz no Médio Oriente, e no concreto a proposta dos Estados Unidos nesse sentido.

União Soviética para que fa-

çam «tudo o que for possível a fim de resolver o conflito (...) na base da justiça e da legitimidade internacional e antes que a situação se torne irreversivelmente perigosa».

«O tempo passa a uma velocidade vertiginosa e os esforços dispendidos para reunir uma conferência de paz entraram numa fase extremamente séria e delicada», afirmou o dirigente da OLP, que sublinhou: «Estamos dispostos a cooperar com todas as partes internacionais para assegurar o êxito da conferência (...) para alcançar as aspirações dos povos da região e uma paz justa».

A sessão do Conselho Palestino, que deverá definir a estratégia da OLP, em especial no que se refere à conferência de paz, é uma reunião polémica, pois nem todos os sectores da OLP estão de acordo, mesmo nalgumas questões fundamentais. Entretanto a unidade seria um elemento essencial no inevitável confronto com a posição assumida pelo governo israelita, obstáculo fundamental à criação de condições de uma verdadeira paz na zona.

## Jugoslávia

○ Conselho de Segurança das Nações Unidas decidiu prosseguir as consultas sobre o conflito jugoslavo, depois de cinco dos seus membros afirmarem que o conflito tem repercussões internacionais e outros cinco o considerarem uma questão interna, e por esse motivo ser necessário actuar em conformidade com o governo de Belgrado.

Áustria, França, Grã-Bretanha, Bélgica e Estados Unidos são de opinião que o prolongamento de intensificação do conflito afecta toda a região, pelo que o Conselho deveria actuar para salvaguardar a paz e a segurança internacionais.

Equador, Roménia, Índia, China e Cuba defendem uma posição de análise cuidadosa do conflito e suas implicações internacionais e a necessidade de consulta do governo jugoslavo.

Entretanto, na Jugoslávia, passadas 24 horas sobre a entrada em vigor de novo cessar-fogo, e após um período de intensificação dos combates, as tréguas estavam a ser respeitadas na Croácia.

## Cambodja

○ Com a superação das últimas divergências entre as partes envolvidas no conflito no Cambodja, vai ser assinado um acordo de paz em 31 de Outubro, em Paris.

O Conselho Nacional Supremo, de doze membros, representará o Cambodja e ocupará o assento do país nas Nações Unidas durante o período de transição até à formação de um novo governo a sair da realização de eleições livres organizadas e supervisionadas pela ONU.

A guerra civil no Cambodja iniciou-se em 1979, após a invasão vietnamita do país que pôs termo ao sangrento regime dos Khmer vermelhos apoiados pela China.

«Resolvemos todos os problemas», declarou Norodom Sihanuk no final de vários dias de negociações nas Nações Unidas, em Nova Iorque, com os líderes das outras partes envolvidas no conflito, e o primeiro-ministro Hun Sen.

As quatro facções já tinham anunciado quinta-feira um acordo sobre a adopção de um sistema eleitoral de representação proporcional, que constituía o último sério obstáculo para uma solução definitiva do conflito.

Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU (China, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e União Soviética), com quem se reuniram os líderes das facções cambodjanas, congratularam-se com o acordo para o plano eleitoral.

Outro ponto que estava pendente era determinar quem teria autoridade para decidir assuntos nacionais durante o período de transição em caso de divisões dentro do Conselho Nacional Supremo.

As quatro facções concordaram que a missão da ONU no Cambodja resolverá os assuntos em disputa e que Norodom Sihanuk não tomará quaisquer decisões relativas à transição sem consultar previamente o representante das Nações Unidas.

## URSS

○ presidente soviético, Mikhail Gorbachov, afirmou em entrevista transmitida pela televisão italiana (RAI) que apesar dos riscos e dificuldades conta concluir o acordo económico com as repúblicas até Dezembro.

O presidente notou que os riscos e dificuldades permanecem porque não estão resolvidos os problemas que se acumularam até aos acontecimentos trágicos de Agosto.

Gorbachov defendeu a adopção de medidas que não permitam novos desenvolvimentos como os de Agosto. Gorbachov defendeu ainda a reforma da sociedade soviética no sentido de um sistema económico misto e a liberdade das formas de propriedade.

A questão da propriedade das terras, disse, é muito delicada porque está condicionada à diversidade das tradições culturais e históricas de cada república.

## Violência racista

○ Dezasete pessoas foram feridas na noite de quinta-feira, três das quais gravemente, quando um grupo de jovens de extrema-direita atacou um edifício onde habitam imigrantes moçambicanos e vietnamitas.

Vinte e quatro pessoas foram detidas para interrogatório sobre um dos mais violentos incidentes racistas dos últimos meses na Alemanha de Leste.

Entre 50 a 60 pessoas atiraram pedras e garrafas contra o edifício, onde residem várias centenas de imigrantes, enquanto outros 500 observavam.

Hoyerswerda, uma pequena localidade da província de Saxe, próxima da fronteira com a Polónia, foi palco nas últimas semanas de uma série de ataques sangrentos desencadeados contra os imigrantes e refugiados em busca de asilo.



## PCP expressa solidariedade à luta contra o apartheid

Uma delegação do Partido Comunista Português, composta por Domingos Lopes, do Comité Central, e Laura Cunha, da Secção Internacional, entregou, no dia 20.9.91, ao Sr. Embaixador da República da África do Sul 1100 postais que continham a palavra de ordem «Um homem um voto, fim do apartheid», cujas assinaturas foram recolhidas na Festa do «Avante!» designadamente no Momento de Solidariedade com o povo sul-africano.

Durante o encontro, a delegação do PCP expressou ao Sr. Embaixador a solidariedade dos comunistas portugueses à luta do ANC e do povo sul-africano pelo desmantelamento do apartheid e por uma África do Sul não racial e democrática.

## África do Sul Conversações multipartidárias

O ANC crê possível o início, ainda este ano, das conversações multipartidárias na África do Sul, após a assinatura, sábado passado, de um acordo nacional de paz, disse o secretário-geral do Congresso Nacional Africano (ANC).

Para Cyril Ramaphosa, o acordo de paz assinado entre o ANC, o Partido zulu Inkatha e o governo do presidente Frederik De Klerk foi o primeiro passo no sentido das negociações sobre uma nova constituição que garanta o direito de voto à maioria negra.

O pacto de paz, que estabeleceu normas de conduta para os partidos políticos e as forças de segurança, foi classificado de «certidão de nascimento» para a África do Sul pelo secretário-geral do ANC que salientou que o documento contém mecanismos para travar a violência mas requer o empenhamento de todas as partes a todos os níveis.

Desde a assinatura do acordo, mais de 25 pessoas foram mortas em confrontos. Hoje, a polícia anunciou que 24 agentes foram

suspensos e sete processados por alegado mau comportamento em casos de violência.

O próximo passo, segundo Ramaphosa, será a Conferência proposta pelo ANC a outros grupos anti-apartheid para a formação de uma «frente Pan-Africanista (PAC) e da Organização dos Povos da Azânia (AZAPO).

Esta Conferência, em que é pouco provável a presença do Inkatha, representará 18 milhões dos 30 milhões de africanos, e com a sua realização o ANC ficará pronto para um Congresso multipartidário que estabelecerá as negociações multipartidárias.

Ramaphosa frisou ainda que um dos principais temas do Congresso multipartidário será a forma de governo interino durante as negociações constitucionais.

Esta fórmula não é entretanto aceite pelo governo de De Klerk, que apenas aceitaria a integração de figuras da oposição no actual governo.

# 20 razões para uma opção de voto

## Personalidades independentes explicam por que dão o seu apoio à CDU-Coligação Democrática Unitária

Muitas personalidades sem filiação partidária expressaram publicamente o seu apoio à CDU, como tivemos ocasião de dar a conhecer nas páginas do «Avante!». Aqui ficam 20 razões para uma opção de voto.

### Albertina Dias

**Atleta, Porto**  
O motivo pelo qual eu apoio o PCP, já desde os 15 anos, é que eu vivia numa zona pobre, em Miragaia, e achava que o PCP era o único que poderia ajudar os pobres. A partir daí, embora o meu modo de vida já seja um bocadinho diferente, para melhor, continuo a apoiar o PCP e vou votar na CDU. Li o programa em relação ao desporto, e acho que estão no bom caminho. Tive dificuldade em subir para a alta competição e penso que o Estado devia apoiar os desportistas na sua fase inicial.



Rosa Coutinho

### Alcina Bastos

**Advogada, Lisboa**  
A CDU representa um espaço plural de diálogo e de acções comuns de democratas portuguesas com intervenção activa na política, com o fim de obter uma alternativa democrática ao actual governo e acabar com as gritantes desigualdades que existem no País.

A CDU é uma voz de credibilidade indiscutível na vida nacional. O voto na CDU é a grande e decisiva opção para a construção de um Portugal verdadeiramente democrático.

Uma grande votação na CDU é indispensável para a vitória do povo português na sua luta pela liberdade, pela democracia, pela segurança social.

Para isso é necessário aumentar a representação da CDU na Assembleia da República, objectivo dos democratas que a integram e que defendem os interesses fundamentais do povo português.

Com confiança e determinação, conseguiremos.

### Cândido Mota

**Locutor, Lisboa**  
Ao contrário do que se pretende fazer crer, para além da direita no Governo e da alternativa PS tem que existir, e existe mesmo, um espaço político para os que, indiferentes à esmagadora campanha que contra eles tem sido feita, continuam a acreditar na força das forças democráticas, numa esquerda competente, empreendedora e abrangente de todas as camadas da população que vêem os seus legítimos

interesses prejudicados e os seus mais elementares direitos desrespeitados por uma política sistemática de protecção a grandes grupos económicos, velhos e novos, que pretendem fazer recuar as mais importantes conquistas de Abril. A esquerda está viva, mora em Portugal e chama-se CDU.

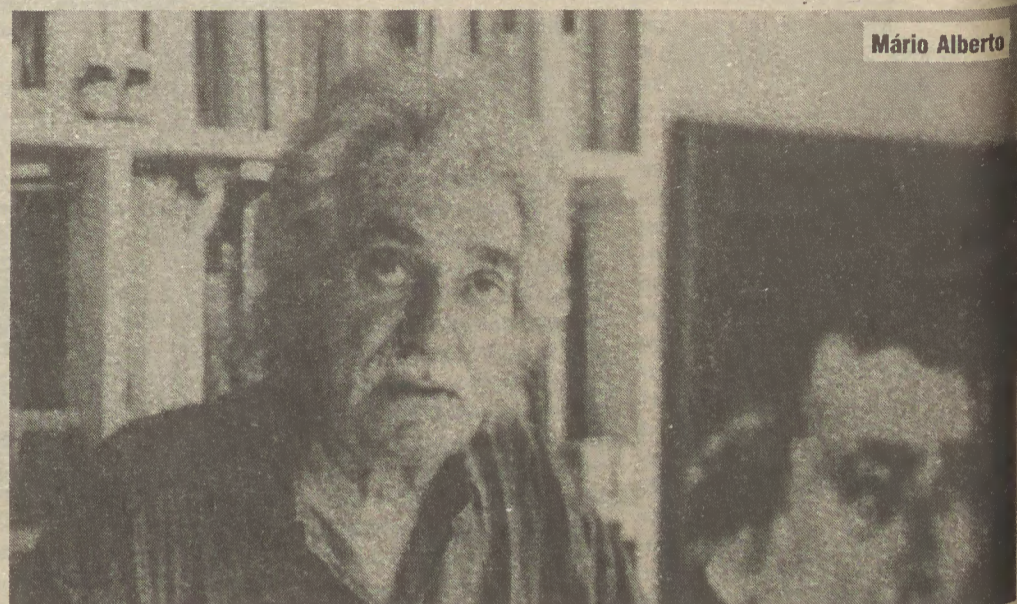
### Dourado Mendes

**Capitão na reserva, presidente da Federação Portuguesa de Colectividades**  
Os meus primeiros contactos políticos foram no MUD Juvenil, onde os jovens democratas da minha geração se juntaram em defesa das liberdades e da democracia. Hoje estou na CDU com outros democratas, jovens e não jovens, com o mesmo objectivo: defender a liberdade e a democracia. Até este momento, dentro da CDU tenho sido homem livre de exprimir as minhas opiniões. Não tenho razões, nem sequer ideológicas, para não ser da CDU. Enquanto estes pressupostos

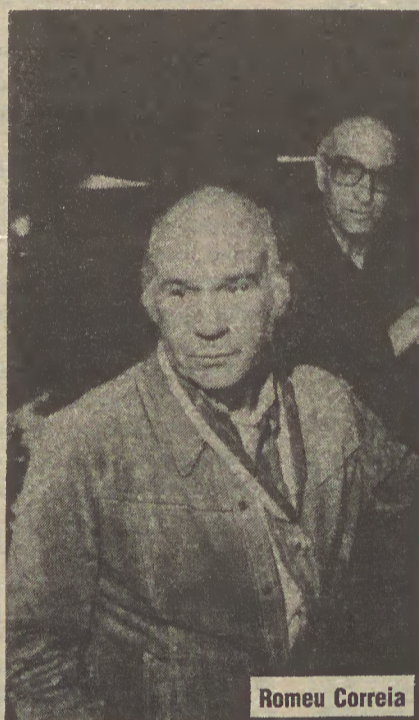
existirem, continuarei na CDU.

### Dulce Rebelo

**Investigadora, membro do Conselho Geral da ID**  
Na actual situação político-social a ciência e a cultura são consideradas como mero produto de troca, mercadoria como outra qualquer, submetida à lei da oferta e da procura, e não como componentes fundamentais do progresso e do desenvolvimento integral do indivíduo, da democracia. Em consequência disso, e apesar do seu papel relevante na vida portuguesa, os que trabalham em sectores científicos e culturais não são devidamente valorizados, nem são satisfeitos as suas aspirações e reivindicações específicas. Impõe-se, assim, uma nova política científica e cultural que assegure a superação destas limitações, impeditivas da plena realização profissional neste sector da vida nacional. Tais objectivos estão consubstanciados no programa da CDU-



Mário Alberto



Romeu Correia



Morais e Castro

-Coligação Democrática Unitária. Por esta razão, e pela enriquecedora diversidade político-cultural que representa, a CDU pode contribuir eficazmente para a solução destes e de outros problemas. Daí o meu apoio à CDU.

### Eulália Romão

**Halterofilista, Almada**  
Dou o meu voto e apoio à CDU porque tenho a certeza e a confiança de que a CDU é o melhor para todo o povo, em especial para a juventude e o desporto português.

### Fernando Filipe

**Enógrafa, Lisboa**  
Em democracia é necessário existir um partido com força e coragem, que lute desinteressadamente em defesa dos interesses de quem trabalha - e este é o motivo principal por que vou votar na CDU.

### Francisco da Silva Dias

**Arquitecto, Lisboa**  
Sou apoiante da CDU pela confiança que oferecem os candidatos e o seu programa, mulheres e homens livres de compromissos para além dos que lhes são ditados pela

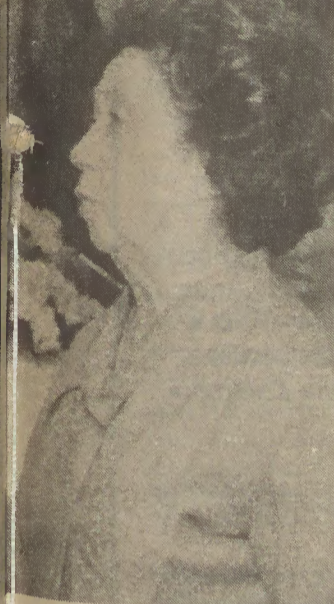
honestidade e pela ideologia que professam - única situação em que se pode encetar a resolução dos problemas do ordenamento do território, da habitação e do ambiente que hoje, de forma tão dramática, afectam o quotidiano de todos os portugueses.

### Gabriela Figueiredo

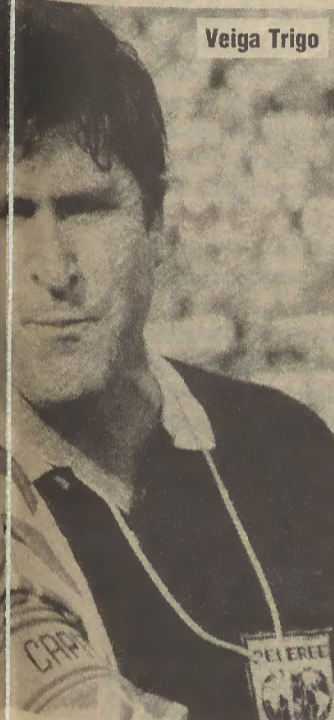
**Professora da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real**  
Aceitei participar, como independente, nas listas da CDU porque não são poucos os anos em que venho colaborando na gestão do meu município integrada em coligações com o PCP e nunca tomei ou vi tomar, por parte dessas coligações, qualquer posição que ofendesse a minha boa consciência de defesa dos interesses colectivos em detrimento dos interesses particulares, de defesa dos interesses dos mais desfavorecidos e dos mais desprotegidos, em particular os jovens e os idosos, de protecção do património cultural, de preservação do meio ambiente, de denúncia dos abusos, prepotências e

desonestidades; porque é a única formação partidária do nosso país que efectivamente promoveu uma aliança das forças de esquerda, com sacrifício apreciável dos próprios resultados eleitorais, levando a cabo uma acção de grande alcance político-pedagógico perante o povo português, a coligação PS-CDU em Lisboa; porque, como mulher, tenho de reconhecer que a CDU tem feito, sistematicamente, a denúncia pública das condições difíceis e de discriminação a que, cada vez mais, estão sujeitas as mulheres portuguesas, por aplicação destes «programas para o progresso» que constantemente lhes são gaguejados aos ouvidos; porque considero a CDU o lastro da esquerda em Portugal. É por estas razões e outras mais, que limitações do espaço e do tempo não permitem explicitar, que eu «com toda a confiança» faço parte das listas da CDU, como independente.

**Jorge Veiga**  
**Professor, vice-reitor da Universidade de Coimbra**  
Duas ordens de razões justificam a necessidade,



Alcina Bastos



Veiga Trigo

utilidade e pertinência do voto na CDU. Uma, nacional, já que a alternativa democrática ao poder actual exige, na AR, a maior representação possível dos partidos e associações políticas que integram esta alargada coligação, sem os quais não poderá ser conseguida a desejável qualidade de vida dos portugueses. Outra, de natureza distrital e, naturalmente, decorrente da anterior, encontra fundamentação no passado recente da legislatura que ora termina, em que os diferentes deputados da CDU que rotativamente representaram o distrito de Coimbra muito pugnaram pela defesa dos direitos e interesses das suas instituições e organismos em áreas tão importantes como a educação, a saúde, o ambiente e o património cultural e histórico.

### Luís Álvaro

**Dirigente associativo, Coimbra**  
Numa altura em que o individualismo, o egoísmo e o isolacionismo, porque fomentados por forças interessadas no adormecimento das populações, vai tomando



Eulália Romão



Dulce Rebelo

conta da sociedade portuguesa, provocando, entre muitas outras coisas, porventura mais importantes e mais gravosas, o enfraquecimento do movimento associativo, julgo ser importante louvar o esforço de unidade desenvolvido pelas forças políticas integrantes da CDU que, sem abdicarem dos seus princípios ideológicos, sabem ser mais importante o que as une do que aquilo que as separa. É assim que, não me reconhecendo, embora, em nenhuma das forças políticas que a integram, me reconheço nesse esforço de unidade democrática, me reconheço na CDU.

### Luís Santos

**Mestre Internacional de xadrez, Loures**  
Tenho a melhor opinião sobre o trabalho que tenho desenvolvido com as pessoas da CDU. É importante que se trabalhe para que o desporto-negócio seja substituído pelo direito ao desporto. Por isso apoio a Coligação Democrática Unitária.

### Mário Alberto

**Enógrafa, Lisboa**  
Apoio a CDU porque é uma coligação de gente séria, que cumpre o que promete. Veja-se o dinamismo que a sua participação na Câmara Municipal de Lisboa veio introduzir nas actividades do município, para não falar já no trabalho desenvolvido, por exemplo, em autarquias do Alentejo que eu conheço de muito perto. Apoio a CDU porque compartilho as preocupações que são

expressas nos seus documentos e pela voz dos seus candidatos em relação aos problemas do ensino, da saúde, dos reformados, da cultura, do trabalho, da segurança social... Com a CDU, por outro lado, estou certo que não teríamos razões para grande indignação, como temos com este Governo por causa da construção daquele mamarracho que é o Centro Cultural de Belém ali ao lado dos Jerónimos, ou por estar ausente da Europália um nome como o do Zeca Afonso.

### Raquel Maria

**Actriz, Lisboa**  
Mais doloroso do que trabalhos forçados é não ter esperança. A esperança não pode morrer. Decidir CDU é ainda ter esperança.

### Morais e Castro

**Actor, Lisboa**  
O meu apoio vai para a CDU porque fui educado nos princípios da verdade, com a coragem física e moral para defender - na coerência e natural verticalidade e na solidariedade e respeito pelos outros seres humanos que, naturalmente, implicam lutar e defender - a igualdade e a liberdade política, económica, social e cultural de todos. E, uma vez que também fui educado na maior seriedade e sentido de competência profissional, neste momento, no meu País, só posso apoiar e votar com toda a confiança na CDU, por um Portugal melhor. Além disso, dou o meu voto e o meu apoio à CDU

porque tenho bom gosto e sou alérgico ao novo-riquismo.

### Rolando Sá Nogueira

**Artista plástico, Lisboa**  
Não é de agora que estou ligado às pessoas da CDU, com quem já estive anteriormente na FEPU e na APU, e não vejo razão para deixar este posicionamento. É preciso que haja pessoas, como as que estão na CDU, que defendam aqueles que não têm, possivelmente, quem os defenda, pessoas que se preocupem com os desprotegidos e que não deixem à vontade os que estão no poder. A CDU tem esse encargo, mesmo quando as pessoas não têm consciência disso. Esta é a principal razão do meu apoio de sempre às ideias e aos candidatos da CDU.

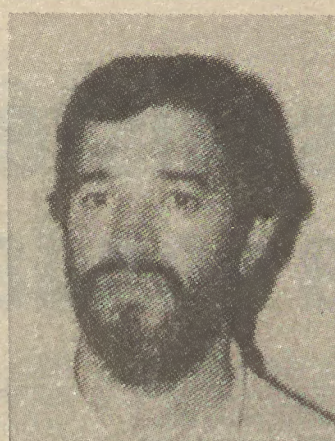
### Romeu Correia

**Escritor, Almada**  
Neste país de meias liberdades em que os ricos cada vez são mais provocadores e arrogantes diante da pobreza generalizada, é urgente dar mais força à esquerda e torná-la eficiente nesta luta constante que travamos. Por isso a CDU desempenha um papel de primordial importância nas eleições legislativas que nos esperam no próximo dia 6 de Outubro.

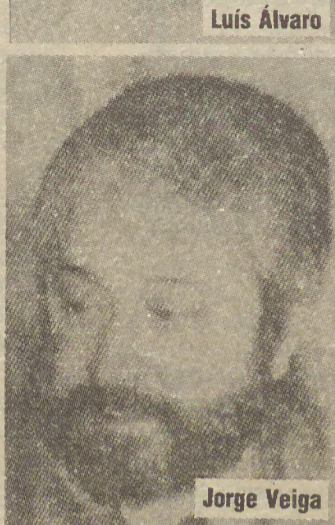
As provas dadas nas autarquias, provas de honestidade, trabalho e competência, servem de aval a estes homens e mulheres que estão a dar a cara nesta propaganda, tentando acordar este povo adormecido e ludibriado pela propaganda cavaquista. Doze anos de desgoverno PSD não bastam para abrir os olhos à arraiá miada que tudo solta e cala alegremente?

### Rosa Coutinho

**Almirante, Lisboa**  
Para as próximas eleições legislativas, a exigência de



Luis Álvaro



Jorge Veiga



Francisco da Silva Dias

uma maioria absoluta feita ao eleitorado por Cavaco e Silva representa a mais séria perversão política que ameaça a jovem democracia portuguesa. O absolutismo, desta vez apresentado com fachada democrática, tem velhas raízes nos sectores politicamente mais atrasados da nossa sociedade, sempre à espera de alguém que ressuscite o carisma do último rei absoluto, D. Miguel. A experiência dos últimos quatro anos mostra que esse poder absoluto conduziria a uma total governamentalização da vida pública nacional, incluindo a desvalorização do papel fundamental da Assembleia da República, órgão democrático por excelência do nosso regime constitucional. O voto na CDU representará uma contribuição decisiva para a derrota desse confesso objectivo e a consciência de que as forças políticas nela representadas têm constituído sempre a mais firme trincheira de defesa das liberdades e dos interesses das classes trabalhadoras e dos sectores sociais mais desfavorecidos do nosso país.

### Teresa Magalhães

**Pintora, Lisboa**  
Apoio a CDU porque é, de todos os que se apresentam às eleições, o agrupamento político que na prática defende os trabalhadores.

### Veiga Trigo

**Árbitro Internacional de futebol, Beja**  
Como apoiante da CDU, naturalmente que acredito na filosofia e nos objectivos que esta coligação propõe para o distrito de Beja: promover o desenvolvimento económico da região, particularmente com a concretização dos grandes projectos de carácter estruturante, com realce óbvio para Alqueva e o Plano de Rega do Alentejo; defender uma política de justiça social, com vista à solução dos graves problemas sociais que afectam o distrito; e concretizar a regionalização em 1992, com o reforço das políticas estruturais e regionais, visando a redução dos desequilíbrios entre as regiões. São propostas tentadoras. No distrito de Beja, a verdade é esta: em quinze anos de sucessivos governos nada se fez em favor do Alentejo; esqueceu-se a regionalização, a construção do Alqueva, o Plano de Rega, etc. Em contrapartida, destruíram-se cerca de 180 cooperativas agrícolas e extinguíram-se, só no nosso distrito, 7500 postos de trabalho. Por confiar nos candidatos da CDU que representam o meu distrito, no seu programa e na sua honestidade, não me restava outra opção.

Albertina Dias



# Os mistérios da sondagem do «Expresso»

No quadro da maré viva de sondagens que tem vindo a assolar a campanha eleitoral, é de admitir que tenha tido particular impacto e causado alguma perturbação a última sondagem do «Expresso» (encomendada em conjunto com a «TSF»).

É também de admitir que esse impacto derive, não tanto dos resultados globais que a sondagem apresenta, mas do facto de incluir um quadro de resultados decomposto em seis regiões do País e de fazer uma alegada projecção sobre a eleição de deputados a nível distrital, concretamente atribuindo à CDU apenas a eleição de 14 deputados (o que mais à frente receberá as devidas observações e comentário).

## Alguns pontos nos ii

Antes de outras considerações a respeito das sondagens em geral e dos resultados globais desta do «Expresso», é necessário pôr alguns pontos nos ii.

É necessário, por exemplo, dizer que o que temos vindo a afirmar sobre as sondagens eleitorais não resulta de qualquer teimosia má vontade ou embirração. Por um lado, porque o PCP tem levantado objecções, feito reparos de carácter técnico, formulado interrogações e pedidos de esclarecimento a que, sistematicamente, os promotores e divulgadores dessas sondagens nunca respondem. E, por outro lado, porque a credibilidade dessas sondagens está, sobretudo, posta em causa perante a opinião pública pelas diferenças de resultados que nelas se revelam, mesmo quando são feitas sensivelmente nas mesmas datas e pelas mesmas empresas.

O absurdo da situação pode ser dado desta maneira: imaginemos que nos perguntam se acreditamos ou desconfiamos destas sondagens e que, compreensivelmente, em vez de respondermos *sim* ou *sopas*, lançamos uma outra pergunta do género: «Mas de que sondagens é que nos estão a falar? Das que dão 39% ao PSD, das que lhe dão 41% ou das que dão 47%? Das que dão 33% ao PS, das que lhe dão 38% ou das que dão 40%? Das que dão 6% à CDU, das que lhe dão 8%, das que lhe dão 11% ou das que não excluem que possa chegar aos 14%? Façam favor de nos esclarecer primeiro quais é que acham credíveis, sérias, correctas e verdadeiras!»

É também necessário voltar a acentuar que, quase sempre, os tratamentos jornalísticos e a interpretação dos números são completamente arbitrários e tendenciosos, já que, mesmo pondo de lado todas as fundamentadas reservas que se podem formular, a verdade é que os números de grande parte dessas sondagens, quando examinados com

rigor e quando atendendo à chamada «margem de erro», permitem conclusões exactamente contrárias.

O exemplo está no próprio «Expresso» de sábado passado que, como muitos outros jornais têm feito, titulava «PSD à beira de alcançar nova maioria absoluta». Ora a verdade é que, num quadro onde eram assinalados apenas 8,8% de indecisos, a sondagem atribuía ao PSD um resultado de 40,3%, o que - incontestavelmente, uma vez que o PSD teve 51% em 87, ou seja uma vez que vem de cima e não de baixo - também autorizava que, pelo contrário, se titulasse «PSD à beira de perder a maioria absoluta».

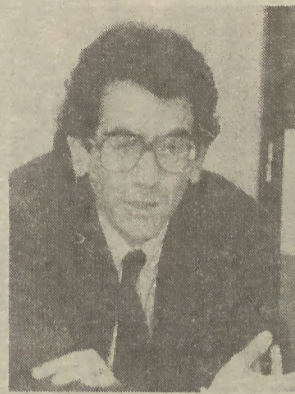
Acresce que esta sondagem do «Expresso» comporta ainda um pequeno mas muito intrigante mistério, que consiste em apurar como é que, numa sondagem em que nenhuma pergunta auxiliares foram feitas aos inquiridos, uma vez que estes apenas foram confrontados com uma simulação de boletim de voto, se conseguiu fazer a distribuição dos indecisos. À sorte? Pela sua repartição na proporção das intenções de voto expressas? Mas, nesse caso, quem pode assegurar que à boca das urnas vá ser realmente assim?

## As novidades do «Expresso»

Mas vamos, então, em concreto, a alguns comentários sobre as «novidades» desta sondagem do «Expresso», naturalmente na exclusiva base das informações que aquele semanário resolveu proporcionar aos seus leitores (se sabiam mais e entenderam que isso «jornalisticamente» não interessava, não venham depois queixar-se).

A primeira observação que cumpre fazer é que na manhã de 6ª feira, dia 20, a «TSF» (que co-encomendou a sondagem), dando a «cacha» dos respectivos resultados, afirmava que a CDU figurava com 10%, mas 24 horas depois, o «Expresso» dava à CDU 8%, faltando saber se a «TSF» (que também pagou a sondagem) foi enganada por alguém, ou se, de sexta para sábado, ocorreram ainda trabalhos de «acerto» quanto ao resultado da CDU.

A segunda observação é para informar que a sondagem do «Expresso» aposta na vastidão da amostra (5965 inquiridos) como pressuposto de que, por ser tão ampla, acabará naturalmente por assegurar uma adequada (e indispensável) representatividade em função das opções de voto de 87 (que não é perguntada aos inquiridos). Muitos especialistas consideram, entretanto, este método como de duvidosa segurança, na medida em que permite que, de facto, por obra do acaso, cada eleitorado partidário esteja, ou sobre-representado, ou sub-representado, o que signifi-



VÍTOR DIAS  
Membro da Comissão  
Política do PCP

O exemplo está no próprio «Expresso» de sábado passado que, como muitos outros jornais têm feito, titulava «PSD à beira de alcançar nova maioria absoluta». Ora a verdade é que a sondagem também autorizava que se titulasse «PSD à beira de perder a maioria absoluta».

ca que nunca - mas nunca - saberemos se naquela amostra havia 12% de inquiridos que votaram CDU em 87 ou se havia apenas 8%.

Mas onde a sondagem do «Expresso» não pode deixar de merecer uma fortíssima desconfiança é exactamente no ponto que terá causado mais impacto: o dos resultados em termos de eleição de deputados ao nível de cada distrito.

A questão é esta: O «Expresso» e a empresa «Euroexpansão» informam que «a amostra foi estratificada segundo o distrito e segundo a dimensão populacional das localidades (...) sendo proporcionalmente repartida ao peso de cada estrato no universo» eleitoral, o que também teria sido feito quanto à idade, à instrução e ao sexo.

Mas o que não dizem é que essa estratificação tivesse sido feita dentro de cada distrito, como era essencial e indispensável numa sondagem que se atreveu a projectar o número de deputados eleitos por cada força em cada distrito. E pode praticamente ter-se a certeza que isso não foi feito porque, segundo opiniões abalizadas, isso complicaria e encareceria imenso os trabalhos de realização da sondagem.

Mas há mais: a sondagem comporta resultados regionais sobre a CDU que, só por si, afectam irremediavelmente a sua credibilidade.

Na verdade, como é possível que, sabendo-se que toda a história eleitoral do PCP e das coligações em que tem participado se caracteriza pelo carácter relativamente uniforme em todos os distritos, quer das subidas, quer das descidas, os promotores da sondagem não tenham achado esquisito que, segundo os seus dados, desta vez as previsões dos resultados da CDU fossem marcadas por espantosas variações e assimetrias distritais que levariam, por exemplo, a manter a votação no Porto e a cair para metade em Lisboa, ou a ter 9,6% no litoral centro (?) e 9,3% em Lisboa (em 1987, 16,5%), ou ainda a ter 7% no Sul (quando em 87 teve 38,66% em Beja, 36,17% em Évora, 32,74% em Setúbal e 10,91% em Faro)?

Mais ainda: como é possível uma empresa especializada e um jornal que se queira responsável, sabendo que Évora e Beja devem ser, supomos, «Sul», por um lado atribuir 7% à CDU no «Sul» e depois - oh! infundável generosidade - conceder à CDU a eleição de um deputado em Évora e dois em Beja, coisa que 7% dos votos obviamente não podem garantir!

## Trabalhar para um bom resultado

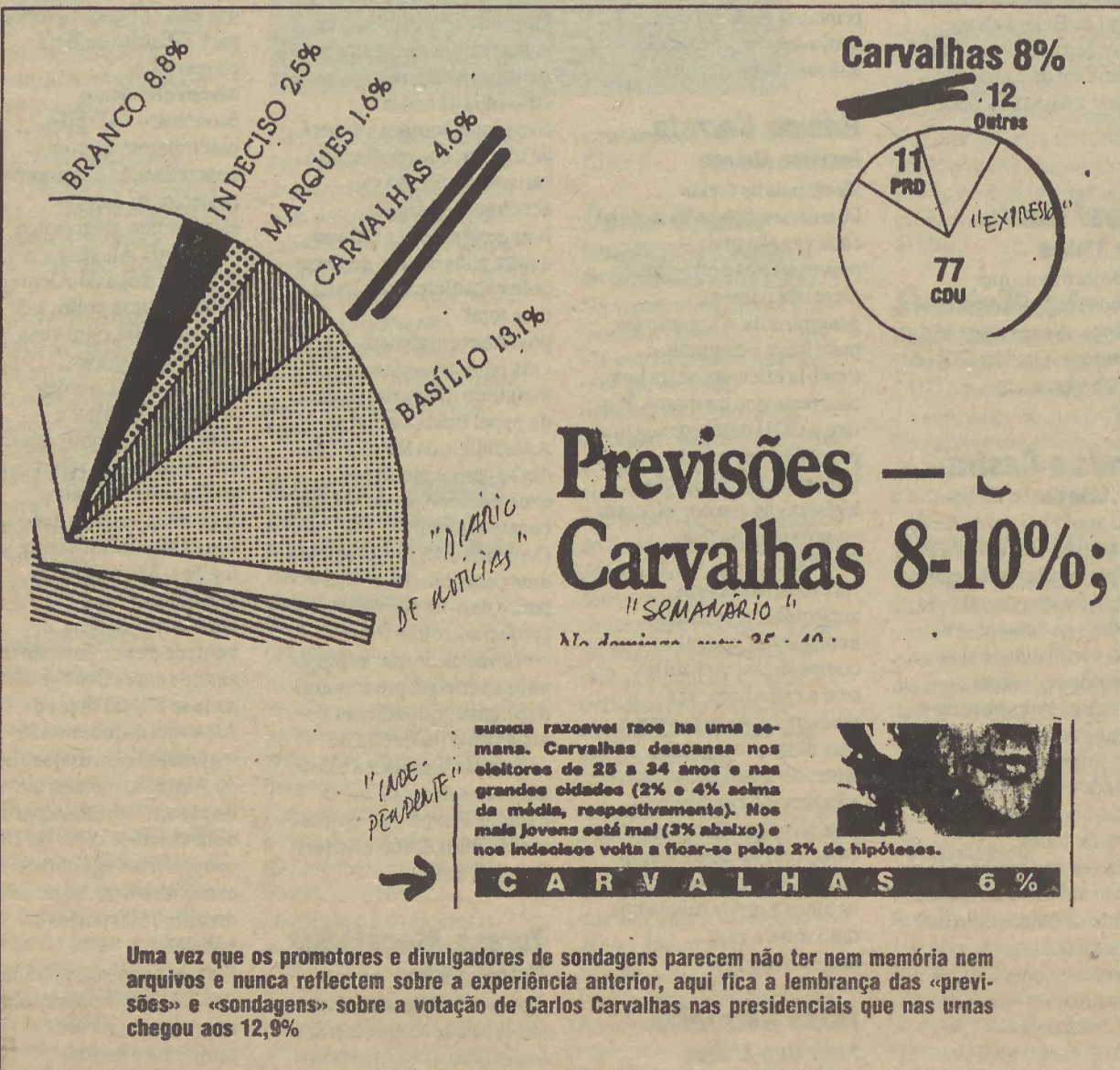
Muito mais se poderia argumentar e desmontar quanto a esta sondagem do «Expresso».

Confiamos que o que, uma vez mais, fica exposto baste para que militantes e apoiantes do Partido e da CDU não se deixem impressionar com estas operações de pressão psicológica e de desmoralização que muitas sondagens (e por vezes os respectivos títulos, manchetes e interpretações) procuram concretizar.

Ninguém nos peça que, em resposta aos números destas sondagens, respondamos com juras de garantias em papel selado sobre o concreto resultado da CDU em 6 de Outubro.

Não somos (nós todos) analistas, nem adivinhos. Somos (nós todos) homens e mulheres que estão no coração de uma batalha para ganhar consciências, que estão no trabalho, não da previsão, mas da luta por um resultado, pelo bom resultado que está ao nosso alcance.

Contrariamente ao que querem os que nos bombardeiam com «sondagens» (que, como vimos, em muitos casos até não excluem esse bom resultado), concentremo-nos na suprema tarefa de falar - e falar confiante e convicentemente - aos que realmente tudo decidirão em 6 de Outubro: os portugueses com direito a voto!



Uma vez que os promotores e divulgadores de sondagens parecem não ter nem memória nem arquivos e nunca reflectem sobre a experiência anterior, aqui fica a lembrança das «previsões» e «sondagens» sobre a votação de Carlos Carvalhas nas presidenciais que nas urnas chegou aos 12,9%

EM FOCO

# «Estás a dar-me Telejornal...»

**1.** Ao controlo do que aconteceria no interior dos diversos tempos de antena não podia a RTP chegar. Lei é lei, a democracia tem destas coisas, ali podia cada partido pôr o que muito bem lhe apetece. Até o Garcia Pereira poderia repetir a gracinha de chamar «serventário do poder» ao José Eduardo Moniz, e a RTP de mãos e tesoura atadas, sem poder fazer nada.

Em compensação, porém, tinha a RTP margem para, nos seus noticiários, fazer a cobertura da campanha eleitoral como muito bem lhe apetece. Isto é, «segundo critérios jornalísticos», como luminosamente esclarece quando as circunstâncias a obrigam a referir-se a estas coisas desagradáveis. Entendendo-se que os supremos critérios jornalísticos são os que agradam a quem mais manda, pois quem manda é que sabe. E aí está a comprovação da objectividade que todos reclamam mas nem todos reconhecem: quando o que a RTP diz e mostra coincide exactamente com a opinião de quem sabe (isto é, de quem manda), é que fica demonstrada pela força das coisas o seu rigor informativo.

**2.** Assim nasceram as isentíssimas reportagens da campanha que vêm valorizando os Telejornais & Outros que Tais. Tamanha é a objectividade daquele trabalho, que o PSD é, invariavelmente, não apenas o primeiro dos partidos a ser notícia como tam-

bém o que recebe um mais longo e terno olhar por parte das câmaras. Não admira: o PSD, partido do senhor primeiro-ministro, é por essa mesma circunstância o mais importante. No plano jornalístico, pois claro. E a nenhum Moniz passaria pela cabeça dar o mesmo tratamento a um partido como o PSD, que é patriótico, pragmático e sem complexos, e à CDU, que não é nada pragmática nem nada dessas coisas esplêndidas e proveitosas que o PSD é..

Aliás, o tratamento reservado pela reportagem da RTP à CDU, para efeitos de Telejornais, é muito característico e tem pouco que saber. Preferem-se sempre os planos em que os apoiantes da coligação estejam, não a dizer ou ouvir coisas inteligentes e transparentes verdadeiras, mas os que fixem imagens de multidões a levantarem punhos aparentemente ameaçadores e a repetirem estribilhos. De vez em quando, aproveitam-se segmentos de intervenções em que dirigentes do PCP, Álvaro Cunhal ou outro, formulem acusações de parcialidade à RTP: a recolha desses momentos demonstra logo como a RTP, coitadinha, além de isenta é incompreendida. Finalmente, faz-se uma compilação de todas as imagens que de algum modo possam ser lidas como sinais de fraqueza ou de ridículo (designadamente quando desligadas do contexto, naturalmente) e excluem-se meticulosamente todas as que sugiram força,

lucidez, enraizamento popular. Bem basta o que a CDU consegue mostrar nos seus tempos de antena.

**3.** É claro que não são apenas a CDU e o PCP que são objecto dos desvelos da RTP: até os partidos que não são temidos, como o PSR ou o PRD, recebem a transparente hostilidade dos homens da Televisão. Sem agressividades inúteis na maior parte dos casos: o discreto sarcasmo, o escárneo implícito, também são métodos usados. Mesmo não sendo partidos perigosos, não escapam ao pecado mortal de não serem fiéis do senhor Professor. Por isso há quem não fuja à tentação de os mordiscarem: sabe-se que tão virtuosos sinais de fidelidade dão direito a graças e indulgências, não no Reino dos Céus, como dantes se usava, mas no da Comunicação Social portuguesa, que é terreno fértil em milagres. Por claramente o saberem, de resto, é que alguns terão sido escolhidos para semearem a boa intenção de voto, embora por caminhos transversais.

Restam, felizmente, os outros, os que são muitos mais e a RTP condenou às diferentes formas de silêncio. E resta também a convicção de que os Telejornais falam muito, contam muitas estórias, mas convencem muito pouco. O público bem sabe o que significa a expressão: «— Estás a dar-me Telejornal...»

■ Correia da Fonseca

## Em defesa da democracia

**A bipolarização é, afinal, uma falsificação de uma das reivindicações fundamentais de todos os movimentos democráticos que combateram contra o fascismo salazarista e caetanista - a liberdade de formação e actuação de partidos políticos.**

Na presente campanha eleitoral para a Assembleia da República há candidatos do PSD e do PS que tudo fazem para incentivarem nos eleitores a ideia de que as eleições se destinam a escolher o primeiro-ministro (que será o presidente do PSD ou o secretário-geral do PS), para o que pede insistentemente que lhes seja dada a maioria absoluta; declaram-se ainda convencidos, tanto os do PSD como os do PS, de que tal maioria será conseguida.

Ora, o que está em causa nas eleições para a AR não é a escolha do primeiro-ministro - que, como muito bem sabem todos os candidatos, não é escolhido pelo eleitorado. O que está em causa é algo diferente - é o fortalecimento da democracia ou o seu debilitamento: fortalecimento, se os partidos da direita forem derrotados e se a composição da Assembleia da República conduzir à formação de um governo que mereça o apoio das forças democráticas, nomeadamente do Partido Socialista e das forças que participam na CDU; debilitamento, se a direita não for derrotada ou se o governo a formar não tiver o apoio de, pelo menos, o Partido Socialista e o Partido Comunista, principais forças do campo democrático.

Para o fortalecimento da democracia não bastaria que o Partido Socialista obtivesse maioria absoluta e se formasse um governo só com membros ou aderentes desse partido. Já houve governos do PS, do PS coligado com o CDS e do PS coligado com o PSD, e todos esses governos, pela sua actuação, foram governos de direita.

Dirigentes responsáveis do PS chegaram, em tempos, a preconizar a realização de um «pacto de regime» com o PSD para constituírem artificialmente a chamada «alternância» no governo, isto é: *agora governam vocês, depois governamos nós, em seguida voltam a governar vocês, e assim sucessivamente...* Quer dizer, de futuro, na vida política portuguesa tudo se iria passar como se houvesse somente dois partidos, o PS e o PSD. Os cidadãos portugueses que não apoiassem, nem o PS, nem o PSD, seriam politicamente marginalizados.

Esta iniciativa de alguns dirigentes do PS é nitidamente redutora da democracia, e é muito lamentável que o PS, partido considerado democrático, tivesse tomado tal iniciativa.

Esses dirigentes têm-se afirmado partidários da «bipolarização», como se o pensamento político e a acção política pudessem reduzir-se à sentença «quem não é por nós é contra nós», como se a vida política pudesse reduzir-se à relação «amigo-adversário»!

Ora, quem definiu a política como a relação «amigo-adversário» e, a partir daí, propagandeou o totalitarismo,

foi um jurista alemão chamado Carl Schmitt, no livro «O Conceito do Político», publicado em 1932. Carl Schmitt encarregou-se de ressuscitar o pensamento político de reaccionários do século passado, especialmente do espanhol João Francisco Donoso Cortés, marquês de Valdegamas. Este começou a sua actividade política como um liberal avançado, mas, depois de 1848, fez uma reviravolta política completa. Em 1851 publicou um «Ensaio sobre o catolicismo, o liberalismo e o socialismo», onde chegou ao ponto de denunciar a razão como inimiga da verdade!

O «Ensaio» foi traduzido para francês por Louis Veillot, e a tradução circulou por toda a Europa. Com os seus recessos retóricos, Donoso Cortés forneceu uma espécie de catecismo aos reaccionários da segunda metade do século XIX, enquanto Carl Schmitt, seu continuador, forneceu uma espécie de catecismo aos reaccionários da primeira metade do século XX.

Conforme pode ler-se no artigo de Claude David, intitulado «Hitler e o Nazismo», Carl Schmitt foi um teórico do Estado corporativo, pronunciou-se contra o Estado pluralista e a favor do Estado totalitário, foi contra a multiplicidade dos partidos, influenciou movimentos fascistas e foi consultor jurídico do próprio Hitler!

Na realidade, a bipolarização apregoada por alguns dirigentes socialistas é (embora possivelmente o não queiram) uma forma, por enquanto atenuada, de totalitarismo.

A bipolarização é, afinal, uma falsificação de uma das reivindicações fundamentais de todos os movimentos democráticos que combateram contra o fascismo salazarista e caetanista - a liberdade de formação e actuação de partidos políticos. Falsificação, naturalmente, involuntária, mas falsificação.

A bipolarização resulta numa afronta à memória dos portugueses que perderam a vida na luta contra o fascismo.

Não nos deixemos iludir pela propaganda da bipolarização, lamentavelmente praticada por alguns dirigentes socialistas.

A bipolarização abre caminho ao totalitarismo.

Em defesa da democracia, no próximo dia 6 de Outubro votemos CDU!

**José Morgado**

Professor universitário, Porto



# Carta a um cangalheiro frustrado

Meu caro cangalheiro frustrado

Do imenso rebanho de pregoeiros da morte do comunismo há um que merece uma referência especial: é você. Você que dedicou toda a sua vida e todo o seu talento a anunciar mortes e enterros de sistemas, de ideais, de processos, de pessoas; você que, possuído por uma lúgubre obsessão disparou a sua prosa necrológica sobre todos os continentes; você que utilizou a caneta, a olivetti e o computador sempre de olhos postos na cangalha; você que escolheu a profissão de jornalista por ver nela o meio mais eficaz de se cumprir como cangalheiro; você que, tragicamente, não viu até hoje concretizada uma única das grandes cerimónias fúnebres que profetizou.

Lembro-me de si, épico e flamejante, a anunciar cheio de certezas a morte do tigre de papel. Foi essa, creio, a sua primeira frustração: o tigre nem era de papel nem morreu; e o funeral foi-se. Lembro-me de si, aguerrido e belicoso, a marcar data e a anunciar com astrológico rigor a morte e o funeral de Saddam Hussein. Neste caso tratava-se mesmo da morte física - uma rajada e já está, como você ensinava estribado no fortíssimo argumento de que a lógica da guerra a isso obrigava. Afinal o ditador lá continua e quanto ao enterro decidido pela sua lógica funerária, viste-o.

Lembro-me de si, democraticamente triunfante, a anunciar a morte e o enterro do comunismo, no Natal de 1989 e vejo-o agora, triunfantemente democrático, a renunciar a mesma morte e o mesmo enterro do mesmo comunismo... comunismo que a sua prosa letal já matara centenas de vezes nas últimas décadas.

Lembro-me de si, diligente, aplicado, paciente e mórbido a repetir a bandárrica cassete das 1999 profecias sobre a morte e o funeral do PCP.

E pergunto-me: até quando durará esse seu calvário de pobre cangalheiro inconclusivo, de soturno gato pingado interrompido, de coeiro adiado que nunca logrou entrar num cemitério? E acredite que o lamento, que você me faz pena e me faz dó e que temo pelo seu futuro. Não é impunemente que se passa uma vida a anunciar mortos que não morreram: para si, meu caro cangalheiro frustrado, o mundo é um lugar povoado de fantasmas.

Reflectindo sobre o seu passado - todo ele dedicado, ingloriamente, à causa da cangalha - e procurando entrever o seu futuro, não encontro para si senão uma das seguintes três alternativas:

1. continuar a habitar esse mundo bafiento, lúgubre, mórbido que é o seu, tendo como única esperança e único anseio a morte e a respectiva cerimónia fúnebre. É uma alternativa que, sinceramente e em nome da vida, lhe não aconselho.

2. Passar à acção, anunciando a morte e produzindo-a, imitando, na reduzida dimensão do simples cangalheiro que você é, o exemplo e a prática dos EUA. (O tal tigre de papel lembra-se? que você hoje adora e enaltece como o Modelo dos modelos... talvez por ter verificado que, afinal, o bicho não era de papel mas de metal sonante). É alternativa que também não lhe aconselho. Além do mais porque os EUA são insuperáveis nessa matéria, fazem isso melhor do que ninguém. Bush e os seus rapazes são eméritos anunciadores de morte, prolixos fazedores de morte matada e eficientíssimos coeiros de morte concretizada. Às vezes, com o notável pragmatismo que os caracteriza, sintetizam numa só as duas últimas operações, assim desonerando e simplificando a solução final. Foi o que aconteceu, soube-se há dias, no Iraque (a tal guerra que, afiançava você, estávamos a ver em directo) onde, em vez de matarem (em nome da democracia) e depois enterrarem (em nome da liberdade) os soldados iraquianos, os enterraram vivos em nome do Direito Internacional e numa manifestação de louvável e cirúrgico respeito pelos direitos humanos. Quem é que pode competir com tal eficácia? Repare ainda nesta história exemplar: em 1945, um general norte-americano disse: «é preciso fazer voltar o Japão à idade da pedra» - e assim fez; trinta anos depois um filho desse general

repetiu «é preciso fazer voltar o Vietnam à idade da pedra» - e assim foi; em Fevereiro passado, um neto do primeiro e filho do segundo insistiu: «é preciso fazer voltar o Iraque à idade da pedra» - e assim foi feito. Como vê, caro cangalheiro, não se trata da simples repetição de uma frase, trata-se da inserção de uma frase num projecto político planetário, trata-se, ao fim e ao cabo, da transformação de uma frase no hino nacional de um país.

3. Sugiro-lhe, então, meu caro cangalheiro irrealizado, a terceira alternativa, ou seja: deixe-se disso, limpe a sua prosa das bambinelas fúnebres que a amortalam, dispa a sua inteligência das sórdidas ceroulas de garimpeiro que a modelam, liberte o seu talento das estreitas baías que o atrofiam, vire as costas à morte e enfrente a vida, saia à rua, ouça o que dizem as pessoas, fale com elas, seja como elas ou diferente delas, seja o que quiser ser - vermelho, azul, laranja, verde - tanto faz, escolha a cor que quiser mas assumo com dignidade a escolha que fizer. Repito: com dignidade. Mais: não gaste a vida que lhe resta a profetizar mortes de coisas que não vão morrer, não se ridicularize mais dedicando os próximos vinte e cinco anos a repetir a previsão da morte do PCP em que gastou o último quarto de século. Não fique preso, sequer, à esperança de um mau resultado da CDU em 6/10: em primeiro lugar porque tem todas as hipóteses de ver essa esperança gorada, em 2º lugar porque, mesmo que essa sua esperança se realizasse, isso em nada alterava a importância, a necessidade, a indispensabilidade da existência e da actividade do PCP.

Ponha os olhos no seu país, meu caro cangalheiro: veja as condições em que trabalham e vivem centenas de milhar de pessoas; a exploração de que são vítimas; a intimidação, a chantagem, a repressão que sobre milhares e milhares de trabalhadores se exercem todos os dias; as mais de duas centenas de milhar de crianças exploradas, humilhadas, amputadas do direito de serem plenamente crianças; os muitos milhares de jovens aos quais são fechadas as portas das escolas, que não conseguem um emprego ou que só o conseguem em condições precárias ou, pior do que isso, a troco da assinatura da ficha de inscrição no PSD; as centenas de milhar de reformados agredidos e ofendidos por uma política que pretende encerrá-los no ghetto da idade e os insulta com reformas de miséria; os grandes problemas não só a não serem resolvidos como a agravarem-se; a corrupção, o compadrio, o nepotismo, a prepotência, o autoritarismo, a alastrarem e a institucionalizarem-se. Depois, repare que os acontecimentos da URSS, ao contrário do que os seus escritos parecem concluir, não alteraram em nada esta realidade, isto é: depois de 19 de Agosto o povo e os trabalhadores portugueses continuaram a viver as mesmas dificuldades que antes viviam. (Da mesma forma que o fracasso da tentativa de construção de uma sociedade socialista não tornou boa a cada vez mais opressora e desumanizada sociedade capitalista).

Repare, ainda, que há um partido - o PCP - que sempre tem lutado e continuará a lutar contra esta situação que vivemos e a política de direita que está na sua origem; um partido que sempre esteve e sempre estará ao lado dos trabalhadores que vêem nele o principal e seguro defensor dos seus interesses e direitos; um partido que se bate por uma sociedade democrática, livre, que assegure a cada cidadão os direitos que, pelo simples facto de existir, lhe são devidos; um partido que se bate por uma sociedade fraterna, solidária, humanizada, sem a exploração do homem pelo homem que gera as mais desumanas injustiças sociais; um partido que sempre tem lutado e continuará a lutar pela melhoria das condições de trabalho e de vida de todos os portugueses.

É por tudo isto (a que você e os seus gémeos chamam «fé») que o PCP não só não morre como, pelo contrário, se afirma cada vez mais como um partido necessário, indispensável e insubstituível.

Despeço-me, meu caro cangalheiro, desejando-lhe um rápido e definitivo regresso à vida.

José Casanova

# Fotos

**Bastidores do Palco «25 de Abril», final do comício da Festa. O repórter do «Expresso» fala com várias pessoas, sonda Vítor Dias: «Então, que é que você acha? O comício excedeu o que esperavam? Ou não?».**

**Resposta tornada rabujenta pelo passado e irónica pelo futuro: «Oh José Pedro Castanheira, deixe-se disso! Publiquem a fotografia! Publiquem a fotografia e deixem as pessoas pensar!...»**

O «Expresso» não publicou nenhuma fotografia do comício da Festa, tal como o não fez qualquer outro jornal de Lisboa, tal como a RTP não mostrou qualquer imagem que ultrapassasse o ângulo próximo da face dos oradores.

A este facto fizemos referência no último número, a ele respondemos com a publicação hoje de um suplemento de características e dimensões pioneiras no «Avante!». Elas aí estão, as fotografias da Festa.

Mas o problema da fotografia, da reportagem fotográfica coloca-se hoje - como tantos outros problemas da Comunicação Social - de uma forma inteiramente nova.

Folheando a esmagadora maioria dos jornais e as suas coberturas fotográficas do noticiário da actividade do PCP e da CDU o panorama é impressionante.

O «Público» fotografa Domingos Abrantes numa conferência de imprensa num ângulo que obrigou o fotógrafo a espojar-se pelo chão: o resultado é, evidentemente, um contra-plongé que transforma Abrantes num ogre de queixos descomunais e testa mínima...

«O Independente» selecciona um Álvaro Cunhal de deformada cara à banda, engolindo uma garfada ao jantar.

Qualquer candidato CDU surge aos olhos dos leitores da imprensa de facies patibular obtido em sobre-exposições de flashadas inúteis ou de intermináveis banhos reveladores no laboratório. O recurso a grandes angulares é de tom no sentido de transformar os assistentes aos comícios CDU em dolocéfalos ou braquicéfalos dignos de figurar num catálogo novecentista de horrores da Natureza.

A avaliar pelos fotos, a Festa do «Avante!» foi um puro abrigo de idosos sonolentos dormitando à sombra de painéis de aparite ou de juvenis euforias de duvidosa sobriedade...

## Mentira?

Mentirão estas fotografias?

Escreve Roland Barthes no seu fulgurante «A câmara clara» que «a fotografia não rememora o passado (...). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir aquilo que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de confirmar que aquilo que vejo existiu realmente».

Essa é, de facto, a grande força da fotografia. A fotografia prova a existência e a trucagem mentirosa e inteiramente falsificante é a tara doentia de um fenómeno reconhecido universalmente. A fotografia é sempre uma realidade que foi - mas a questão é que uma realidade: nem a realidade e raramente toda a realidade.

À medida em que se reduz fisicamente no tema a fotografia aumenta a sua possibilidade de falsificar porque aumenta a sua possibilidade de interpretar e, portanto, de se tornar efectivamente mais interessante, melhor.

A foto de paisagem é em geral desinteressante. O grande e vasto ângulo puramente reprodutivo não desperta interesse, é uma duplicação visual pouco reveladora. Mas, à medida que o enquadramento se vai reduzindo, que o tema se vai reduzindo em quantidade e área, a quantidade de significados vai aumentando, o retraimento do plano acompanha o crescimento do interesse.

Introduzindo o culto do grande plano pelas próprias limitações do tamanho do ecrã e da definição da imagem, a televisão fez andar para trás a volúpia da imagem dos grandes espaços, dos grandes planos e das grandes perspecti-

## EM FOCO



O exemplo clássico. Seis meses apenas separam as duas capas da «Time»: à esquerda, a notíola é a prisão da herdeira do império de imprensa Hearst, Patricia Campbell Hearst, envolvida no assalto a um banco por um grupo de guerrilha urbana. É «Patricia Hearst, alias Tania», seu nome na guerrilha, designação habitual dos cartazes polifólios; uma face cruelmente iluminada, foto frontal e patibular. À direita, a arrependida Patricia Hearst, após ter publicamente renegado todas as suas opções. Passou a uma familiar «Patty no tribunal». A foto é a de... uma inocente

vas que o cinema introduzira. Com a TV, a fotografia acentuou o seu cunho intimista por um lado, a tendência ao enquadramento de pormenor que sempre lhe esteve subjacente, que, no fundo, mais a valoriza.

A fotografia tende à busca e fixação do pormenor significativo. Mas isto condu-la direitinha ao campo da opção ideológica e estética. A foto é sempre documental - mas a selecção e a fixação do documento não é neutra: reflecte a opinião de quem a faz. Não se fotografa o que é: fotografa-se o que se vê - e o que se vê é culturalmente orientado e ideologicamente escolhido.

Pior: fotografa-se não o que é, nem o que se vê - mas o que se quer que seja visto. E entramos então no campo da manipulação da realidade. De uma realidade que, sem dúvida, existe: mas que não é revelada tal como é, mas tal como se quer que seja vista.

### A pessoa

A opção pelo grande plano, pela fotografia individual, pela personalização da situação ou do facto não reflecte apenas - embora o seja também - uma efectiva humanização do quotidiano, um referencial crescente do homem como padrão do acontecimento.

Ideologicamente, o respeito pelo homem pode esconder um individualismo paralisante. O grande plano do homem pode ocultar a ampla panorâmica da humanidade. E, porque é mais plástico, porque de apreensão mais imediata e linear pelo espectador, o pormenor pode tornar-se mais significativo que o plano geral.

Na luta da informação política, a opção pela ilustração mediante a fotografia do líder, do dirigente constitui uma sedução permanente.

«A maioria das pessoas - escreve Harold Evans em «Pictures on a Page» - nunca viu as pessoas que estão nas fotografias. A nossa realidade é resultado dos caprichos dos fotógrafos e dos gráficos. Uma série de distorções construirão um estalagmite de preconceitos. Um fotógrafo mal-intencionado não depende de um infeliz momento de desatenção do seu alvo. Os ângulos da câmara controlam a relação dos contornos da face com o enquadramento da fotografia. Uma ligeira inclinação no ângulo de corte pode adelgaçar um rosto; mas este tornar-se-á duro e quadrado se as linhas do maxilar e do queixo forem paralelas às do enquadramento. Fotografar de baixo para cima torna um pescoço tenso, um queixo agressivo, o ângulo de cabeça arrogante; fotografar sob o foco de um projector ou um sol brilhante enfatiza a ansiedade e as marcas da idade ou cria uma mórbida fixidez no olhar.»

### Uma imagem de grupo

Contudo, o percurso da fotografia individual, de pormenor, do dirigente, é talvez ainda potencialmente mais perverso. É, na verdade, mais manipulável, seja pelas disponibilidades técnicas que proporciona seja - como tão bem nota Evans - pelo facto de que a maioria das pessoas relaciona-se com essa imagem a partir de anteriores imagens - raramente a partir da realidade.

Se podemos dizer sobre o familiar que «ficou bem» ou «ficou mal» na fotografia isso reporta-se a um conhecimento físico real do fotografado: no caso da maioria das figuras públicas esta comparação é exclusivamente fruto de sucessivas comparações de imagens. Uma sucessão orientada pode assim criar referenciais falsificados, contingentemente correspondentes à realidade.

Mas é ainda em Roland Barthes que poderemos ir encontrar uma pista para descortinar como é perigoso o processo: «Mas há algo mais insidioso - escreve ainda em «A câmara clara» - mais penetrante do que a semelhança: por vezes, a fotografia faz ressaltar aquilo que nunca se vê num rosto real (ou reflectido num espelho); um traço genético, uma parte de si mesmo ou de um parente que vem de um ascendente. (...) A fotografia dá um pouco de verdade desde que parcele o corpo. Mas essa verdade não é a do indivíduo, que permanece irreduzível; é a da linhagem.»

Na verdade, o corte entre o fotografado enquanto fotografia e o fotografado enquanto ser desencarna a foto para a tornar num símbolo. Não se conhecendo directamente o fotografado, nele não se buscam os pormenores de semelhança com uma realidade que se desconhece, mas os pormenores identificativos que o tornem particular. E na sensação difusa de que esses pormenores identificativos ultrapassam o indivíduo fotografado, insinua-se que eles cristalizam as marcas de uma família, de um grupo.

Ao deformar a face de um dirigente comunista que a maioria dos leitores jamais viu pessoalmente, ao emprestar-lhe por um ângulo de objectiva ou artifício de iluminação um ar boçal, duro, violento ou envelhecido não é esse dirigente que o repórter ou redactor pretende atingir: pretende-se dar a ideia dos traços gerais da espécie a que pertence. Ele é um dos, e esses caracterizam-se por esses traços comuns acentuados até à caricatura para inequivocamente serem apreendidos sem contestação da realidade ausente.

### A realidade

O processo, todo o processo, nada tem de novo. Como as palavras, as fotos também vão à guerra das ideias.

Não surpreende que uma informação ideologicamente orientada sem qualquer margem de dúvidas procure ilus-

trar-se de acordo com os padrões culturais e éticos que regem os seus escritos.

Interessará talvez pouco recordar a inabilidade dos discursos sobre «objectividade», «verdade» «informação» de quantos necessitam de tais conceitos para cobrirem opções ideológicas que parece terem pudor de como tal se assumir.

Mas um aspecto entre todos interessa referir.

O caminho da Humanidade tem sido o da clarificação, da crescente exactidão do seu olhar sobre o mundo que a rodeia. A ideia falsa, o conceito errado, a visão deformada não são exclusivamente, sequer essencialmente, e nunca exclusivamente fruto de uma intencionalidade obscurantista ou manipuladora: são-no, acima de tudo, fruto de desconhecimento, de dificuldades na apreensão e na compreensão da realidade. Mas, fruto seja do que forem, jamais são úteis ao Homem. Uma deturpada ou incorrecta apreensão da realidade jamais serve uma exacta e transformadora relação do Homem com ela.

E não pode deixar de ser significativo que a luta ideológica do anticomunismo revele tão profunda necessidade de recorrer à sinuosidade e deformação de conhecimento da realidade idêntico ao que desde sempre foi gerado pela ignorância e pelo atraso, ao percurso passado que a Humanidade quotidianamente deixa para trás.

Não é um idealismo generoso e ingénua declarar o falhanço dos edifícios ideológicos que requerem um viciado da realidade que nega o conhecimento dela adquirido.

O fotógrafo que deforma a cara de um dirigente do PCP sabe que a está a deformar, mas o seu jornal precisa dessa deformação. Não é uma ignorância, que seria grave - é uma necessidade, que é fatal. Porque, afinal, não se deformou, de facto, a realidade: apenas se deformou um retrato dela fornecido.

### Os perigos

O processo é perigoso, quando generaliza uma ideia, um conceito ou uma imagem e, ao generalizá-lo, tende a transformá-lo em força material pela concretização que dele irão fazer aqueles de quem ele se apossa.

Mas não é inclutável.

O domínio total dos meios de informação não é um inultrapassável instrumento de dominação. Todos - mas todos - os exemplos da História da Humanidade, e muito especialmente da História contemporânea e recente o demonstram.

Porque a imagem da realidade não é a realidade. Muito menos quando a deforma e tritura.

E na luta das ideias vencem as que têm em seu apoio a força imensa da sua correspondência ao real.

Como sucede com 75 fotografias de um fim-de-semana de Festa que neste jornal hoje se publicam.

# O que é ser comunista, hoje

Quando se quer, hoje, embaraçar alguém que é conhecido como comunista e, ao mesmo tempo, «ajudá-lo» no caminho para deixar de ser, a pergunta a fazer-lhe será: **que é ser comunista, hoje?**

Esta abordagem parece que resulta quando dirigida a intelectuais, pois já vi e ouvi alguns ficarem mesmo embaraçados e embrulharem-se na resposta, talvez dando passos desejados pelo perguntador.

E estranho, pois acho que é fácil dar uma resposta. O que não é o mesmo que dizer que todos devamos ter a mesma resposta por só haver uma a dar, como quem mete cruzinhas em quadrados de sim ou não.

Aliás, penso que um intelectual comunista deveria estar preparado para tais perguntas. Eu tenho a minha resposta. Só que ninguém me faz dessas perguntas...

Antes de mais, procuro, em mim, as razões para o embaraço que se pretende causar, e tenho visto provocado, no «comunista de serviço» e ao dispor para os efeitos desejados. E permito-me adiantar algumas.

Antigamente, durante décadas portuguesas, não se colocava a pergunta por motivos óbvios. Então a resposta, orgulhosamente dada, seria a de que ser comunista era estar lutando contra o fascismo e o colonialismo, pela liberdade e a democracia em Portugal. Nenhum comunista teria, decerto, respondido que o era porque existia a União Soviética, que ela era o modelo, que tudo estava nessa referência, embora alguns talvez fossem mais longe e falassem em marxismo, em exploração do homem pelo homem, e formas extremas desta exploração contra as quais lutava.

Cuido que o embaraço de hoje é, sobretudo, provocado/provocador e nasce da directa conotação com o chamado «socialismo real», e da exclusiva preocupação daí decorrente. De um lado, do perguntador, querendo amarrar o inquirido a essa conotação; do outro lado, do respondedor, procurando fugir a toda a anatematização a ela ligada.

Quando o perguntador pergunta, como é o seu papel, que é hoje, ser comunista? está a deixar implicitamente explícita (!) a interrogação **como é que você, que até é um homem inteligente, civilizado, com todas as condições para ser um democrata, se define perante toda aquela desgraça, miséria, perante tudo o que se provou, c.q.d.\*?** E o perguntado, deixando-se encurralar nesse papel de interrogado, tartamudeia um discurso em que pretende, sobretudo, demonstrar que não tem nada a ver com toda aquela desgraça, miséria de democracia, de que, aliás, ele, interrogado, é um exemplo sem mácula. Tanto assim que está em fricção - ou mais, ou mais do que isso... - com o seu partido que não será tão democrático q.b.\*.

Além de que, sublinha, não só não tem nada a ver com os arrolados horrores lá do leste, como nunca teve. Em momento oportuno, ele se teria distanciado de umas agres-

sões à democracia e de bem piores malfetorias vindas desse tal «socialismo real». Pelo que estará disposto a tomar posições consequentes, tanto mais claras e espectaculares quanto maior é o pesar por se ter calado ou não ter afirmado o seu desacordo ou desapoio. Quando o interrogatório o permite, o nosso «comunista de serviço» ainda explica esse silêncio de outrora com as razões da conjuntura, com aquilo que seria a sua resposta orgulhosa se, nessa altura, lhe tivessem feito a pergunta de agora: estava na luta contra o fascismo e o colonismo e não havia que dela se distrair.

Por tudo isto, ou só por isto, será envergonhada a resposta e nada esclarecedora. Envergonhada porque pretenderá, sobretudo, negar o que se apresenta, ou sugere, como indentificado com o comunismo. Trata-se de se afirmar, pessoalmente, pela negativa. De se defender de acusações de falta de democraticidade, de recusar liminarmente o regime de partido único e enfatizar o pluripartidarismo, as liberdades e os direitos intrínsecos dos regimes parlamentares, de ridicularizar a economia centralizada fazendo coro na ode ao mercado (com regras, regulação, ou lá o que for... mas mercado).

Mas não pode ser só a negativa esclarecedora ou de esclarecimento. Para se ser uma coisa não basta dizer o que não se é. É preciso afirmar, e nessa afirmação está o lado nada esclarecedor dessas respostas envergonhadas. Diz-se, então, que ser comunista, hoje, seria estar contra a injustiça e as desigualdades sociais, seria pôr os olhos nas periferias, no terceiro mundo (e quarto, e seguintes), seria estar com os pobres, com os marginais, seria defender a diferença. O que, segundo a tal **minha resposta** para a pergunta que a outros é feita, é correcto, é muito, mas é, também, **muito pouco** porque não é bastante para definir o que é ser comunista, hoje. Razão, aliás, que é dada a muitos perguntadores que acrescentam a dúvida, pouco inocente, das diferenças entre ser comunista assim e social-democrata. Na verdade,

apesar dos protestos que possa o interrogado avançar, a partir dessa definição de comunista deles estaria o mundo cheio, para não falar do inferno e de quem dele está a salvo, como a Madre Tereza de Calcutá, o padre Melfcias e a eng<sup>a</sup> Lurdes Pintasilgo. Pessoas que muito respeito, a que não regateio louvor às intenções, mas que nada têm de comunistas.

Por isso, incluindo esses requisitos para se ser comunista na **minha resposta**, tenho necessidade de acrescentar que ser comunista é ter uma explicação para as injustiças e desigualdades sociais, é ver a periferia, o terceiro mundo com uma determinada perspectiva, é ter para com os pobres, os marginais, os «diferentes», uma atitude e uma prática, ou uma atitude militante, ou uma práxis, ou como lhe queiram chamar mas sua. E pensar o mundo e procurar explicá-lo de uma forma que identifica!

Mas seja eu ainda mais claro onde outros põem ambiguidade. As injustiças e as desigualdades sociais são um produto da **exploração do homem pelo homem**, e esta funda-se na divisão em **classes sociais**, existindo coisas como **criação de valor, mais-valia** e sua apropriação; a periferia e o terceiro mundo são um reflexo da expressão **imperialista** dessa exploração, cada vez mais determinante pela crescente interdependência planetária que, no entanto, não nega a existência de classes e a luta entre elas; a atitude para com os pobres, os marginais, os «diferentes», deve ser de luta contra as causas da pobreza e da marginalidade, de muito respeito pelas diferenças mas sem abdicar da exigência do respeito pela identidade própria. É querer transformar o mundo contra os que o querem gerir!

Para mim, ser comunista, hoje, é - também! - aceitar tudo discutir menos o direito a ser comunista hoje. É **militar** no Partido Comunista procurando ser coerente com essa identidade assumida.

*\* Para quem esteja menos familiarizado com fórmulas matemáticas e farmacêuticas, c.q.d. quer dizer «como se queria demonstrar» e q.b. quer dizer «quanto baste».*

■ **Sérgio Ribeiro**

## Estórias alentejanas

# Vale de Vargo, um bastião CDU

■ **Miguel Urbano Rodrigues**

Há na Margem Esquerda do Guadiana, em terras de Serpa, Moura e Mértola, freguesias que justificam o qualificativo de baluartes do PCP. Não há tempestades políticas, manobras da direita, promessas de ministros que alterem a relação complexa e profunda que liga as populações dessas vilas e aldeias ao seu Partido. É o caso de Vale de Vargo, Pias, Vila Nova de São Bento, Amareleja, Minas de S. Domingos, e outras.

Encontrava-me em Vale de Vargo no dia em que a RTP transmitiu imagens e palavras de Cavaco e Silva sobre aquilo a que ele chamou «alaranjar o Alentejo».

Admito que o Primeiro-Ministro não está em condições de avaliar o efeito que atitudes desse tipo provocam nos destinatários da sua mensagem. Mas, por si só, o verbo «alaranjar» e, o sorriso mediático, estereotipado, que Cavaco Silva exibiu ao convidar os alentejanos a entrar para o redil do PSD são reveladores da sua dificuldade em entender os sentimentos das pessoas que pretende cativar.

Em aldeias das Vale de Vargo (1251 habitantes), o Partido é olhado pela comunidade como alargamento da família. Passei ali quase um dia nas vésperas de Álvaro Cunhal falar em Pias e na Amareleja. Não foi necessário pedir ajuda aos amigos para as tarefas de divulgação das iniciativas CDU. Num abrir e fechar de olhos apresentaram-se voluntários para distribuir o compromisso eleitoral dos candidatos CDU por Beja e tarjetas sobre os próximos comícios. Apareceu um escadote e gente para colocar os pendões da CDU com o apelo ao voto.

Era dia de mercado. Para nós foi uma jornada de convívio com feirantes e compradores. Nos cafés não me deixaram pagar nem uma mini. Ao longo do dia aprendi muito mais do que fui capaz de transmitir.

São comoventes e belas as estórias das gerações que durante meio século fizeram de Vale de Vargo uma fortaleza da resistência antifascista. Hoje passam dos 70 anos os homens e mulheres (e são felizmente ainda muitos) que

evocam aqueles tempos de luta e afirmam com emoção: «Conhecemos o Partido quando tínhamos 20 anos...»

O Manuel Gregório, óptimo conversador, falou demoradamente das paralisações, de confrontos constantes com os agrários espanhóis Vasquez Moreno (latifundiários brancos e truculentos) e das situações criadas pela recusa dos trabalhadores em receber as jornas que os patrões haviam rebaixado, violando compromissos assumidos. «Nem um tostão a menos do que o combinado antes!» - era a palavra de ordem. A memória desses anos de luta e sofrimento permanece viva. Eles gostam de contar muitas estórias. «Reuníamo-nos no Largo do Toucinho», e os bufos iam logo avisar a GNR e, depois, vinham os problemas com a PIDE. Com frequência, repetem: «Era a orientação do Partido.» A expressão sai-lhes com naturalidade.

Poderá alguém estranhar que esses homens e mulheres (muitos cumpriram anos de prisão nos cárceres fascistas) façam mau juízo do comportamento e das intenções dos chamados «dissidentes do PCP», cujos documentos e entrevistas fascinam a RTP, o «Expresso» e o «Público»?

«Gente que, dizendo-se comunista, exigiu a demissão da direcção do nosso Partido nas vésperas de campanha eleitoral levantando contra ela falsidades e calúnias a propósito das coisas da União Soviética não pode merecer o nosso respeito» - desabafou em conversa, com amigos à roda, o Lameira, outro veterano de muitas lutas sofridas. Foi ele quem conseguiu a proeza, após muito trabalho, de obter a licença para abrir o primeiro café em Vale de Vargo. Era proibido, por ser considerado um lugar potencialmente subversivo.

«Tivemos de fazer o pedido através de um fascista, porque de outro modo eles não davam autorização. Não queriam cafés porque achavam que era lugar para os comunistas falarem uns com os outros. E, para eles, era comunista qualquer trabalhador que não vendia a dignidade. Foi difícil, porque desconfiaram, mas acabámos por abrir dois

cafés de uma assentada»...

O encontro no Centro Cultural, à noite, foi mais uma conversa entre amigos e camaradas do que uma sessão formal.

Inesperadamente, falou-se muito do Partido da Solidariedade Nacional, o último dos táxi-partidos portugueses.

Um reformado desencadeou o debate e zurziu com força «esse tal PSN que promete fazer coisas maravilhosas se eleger deputados, o que não vai acontecer. Até já fala em chegar ao Governo...»

«É muito o descaramento - observou outro - o desse presidente do PSN que agora diz não ser de esquerda nem de direita.»

O tema suscitou interesse e alguém lançou uma advertência contra os perigos da demagogia junto de reformados ingénuos. Por fim, foi lembrado que o líder do PSN proclamava aos quatro ventos, após o 25 de Abril, a sua fidelidade ao marxismo e elogiava Marx e Lênine. Agora, «como a história deu uma volta, acha o marxismo uma «monstruosidade» e renega tudo o que escreveu antes no «Diário de Lisboa» e noutros jornais.»

Pelo serão adentro conversou-se muito da relação entre a política e a vida e da coerência dos homens. A juventude da aldeia — registre-se - vota CDU; as campanhas de intoxicação e desinformação não produzem ali resultados importantes. Naquele pequeno povoado da Margem Esquerda do Guadiana, sucessivas gerações transmitiram aos filhos seus princípios e valores, uma certa maneira de ver e sentir o mundo através do seu Partido revolucionário.

Nestes tempos em que o socialismo foi varrido por um terramoto social em muitos países, eles mantêm intacta a sua confiança nos ideais comunistas. Sentem orgulho pelas raízes criadas na aldeia pelo PCP.

Vale de Vargo não se deixa tingir. O povo ali não é alaranjável. O povo daquela esquecida aldeia de Serpa vai, mais uma vez, votar em massa pela CDU.

DOCUMENTOS  
DA CAMPANHA

O secretário-geral adjunto do PCP e primeiro candidato da CDU por Lisboa apresentou, na passada quinta-feira, dia 19, em Lisboa, as grandes propostas da CDU para o desenvolvimento da situação política nacional e para a actuação de um futuro governo democrático, comentando também as ideias fundamentais da campanha do PSD e do PS. Acompanharam Carlos Carvalhas, na conferência de imprensa, Octávio Teixeira, da Comissão Política do PCP e cabeça-de-lista da CDU por Setúbal, André Martins, dirigente do PEV, Corregedor da Fonseca, da ID, Ana Cristina Vieira, da JCP, e Feliciano David, independente.

# A política necessária de um governo democrático

**1** Nas eleições de 6 de Outubro estão directamente em confronto possibilidades e rumos opostos no que respeita ao desenvolvimento futuro da situação política nacional.

No sentido apontado pelo PSD, é o prosseguimento e o aprofundamento da política de direita levada a cabo nos últimos anos, a que se somam sombrias perspectivas no que respeita aos problemas económicos e à crescente dependência do país, que fazem perfilar no horizonte dificuldades acrescidas para os trabalhadores e para as restantes camadas laboriosas.

Em sentido oposto, a CDU aponta a necessidade e a possibilidade da direita ser colocada em minoria na futura Assembleia interrompendo assim a sua política, e a perspectiva de uma convergência democrática que dê base à formação de um governo que empreenda finalmente uma política democrática alternativa.

Atravessando as espessas barreiras da desinformação dominante e enfrentando agressivas operações de diversão, a campanha eleitoral da CDU aposta em levar ao conhecimento das portuguesas e dos portugueses a nossa análise dos candentes problemas nacionais, as propostas que temos e a perspectiva política que abrimos para a sua resolução.

**2** A afirmação do PSD de que só assumirá responsabilidades governativas no caso de o eleitorado lhe confiar a maioria absoluta representa uma intolerável chantagem junto de muitos eleitores pela forma como é apresentada e pelos catastrofistas cenários que o próprio PSD anuncia para o caso de lhe faltar a maioria. Mas, por outro lado, essa afirmação é uma redundância política, já que se limita a sublinhar o que é óbvio: que se o PSD não tiver maioria absoluta de deputados, então não terá possibilidade de participar no governo, não só por obterem a maioria as forças políticas que se lhe opõem e afirmam votar contra a formação de um tal governo como por ele próprio ter excluído qualquer forma de coligação.

Ao contrário do que o PSD inculca, não é nenhuma «concessão» sua o facto de, ficando em minoria, mesmo no caso de ser o partido mais votado, não lhe caber formar governo, mas sim às forças políticas que o derrotaram e o puseram em minoria. A verdade é que nem a Constituição nem a prática política conferem automaticamente o direito de formar governo ao partido que, embora mais votado, esteja em minoria na Assembleia.

Importa que os democratas não deixem de tirar de tal postura todas as ilações e consequências.

O que estas eleições põem em confronto é a política de direita do PSD, por um lado, e por outro, a política democrática alternativa que se lhe opõe.

Não obtendo o PSD a maioria absoluta, como esperamos que venha a acontecer, não restará à direita qualquer legitimidade política para justificar a manutenção do poder em circunstâncias diferentes, seja em coligação ou em governo minoritário. E assim acontecendo estará finalmente colocada na ordem do dia a constituição de um governo que pela sua composição, programa, apoios políticos e sociais de que disponha esteja em condições de empreender, sim, uma viragem democrática na situação nacional.

**3** A admissão por parte do Dr. Jorge Sampaio, perante o completo irrealismo da possibilidade de uma maioria absoluta do PS, de que poderia apresentar-se na Assembleia da República com um governo minoritário sem buscar qualquer acordo ou convergência democrática, à esquerda, mostra afinal que o PS, que critica também a apetência de poder absoluto do PSD, acaba estranhamente por coincidir com a argumentação de Cavaco Silva a favor de executivos de responsabilidade monopartidária desde que em benefício partidário próprio e, até, em situação de minoria.

A alternativa a um governo do PSD não pode ser assegurada exclusivamente pelo PS.

O PS procura impor um falso dilema de governo (Governo do PSD ou Governo do PS, este definido como um governo com uma política e uma composição exclusivamente ditada pelo PS) para daí passar a um ainda mais falso dilema de voto (voto no PSD ou voto no PS).

A insuficiência de apoio eleitoral do PS, para suportar sozinho uma solução governativa com um mínimo de estabilidade e de coerência, não constitui porém a única questão.

A verdade é que o PS, na continuidade da convergência de posições com o PSD em questões fundamentais da actividade governativa, nos últimos anos, desde a revisão da Constituição, ao processo das privatizações e ao próprio Pacote Laboral, acaba de apresentar ao país um programa governativo, em que, apesar embora os eufemismos, não se diferenciam nem distinguem as suas posições, em questões essenciais, das propostas e da própria política do PSD.

Ao mesmo tempo que sublinha que uma recusa do PS a entendimentos à esquerda acabaria inevitavelmente por ser acompanhada por compromissos com a direita, a CDU não pode deixar de salientar que seria ilusória e estaria condenada ao fracasso qualquer estratégia que pretendesse subalternizar a CDU e acorrentá-la a decisões e opções de política e de governo alheias à sua opinião, contribuição e participação.

**4** A CDU chama a atenção da opinião pública para que os eixos fundamentais dos discursos eleitorais do PSD e do PS assentem em duas principais mistificações com que se procura viciar o debate eleitoral e constringer as genuínas opções de voto dos cidadãos.

A primeira mistificação consiste na deturpação da própria natureza e objectivo das eleições legislativas.

Com efeito, PSD e PS procuram fazer crer que a finalidade das eleições é uma escolha directa do Primeiro-Ministro e do Governo, quando na verdade o que se decide é a eleição de deputados à AR, a influência em votos e deputados de cada força, a definição de que forças disporão da maioria absoluta de deputados, a qual por sua vez determinará a formação do Governo e consequentemente a escolha do Primeiro-Ministro.

A CDU não pode deixar de reprovar vigorosamente que partidos como o PSD e o PS, que para justificar graves entorses e negativas modificações no sistema eleitoral sempre invocam o argumento da necessidade de aproximar os deputados dos eleitores, pretendam agora converter as eleições legislativas numa mera escolha pessoal de

líderes ou candidatos à chefia do governo.

A segunda mistificação, já referida em parte, consiste em procurar espalhar a ideia incorrecta de que o elemento central e determinante dos resultados eleitorais é a definição do partido mais votado (mesmo que disponha apenas de maioria relativa), quando a verdade é que, tratando-se de eleições na continuidade de outras anteriores, os elementos centrais e determinantes são a detenção da maioria parlamentar e as subidas ou perdas relativas de influência de cada força.

A verdade sobre a natureza e objectivos do acto eleitoral e sobre os elementos centrais no seu desfecho põe em evidência que, nesses termos, os votos na CDU contribuem sempre para a derrota da direita, contribuem sempre para a eleição de deputados que serão sempre indispensáveis para uma nova maioria democrática e para o processo de formação de um novo governo democrático, contribuem, como nenhuns outros, decisivamente para uma nova política e para uma alternativa democrática.

**5** Não se tratando aqui e agora da apresentação de uma proposta para negociação, cuja oportunidade só os resultados de 6 de Outubro permitirão em definitivo ajuizar, nem por isso e por razões de clareza da nossa postura política e do diálogo com o povo português em que estamos empenhados, parece menos indispensável apresentar publicamente as linhas fundamentais da política que a CDU considera necessária para um futuro Governo Democrático.

Haverá que considerar estas linhas apenas como as grandes referências de uma alternativa democrática do governo do PSD e como os vectores da nova política de que Portugal precisa.

Desenvolvimentos programáticos em matérias de análise das questões nacionais e das propostas nas diversas áreas, poderão ser encontrados nos Programas Eleitorais e noutros materiais já apresentados publicamente pelas diversas componentes da CDU.

A CDU apresenta, como grandes linhas orientadoras fundamentais, na esfera política, económica e social e que correspondem inteiramente aos interesses do povo e do país, ao aprofundamento da democracia e à defesa da independência nacional:

- O respeito pela Constituição e a defesa e consolidação do regime democrático, como bases fundamentais da democracia política, económica, social e cultural.

- A defesa das liberdades, dos direitos dos trabalhadores e de todos os cidadãos, não apenas no plano dos princípios como do seu respeito e vivência quotidianos, e o desenvolvimento da componente participativa da democracia portuguesa.

- O desenvolvimento e a modernização do país, que no contexto da crescente interdependência económica derivada da integração na CEE impõe o reforço da capacidade de decisão nacional e a adopção de uma estratégia que reduza os principais défices estruturais, as vulnerabilidades da nossa economia e a fraqueza da base científico-técnica do país; a salvaguarda do controlo e do interesse públicos sobre sectores estratégicos da economia no quadro de organização económica mista e do planeamento

estratégico e democrático da economia constitucionalmente consagrados; a inversão do processo de domínio da vida política, económica e dos grandes meios de comunicação social, por parte do grande capital nacional e das multinacionais.

- A melhoria efectiva das condições de vida dos trabalhadores, das camadas médias e de todos os cidadãos não só não contraria como é factor indispensável ao desenvolvimento e ao progresso do país; o aumento dos salários reais e uma mais justa repartição do rendimento; medidas específicas para acorrer aos sectores com mais baixo nível de rendimentos, como os reformados e os pensionistas; combate activo à pobreza, às injustiças, a gritantes exclusões e desigualdades sociais.

- A concretização dos direitos sociais, educativos e culturais do povo português, que nos termos constitucionais incumbe ao Estado garantir, designadamente nos domínios do trabalho, da formação e qualificação profissional, da saúde, da educação, da segurança social, da habitação, da cultura.

- O apoio activo ao poder local; o desenvolvimento regional com a efectiva correcção das assimetrias; a perspectiva de um desenvolvimento integrado que tenha em vista a melhoria da qualidade e das condições de vida das populações; a defesa do ambiente e a salvaguarda dos ecossistemas; o avanço rápido da regionalização.

- A defesa da soberania e da independência nacionais; uma política externa que intervenha activamente a favor da autodeterminação dos povos (em primeiro lugar do Povo de Timor Leste), do desarmamento, da justiça e do direito internacional, da segurança, da cooperação e da paz mundiais.

**6** As forças componentes da CDU apresentam-se perante o eleitorado com orgulho no seu património de conhecimentos, de provas dadas, de experiência; no valor das suas propostas; na relevante contribuição que podem dar para a solução dos problemas nacionais.

Mas, ao contrário do PSD e do PS, não só não desprezam a contribuição que outras forças democráticas são chamadas a dar, como sublinham que a consciência da gravidade dos problemas do povo e do País e os exigentes desafios que estão colocados a Portugal, necessariamente impõem e reclamam, que, ao serviço da concretização de uma nova política e de uma alternativa, se opere, para além do próprio quadro partidário, uma vasta mobilização democrática de energias, capacidades, vontades e competências.

Enquanto outros se encerram nas suas arrogantes certezas e numa visão hegemónica e absolutista do seu papel, a CDU, firme e determinada na defesa das concepções, valores e propostas que constituem a sua valiosa identidade política e eleitoral, reafirma a sua abertura ao diálogo, à cooperação e à convergência entre democratas.

Sublinha porém que, no actual panorama eleitoral, para que este espírito, esta atitude e este objectivo de interesse vital do presente e futuro da democracia portuguesa possam fazer o seu caminho com a urgência e a eficácia que a situação nacional exige, é imperioso o reforço de votação na CDU.

As perspectivas que o turismo oferece ao futuro do distrito de Évora, contribuindo para travar e inverter a fragilidade dos indicadores económicos e sociais existentes, transformam este sector, na opinião da CDU, num dos vectores prioritários em que deve assentar o desenvolvimento da região, constituindo um dos 15 compromissos com que os candidatos da CDU por Évora se apresentam às próximas eleições legislativas.

# CDU por Évora defende incremento do turismo

O enorme património histórico e monumental e o estado da sua conservação acarinhado e valorizado por todos quantos vivem na região, a riqueza paisagística e ambiental, a gastronomia, o artesanato, os recursos aquíferos, as potencialidades cinegéticas, a localização na rota da Europa, perto da capital do País e na ligação do Norte ao Sul, a classificação de Évora - Cidade Património Mundial - fazem do distrito de Évora - e do Alentejo - um espaço privilegiado para o incremento da actividade turística e onde os 300 000 visitantes que nos procuram anualmente são já um forte índice dessas potencialidades.

Os candidatos da CDU defendem que a promoção do Turismo deve ter como trave-mestra o património cultural do distrito privilegiando-se um mercado interessado na busca e conhecimento desses valores, sem prejuízo da necessidade de existir uma oferta mais diversificada.

Neste quadro, recusamos um turismo que não valorize e descaracterize a nossa forte identidade e cultural regionais, ela própria um factor de atracção.

A opção é assim, de um turismo de qualidade, com recusa dos aspectos dos fluxos massivos que caracterizam outras regiões e a que tenham acesso diversificados grupos sociais sem que os respectivos poderes de compra sejam factor de selecção ou marginalização.

Defendemos ainda que a actividade turística deve promover o emprego regional contribuindo para a diminuição do desemprego e para a valorização profissional dos alentejanos.

Com estes pressupostos, propomos:

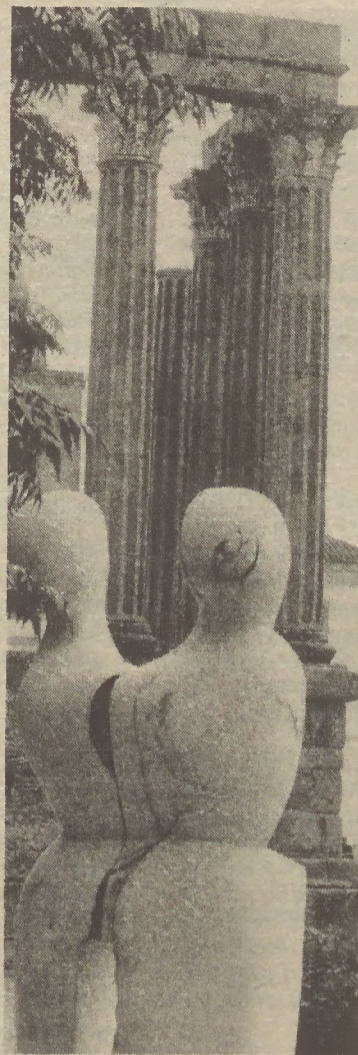
- Elaboração de um plano integrado de desenvolvimento turístico para o distrito envolvendo, e em diálogo entre a Região de Turismo e as autarquias, os operadores turísticos (incluindo a hotelaria) e os sindicatos, e que deverá ter em conta o Plano Integrado de Desenvolvimento do Distrito de Évora - PID-DEV.

Face à unidade geográfica e cultural que constitui o Alentejo, seria igualmente positiva a existência de um plano turístico regional que promova o aumento e diversificação da oferta, envolvendo as diversas Regiões e Comissões Municipais de Turismo existentes, cuja cooperação estreita defendemos, com respeito pelas competências de cada uma.

- O aumento e melhoria da qualidade da oferta tanto no que se refere às instalações hoteleiras que, no momento, se limitam a cerca de 1 200 camas no distrito, como aos restaurantes e cafés.

- A inventariação e promoção dos valores patrimoniais e culturais do Distrito: o património histórico monumental; os recursos paisagísticos e ambientais; a gastronomia, o artesanato, a cultura oral e tradicional, no respeito pela sua defesa e valorização.

- A valorização turística dos recursos cinegéticos tendo em conta a necessidade de um verdadeiro ordenamento e de equilibrar os regimes de caça especiais com os interesses e direitos das populações e caçadores locais.



- O aproveitamento turístico das albufeiras para o que são necessários planos de ordenamento.

- A valorização turística dos recursos piscatórios.

- A promoção do turismo em

espaço rural no respeito e sem agressão aos valores e habitat das populações.

- A promoção da realização, no Distrito, de Congressos, Seminários, Fóruns, designadamente na época baixa.

- O incremento da formação e valorização profissional e do associativismo empresarial.

- A criação de circuitos turísticos e a sua divulgação.

- A animação dos espaços turísticos, designadamente promovendo-se a abertura nocturna de cafés e esplanadas, a melhoria dos horários de abertura de museus, igrejas e outros pontos de interesse turísticos e a criação de outros elementos de animação turística.

- A cooperação e interligação com outras Regiões da Europa vocacionadas para o turismo cultural (designadamente com base no facto de Évora, sendo cidade património mundial, potenciar relações próximas com outras zonas afins).

- Desde já planear o ano de 1992 tendo em conta os fluxos turísticos que acorrerão a Espanha (Jogos Olímpicos de Barcelona; Madrid - capital cultural da Europa; Sevilha - exposição internacional).

- Resolução do problema das instalações da Região de Turismo e condições financeiras para o seu funcionamento.

- Alteração da Lei-Quadro das Regiões de Turismo no sentido de ser assegurada a sua afectiva autonomia com eliminação das disposições governamentalizadoras e institucionais.

## Contra o encerramento do Museu do Artesanato

É inaceitável, aos olhos de qualquer cidadão e de qualquer política de bom senso, impedir a fruição de um património que constitui uma valiosa mostra dos valores culturais e etnográficos da região, mais a mais numa altura em que nos visitam mais de 300 mil turistas e quando a instituição recente da Região de Turismo de Évora tinha criado condições para a modernização e dinamização do Museu do Artesanato.

E é tanto mais inaceitável quando tal situação, por decisão do representante do Governo do PSD no Distrito, resulta do facto do Governador Civil ter sido substituído no lugar de Presidente da Assembleia Distrital (de quem depende o Museu) por um eleito das autarquias locais, por força da última revisão constitucional.

Tal atitude, sem qualquer justificação válida, configura um acto de desforra daquele representante de um Governo que nunca quis aceitar as consequências práticas da legislação aprovada pela Assembleia da República quanto ao novo quadro de funcionamento das Assembleias Distritais.

Todos estamos recordados da alteração fraudulenta de legislação feita pelo Governo que acabou por ter de recuar, repondo os termos exactos da lei, depois dos protestos das autarquias e da decisão do Presidente da República.

Contudo, e apesar de ter sido obrigado a repor a verdade da lei, o Governo do PSD continuou a ignorar as suas consequências, boicotando a entrega dos bens móveis e imóveis das Assembleias Distritais, numa postura arrogante e autoritária e cujos argumentos foram, aliás, recentemente estilhaçados num parecer de um jurista insuspeito, o Dr. Rui Machete.

Tal situação obrigou a Assembleia Distrital, como é do conhecimento público, a tomar posse de facto das respectivas instalações contra a vontade do Governador Civil e a apresentar contra este um processo-crime.

Face a este quadro, os candidatos da CDU reclamam do Governador Civil a entrega à Assembleia Distrital de todos os valores patrimoniais e documentais legitimamente na sua posse com vista ao regular funcionamento da Assembleia Distrital e reclamam a imediata reabertura do Museu do Artesanato.

## Caça Uma riqueza de todos

Mais de 240 000 ha (33% da área do Distrito) estão já submetidos ao regime cinegético especial no Distrito de Évora, correspondentes a 250 «coutadas».

Há concelhos, como Arraiolos, Mourão, Portel ou Vendas Novas, onde quase metade do território está já nessas condições. Há povoações que estão completamente cercadas por zonas de caça especiais.

Esta situação exige uma reflexão serena.

Os recursos da caça podem ser uma importante fonte de receita para o Distrito. Mas não podem constituir um factor de enriquecimento para um grupo de privilegiados em prejuízo da grande maioria da população.

Os recursos da caça devem ser defendidos e valorizados mas todos os caçadores devem ter direito a usufruir dessa riqueza!

Em muitas zonas não há quaisquer corredores entre as várias «coutadas». Os caçadores locais têm crescente dificuldade para encontrarem um terreno livre onde possam caçar. Esta situação deve ser alterada!

No distrito de Évora, há 104 Zonas de Caça Turísticas e mais de 140 Zonas de Caça Associativas!. Mas não há nenhuma Zona de Caça Social que, em princípio, deveriam ser mais acessíveis a todos os caçadores, independentemente da sua capacidade económica.

Acresce que a criação torrencial das Zonas de Caça especiais não é acompanhada por nenhuma preocupação de ordenamento do espaço cinegético.

A CDU defende:

- Um verdadeiro aproveitamento e valorização dos recursos cinegéticos.

- Que as áreas submetidas ao regime cinegético especial não possam ultrapassar 50% em cada concelho.

- Que entre cada «coutada» existam corredores (entre 700 a 1000 metros) para caça livre.

- A obrigatoriedade da criação de Zonas de Caça Sociais.

- Que as receitas das Zonas de Caça revertam a favor do desenvolvimento local e regional.

- Que as Associações de Caçadores concessionáveis das Zonas de Caça Associativas sejam constituídas, obrigatoriamente, por um mínimo de um terço de residentes no concelho ou concelhos limítrofes da Zona de Caça.

## Depoimentos sobre a Festa do «Avante!»

# Delegações estrangeiras destacam participação de massas e de juventude

Durante a Festa do «Avante!» foi possível trocar impressões, ainda que informais e rápidas, com muitos camaradas que fizeram parte das 37 representações estrangeiras que estiveram na Atalaia. Foi unânime a satisfação manifestada por verem tanta gente na festa dos comunistas portugueses e, sobretudo, por uma boa fatia dos visitantes ser de jovens.

Hisashi Kato é correspondente do «Akhata» em Roma e esteve na Festa do «Avante!» pela segunda vez. Quando conversámos com este camarada japonês, reconheceu que ainda não tinha visto muito do que pretendia, mas não teve qualquer dúvida em dizer que a Festa «é muito popular» e que «este apoio do povo é muito importante, ainda mais num período pré-eleitoral e com as repercussões dos acontecimentos na URSS». Além da oportunidade de participar numa festa que «vocês organizam muito bem», Hisashi Kato considerou ainda importante a possibilidade de troca de ideias e opiniões entre os camaradas dos diversos países.

Antonis Christodolou, membro do Bureau Político do Akel e chefe de redacção do órgão central dos camaradas cipriotas, veio este ano à Festa do «Avante!» pela primeira vez. Da Atalaia levou «as melhores impressões»: a Festa é uma iniciativa de massas e deixou-o surpreendido a boa participação da juventude.

Nos contactos que teve, sentiu que na Festa «as pessoas convivem, encontram amigos, trabalham com prazer, divertem-se». Tudo isto

ainda tem mais valor porque decorre num espaço onde se encontram «vários tipos de cultura e vários povos» e porque há um «claro conteúdo político» nesta realização.

Nguyen Van Viy, que representou o PC do Vietname, também esteve na Festa do «Avante!» pela primeira vez, «e espero que não seja a última». Teve ocasião de «ver a Festa, o entusiasmo dos participantes, da juventude», mas impressionou-o, sobretudo, o comício de domingo à tarde, que «dá razão ao que o camarada Cunhal disse: o comunismo não morreu nem morrerá».

Na Atalaia recebeu «a simpatia e a solidariedade do povo e dos comunistas portugueses para com o povo do Vietname», o que fez questão de agradecer publicamente nas páginas do nosso jornal, ao mesmo tempo que exprimiu «os nossos melhores sentimentos ao povo e aos comunistas de Portugal».

«Uma recordação para toda a vida» é o que levou da Festa para a Hungria o camarada Laszlo Hevessy, membro da direcção do POSH e primeiro-secretário da organização do partido em Budapeste. Além da possibilidade de se encontrar com pessoas de muitos países, em particular com os membros das outras delegações estrangeiras, teve na Atalaia «um ambiente de festa que nunca senti na Hungria».

Afirmando que «grande parte» do que Álvaro Cunhal disse no comício «pode aplicar-se» ao seu país, Laszlo Hevessy manifestou o seu interesse numa relação mais estreita entre os jornais do

POSH e do PCP e numa maior cooperação entre os comunistas dos países capitalistas.

A salvadorenha Esmeralda Cardenas, que representou na Festa a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, mostrou-se «muito contente» por esta sua primeira vinda a Portugal. A iniciativa promovida pelos comunistas portugueses na Atalaia «é muito importante no contexto actual», sublinhou, pois «é a primeira festa dos partidos comunistas da Europa depois dos acontecimentos na União Soviética».

Para Esmeralda Cardenas «a prova está aí, vieram muitas pessoas, atentas à mensagem do partido e à intervenção do secretário-geral no comício, muita juventude».

Muitos visitantes da Festa mostraram «interesse em saber coisas do nosso país, da nossa luta». A esses, a representante da FMLN disse que «a gente segue lutando», falou das negociações para a paz no país e da perspectiva de haver «coisas mais concretas lá para o fim do ano, que permitam ver o fim da guerra».

«A Festa tem uma grande importância em véspera de eleições, é um estímulo para as forças da CDU», disse o camarada Rim Sun Pil, chefe de secção do Departamento Internacional do Partido do Trabalho da Coreia, que sentiu «mais uma vez a confiança e a convicção dos comu-



nistas portugueses». Salientou que a Festa do «Avante!» permitiu recolher apoios, através de um abaixo-assinado, «para a reunificação da pátria».

Visivelmente satisfeito estava também o secretário-geral do PC Paraguai. Anania Maidana sublinhou a importância de vencer as distâncias geográficas e mos-

trar, como fez na Festa, que noutros países os comunistas e os povos não desarmam e continuam a lutar por uma vida melhor e um mundo mais justo.

## Protesto contra recusa de visto

O PCP protesta veementemente contra a recusa de concessão de visto ao representante do Partido Comunista da Arábia Saudita para participar na Festa do «Avante!».

Não pode deixar de chamar a atenção para o facto de o PCP ter estado em contacto com o MNE para resolver todos os problemas sobre os seus convidados para a Festa do «Avante!», tendo recebido garantias que a todos seriam concedidos vistos, incluindo à sua chegada ao Aeroporto de Lisboa. É, por isso, de estranhar, não obstante todos os esforços desenvolvidos e o cumprimento de todos os requisitos exigidos, o modo absolutamente arbitrário, e mesmo hostil, com que actuaram as autoridades do Serviço de Estrangeiros, particularmente a Inspector-Chefe desses mesmos serviços que, de facto, impediu a entrada em Portugal ao cidadão da Arábia Saudita.

9.09.91

O Gabinete de Imprensa do PCP

## Solidariedade é muito importante para Cuba

«Na Festa do «Avante!» recebemos numerosas demonstrações de solidariedade, e isso tocou-nos o coração, é muito importante nesta conjuntura internacional, quando o imperialismo tenta fechar o cerco sobre Cuba» - disse ao nosso jornal o camarada Alberto Rodriguez Arufe, que representou os comunistas cubanos na Atalaia.

Alberto Arufe, responsável para a Europa no Departamento Internacional do PCC, disse que na festa dos comunistas portugueses, onde esteve este ano pela primeira vez, o impressionou «a ampla participação popular, e particularmente de muitos jovens». Participar na Festa do «Avante!» foi, assim, «estimulante».

Hoje em dia, referiu, «o mais importante em Cuba é que o povo está disposto a

lutar, a defender a revolução, a independência da pátria e o socialismo». Para os cubanos, disse Alberto Arufe, «independência e socialismo são um todo, a independência chegou pela primeira vez com a revolução de 1959 e o socialismo consolidou-a».

Como fazer o socialismo melhor é uma questão que vai estar no centro dos debates do próximo congresso do PCC, marcado para os primeiros dias de Outubro - disse o dirigente comunista cubano.

Quando lhe perguntámos que efeitos poderiam ter na população os problemas económicos que o país está a enfrentar, o camarada Arufe reconheceu que «objectivamente, pode haver mais dificuldades», acrescentando: «Mas há 12 anos que nos preparávamos para esta conjun-

tura. O povo de Cuba não se sente só, isolado; sentimos muito de perto a solidariedade da América Latina, e a cimeira de Guadalajara demonstrou que há um grande respeito por Cuba numa América Latina plural, onde cabe perfeitamente um país socialista». Vive-se, assim, «momentos de sacrifício, mas não estamos numa situação sem saída», afirmou, recordando que, mesmo neste quadro, «desenvolvemos novos ramos da economia». E, além disso, «há em todo o mundo gente a dizer que não quer a nova ordem que o imperialismo pretende impor».

Manuel Delgado Perez, do Bureau Nacional da União da Juventude Comunista, esteve também pela primeira vez na Festa do «Avante!», e refere como impressão maior

daqueles três dias a «grande presença de jovens». Respondendo com um alegre e confiante «Cuba vai!» à nossa pergunta sobre a situação no seu país, diz-nos que «a juventude cubana está com o seu partido, com a revolução», o que se vê na participação que os jovens têm na vida nacional - e que é também fruto das transformações revolucionárias que ali tiveram lugar nestas três décadas.

«Em Cuba a juventude está nas ruas para apoiar a revolução, sabe que o que temos hoje a nível, por exemplo, da saúde, da educação ou do emprego, só pode ser resultado de uma revolução socialista» - diz Manuel Perez -. «Há diferença de opiniões em relação a muitos outros temas, mas é opinião unânime que devemos continuar no socialismo».



## PONTOS CARDEAIS

## Gazetilha

## País de cinzas

O país a arder  
pelas serras todas  
e Cavaco a ver  
em que param as modas...

Lá muito atento  
lá isso está.  
Tem no pensamento  
criar para já

(pra assunto sério  
medidas tais...)  
o Ministério  
das Cinzas Nacionais.

Que grande vista!  
Grande estadista!

## Sátira

«O governo fez coisas...» diz  
o ministro ao país.

Alguém ouvi  
nada confuso:  
- Pois é aí  
que eu o acuso...

Antena  
que envenena

Tempo de antena?  
Etc. e tal.  
Coisa pequena  
pedra de sal.

Tempo de antena?  
Etc. e tal

E o que envenena  
o Telejornal?

Mas nesse lado  
já está tudo ocupado...

## Assim se prova

Discursos, não, leitor.  
O poeta dá só um pormenor:  
sei de medicamentos  
que, se custavam cem, custam seiscentos.

O que mostra os desvelos, os cuidados  
com que Cavaco trata os reformados...

## Explicação

Nos jornais (por acaso  
alguma coisa sabe quem bem lê)  
vi que alastram os salários em atraso.  
Cavaco na TV  
com o seu riso de azia  
jurava que tal coisa não havia...

Sinceramente:  
não creio que ele fale com má-fé.  
Não é por mal que mente.  
Ele não lê jornais, é o que é...

## Anedota

Palavra, meu. À vezes fico absorto  
com as mentiras para aí lançadas.  
Não digo, enfim, que algumas ferroadas...  
Mentiras, não. Mentiras não suportou.

Agora alguém mandou para aí a torto  
e a direito, questões envenenadas:  
verbas mil do Estado desviadas  
para se obter nos votos mais conforto.

Ministro põe acção no tribunal?  
Talvez não ponha. Enfim, isto afinal,  
foi tudo a bem e como bem se nota.

Governo é sério e de boa fé.  
Podem-se rir, leitores. Isto é  
um sonetinho em forma de anedota...

■ IGNOTUS SUM

## Incrível!



## Sinais

Enquanto — uns mais  
laranjas que outros — os  
meios de comunicação vão  
somando sondagens em que  
a laranja cresce (o  
«Expresso») do último  
fim-de-semana já lhe dá  
quase a meia laranja toda  
do hemisfrio de S. Bento),  
no partido governamental  
as coisas vão dando sinais  
de alguma inquietação.  
Cavaco agrava o tom. E  
alguns jornais vão à frente  
dele, garantindo que o  
Primeiro «não admite  
alternativas dentro do  
partido». Ou tudo ou nada,  
esganiça Cavaco, numa  
estratégia terrorista. Eurico  
de Melo, por seu lado,  
mostra-se disposto, em  
declarações ao «Diabo»  
(com quem ele vai falar!) a  
tomar a bandeira que o  
chefe do PSD ameaça  
deixar cair se lhe faltarem  
os votos. E vai dizendo que  
«ninguém pode obrigar  
Cavaco a governar contra a  
sua vontade». E que «uma  
coisa é a posição de Cavaco  
e outra a posição do  
partido».

Os barões mobilizam-se.

## Megalomanias

Mas não é apenas dentro do  
PSD que se esboçam sinais  
de que, para manter a  
direita no poder, será  
necessário recorrer a  
coligações. No CDS  
também lavra essa  
esperança. A várias vozes,

que é como quem diz, com  
vários pontos de vista.  
Enquanto Freitas,  
marchando contra o  
«socialismo» do PS e do  
PSD (!), se mostra disposto  
a aliar-se com qualquer de  
ambos, Krus Abecasis jura  
fidelidade (também no  
«Diabo»), à defunta «AD»,  
afirmando que «coligar-se  
com o PSD deve ser uma  
norma moral e política do  
CDS».

Fazendo jus à sua fama de  
megalómano, tantas vezes  
comprovada durante a  
dezena de anos que os  
lisboetas tiveram de o  
aturar à frente da Câmara,  
Abecasis, verrumando na  
ferida da divisão aberta no  
seio do seu partido, diz que,  
se se tivesse mantido a  
«mesma linha», se poderia  
«subir muito». E disse: «O  
momento tinha sido ideal,  
devido às convulsões  
políticas que tiveram lugar  
no mundo do Leste e que  
levaram à derrocada do  
comunismo. Poderíamos vir  
a ter um resultado que se  
cifrasse nos 25 por cento»...  
Com tanta gente a querer  
comer no Leste vai por aí  
haver muita indigestão a 6  
de Outubro.

## Higiene

Convidado pela revista  
«Sábado» a fazer um  
balanço da actividade do  
seu Ministério, Roberto  
Carneiro diz que não gosta  
de balanços. E dá a razão:  
que não é saudosista nem  
passadista...

Curiosa forma de fugir às  
responsabilidades e às  
críticas que de todos os  
lados lhe caem em cima.  
Porque o balanço é grave.  
E não é preciso ir fazê-lo  
muito longe. Ainda agora,  
na Escola Superior de  
Enfermagem, a situação é  
de ruptura. O dinheiro não  
aparece. Nem para o papel  
higiénico.  
O ministro Carneiro bem  
pode limpar as mãos à...  
parede.

## O Inaugurador

Segundo o  
«Independente», Ferreira  
do Amaral, o Inaugurador,  
após esgotar todos os lanços  
de auto-estrada acabados  
ou por acabar que havia por  
aí a jeito para cerimónia de  
corta-fitas, decidiu  
inaugurar, já não estradas,  
nem pontes, nem ruas, nem  
calçadas, mas... decisões.  
Vai daí inaugurou a  
«decisão» do Governo em  
«anunciar» para a semana  
que a nova ponte para o  
futuro aeroporto de Lisboa  
será entre Olivais e  
Montijo. É evidente que  
para a semana teremos a  
inauguração do anunciado  
anúncio que inaugura a  
decisão do Governo em  
anunciar uma ponte a ser  
inaugurada um ano destes.  
Quanto ao anúncio do  
aeroporto, esse só será  
inaugurado depois das  
eleições para evitar...  
especulações de terrenos.  
Aí que honestos, estes  
inauguradores!

frases  
da  
Semana

«Só a CDU dá sinais  
de resistir ao prota-  
gonismo das manifes-  
tações de rua do PSD  
e do PS».

☛ Antetítulo da primeira  
página do «Público», de 21  
de Setembro.

«Quase se pode di-  
zer que certos histo-  
riadores portugueses  
'mataram' mais mu-  
çulmanos que os  
guerreiros afonsi-  
nos».

☛ António Borges Coe-  
lho, no Suplemento  
«Vida», de «O Indepen-  
dente», de 20 de Setembro.

«O Senhor Embaixa-  
dor manda dizer que  
está a dormir e que  
vos atende amanhã».

☛ Funcionário da Em-  
baixada do Zaire ao 24  
Horas da RTP, em 23 de  
Setembro.

«Tal como os seus  
amigos, também o  
senhor Artur é um  
votante fiel no PSD. E  
por isso mesmo tem  
uma grande ambi-  
ção: falar pessoal-  
mente com Cavaco  
Silva para lhe pedir...  
um cavalo(...)».

☛ Em «Semanário», de 21  
de Setembro.

«É claro que, se esti-  
vermos no Governo,  
descobriremos for-  
mas de encontrar  
dinheiro».

☛ Líder do PSN ao «Ex-  
presso», de 21 de Setem-  
bro.

«Uma coisa é a posi-  
ção de Cavaco e outra  
a posição do parti-  
do».

☛ Eurico de Melo ao  
«Diabo», de 24 de Setem-  
bro.

«Ser jovem é exacta-  
mente fazer o que nos  
agrada sempre que  
queremos».

☛ Opinião da princesa Ste-  
phanie de Mónaco à revista  
«Olá/Semanário», de 14 de  
Setembro.

«Eanes elogia Ca-  
vaco e declara-lhe  
apoio... mas fundado-  
res do PRD apelam ao  
voto no PS».

☛ Títulos do «Expresso»,  
de 21 de Setembro.

# CARVALHESA

## Edição especial de 150 exemplares em cofret numerado

• Pasta-coffret numerada de 1 a 150 manualmente por **Teresa Dias Coelho**.

• CD incluindo as gravações integrais dos cinco arranjos da «Carvalhesa» (1985, António Vitorino de Almeida, José Eduardo Conceição Silva, Guilherme Scarpa Inez e José da Ponte), versão em piano da melodia original recolhida por Kurt Schindler executada por Bernardo Sassetti, versão recolhida em 1970 por Michel Giacometti e todos os *jingles*, *cues* e *bridges* das versões anteriores gravadas para utilização áudio e vídeo.

• Serigrafia de **Manuel Sampaio** numerada e assinada.

• Reprodução serigráfica das folhas de rosto e última página da pauta de «Abertura Clássica sobre um Tema Popular Português» de António Vitorino de Almeida (versão clássica da «Carvalhesa») numeradas e assinadas pelo autor.

• Serigrafia com textos de José Eduardo Conceição Silva sobre as suas versões *fusion* e *big band* da «Carvalhesa» numerada e assinada pelo autor.

• Serigrafia numerada com o texto que acompanhou a edição do primeiro arranjo da «Carvalhesa».

• Reprodução serigráfica numerada de foto de Michel Giacometti durante a recolha da versão da «Carvalhesa» em 1970 em Tuiselo (Vinhais-Bragança).

• Reprodução serigráfica numerada de foto de Kurt Schindler.

• Reprodução serigráfica numerada da pauta da versão original da «Carvalhesa» recolhida por Kurt Schindler em 1932, em Tuiselo (Vinhais-Bragança).

• Cópia autenticada do Relatório de Produção Dr. Schenk do fabrico da edição de CD (garantia de tiragem).

• 1 exemplar da cassette editada com as versões da «Carvalhesa» com texto narrativo sobre o tema e versões apresentado por Cândido Mota.

**Preço: 15 000\$00**

• Além dos 150 exemplares numerados de 1 a 150, a edição compreende 20 exemplares numerados de 1 a XX destinada aos autores e editores e 10 exemplares exclusivamente do CD destinados a depósitos legais.

## Inscrições

1. As inscrições para compra da edição especial da «Carvalhesa» são feitas através do preenchimento do talão abaixo incluído e seu envio para:

Redacção do «Avante!»  
Rua Soeiro Pereira Gomes, 1  
1699 LISBOA CODEX

As inscrições poderão ser igualmente efectuadas directamente na morada acima.

2. A inscrição tem de ser sinalizada com o pagamento de 50% do valor (Esc. 7500\$00) em dinheiro, cheque ou vale de correio à ordem de Partido Comunista Português.

3. Os boletins de inscrição serão numerados pela sua ordem de entrada na Redacção do «Avante!», correspondendo esse número ao número do exemplar a atribuir ao subscritor respectivo.

4. O subscritor receberá (directamente ou pelo correio) fotocópia, autenticada com selo branco e assinatura pela Redacção do «Avante!», do seu boletim de inscrição numerado e que constitui recibo do pagamento do sinal e título para levantamento da obra.

5. Os exemplares subscritos estarão disponíveis até ao final do mês de Outubro, sendo a data a partir da qual podem ser levantados anunciada no «Avante!» de 9 de Outubro.

6. O levantamento poderá ser feito directamente na morada acima contra pagamento dos restantes 50% (Esc. 7500\$00). A entrega poderá também ser feita por correio registado contra cobrança, acrescentando neste caso aos Esc. 7500\$00 os portes e despesas postais.

CARVALHESA  
Boletim  
de Inscrição

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_

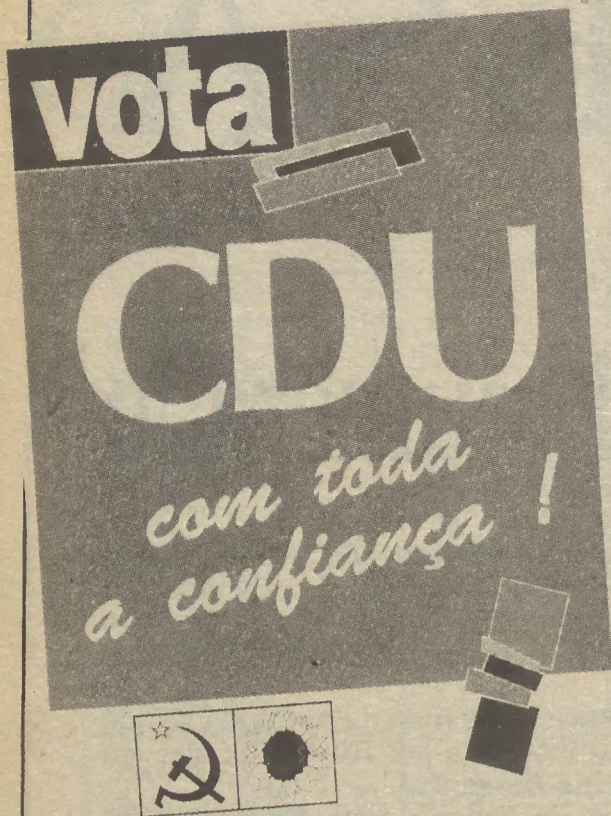
Junto envio a sinalização de Esc. 7500\$00 em dinheiro  cheque   
vale de correio  (assinale o que interessa)

Desejo receber a obra por envio postal à cobrança (7500\$00 mais custos postais)

Sim  Não (assinale o que interessa)

Data \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_ Nº de entrada \_\_\_\_\_



## Iniciativas culturais da CDU

**Hoje, em Aveiro**  
Mozart, Ravel e Chopin  
com Fausto Neves

Obras de Mozart, Ravel e Chopin foram escolhidas pelo pianista Fausto Neves para o recital que hoje tem lugar, a partir das 21.30 horas, no Conservatório Regional de Aveiro.

O recital faz parte das iniciativas culturais que a CDU promove em paralelo com a campanha eleitoral, e tem como destinatários os melómanos e o público em geral. Fausto Neves, natural de Espinho, onde reside, é professor na Escola Superior de Música do Porto. Como outras personalidades do distrito, manifestou publicamente o seu apoio à CDU.

**Amanhã, em Viseu**  
Noite cultural

Amanhã, a partir das 22 horas, a CDU promove na sua sede distrital em Viseu uma *noite cultural* com José Rui, Clara Gomes e Deolindo Pessoa. O programa inclui poesia, música e outros textos.

**Sábado, no Porto**  
Tarde de convívio e cultura

Promovida pelo sector intelectual do Porto do PCP, decorre no sábado, a partir das 15 horas, nos jardins da Faculdade de Arquitectura (Rua do Gólgota), uma *tarde de convívio e cultura*, que terá um momento político com **Luís Sá** e outros candidatos da CDU. A **música** estará a cargo de Pedro Abrunhosa e José Faria, entre outros. A páginas tantas, nesta *tarde* conduzida por Alexandre Falcão e Rui Lima Jorge, vai realizar-se um **leilão de arte**: chama-se «Da surpresa das caixinhas à caixinha das surpresas» e os objectos a leiloar são 40 caixas, réplicas artísticas de urnas de voto, da autoria de outros tantos artistas do Porto.

## Agenda

**Quinta, 26**

### ÁLVARO CUNHAL NO DISTRITO DE PORTALEGRE

10.30 h — Encontro com a  
Câmara Municipal de Gavião

Das 11.30 às 16.00 h — Concelho de Nisa

11.30 h — Encontro com a  
Câmara Municipal de Nisa

— Visita à Casa de Cultura  
(obra em construção)  
— Visita ao estaleiro da CMN

13.30 h — Almoço com apoiantes  
e activistas da CDU

15.00 h — Visita ao Centro de Dia de Alpa-  
lhão

16.45 h — **Benavila:**  
Encontro com a população (no café Es-  
tribo)

17.15 h — Recepção na  
Câmara Municipal de Avis

18.00 h — **Avis:**  
Encontro c/a população (Largo do Con-  
vento)

19.30 h — **Foros do Arrão:** Encontro com  
a população (junto ao Grupo Desportivo)

21.30 h — **Ponte de Sor:**  
Jantar-convívio (num restaurante)

### CARLOS CARVALHAS NO DISTRITO DE LISBOA

**Lisboa**

Carlos Carvalhas participa e intervém no encontro sob o tema «A Saúde, um Projecto de Futuro para um Portugal Melhor» que se realiza às 19.00 na Sala Algarve do Hotel Sheraton, também com a presença de outros candidatos da CDU.

**Brandoa**

Comício no edifício da antiga Escola Primária, no Lg. 1.º de Maio, às 21.45, ainda com a participação dos candidatos **Mário Tomé, António Filipe e Blasco Hugo Fernandes.**

**SETÚBAL**

Sessão de propaganda eleitoral com a participação de **Octávio Teixeira**, no Grupo Desportivo da Camarinha, às 21.30.

**AVEIRO**

Mini-comícios, às 12.30, na Zona Industrial de Santiago, em **Oliveira de Azemeis**, com a participação de José Amaro e Isabel Freitas, e na Zona Industrial nº 2 de **S. João da Madeira**, com os candidatos Joaquim Almeida e Carlos Veiros.

**BRAGA**

Visita de candidatos às feiras, empresas e principais centros de **Póvoa de Lanhoso** e **Barcelos.**

**BRAGANÇA**

Jornada de propaganda da CDU na feira de **Izeda.**

**LISBOA**

**Violência e comunicação social** - debate na Junta de Freguesia de Benfca, às 21.30, com a participação do Comissário **Joaquim Santinhos**, candidato da CDU, e do camarada **Mário Castrim.**

Sessão de esclarecimento com a participação de **João Amaral** na Academia da União Familiar de **Telheiras**, às 21.30.

**SINTRA**

Convívio com Intelectuais e Quadros Técnicos promovido pela CDU no Bar «Utópico», às 21.30, com a presença de **António Abreu** e **Lino Paulo**, que durante o dia visitam a Portucel, as Escolas Secundárias Gama Barros e Ferreira Dias e a Escola Preparatória António Sérgio.

**TORRES VEDRAS**

Sessão sobre as questões actuais do Ensino - às 21.30 no Auditório Municipal.

**LOURES**

Visita de **Jerónimo de Sousa** a empresas da Zona Oriental do concelho.

**PORTO**

**Luís Sá** participa num jantar de convívio com trabalhadores dos Serviços do Porto, que decorre a partir das 20.00 no Hotel Tuela.

**Sexta, 27**

**BRAGANÇA**

Jornada de propaganda eleitoral nas feiras de **Vila Flor** e **Palaçoulo**, com a participação de candidatos.

**PORTO**

**Comícios** com a participação de **Luís Sá**: em **Campanhã**, na Pç. da Corujeira, e em **Ermesinde**, na Pç. Sá da Bandeira, ambos com início às 21.30.

**BRAGA**

Jornadas de propaganda em **Guimarães** e **Lomar** com a presença de candidatos.

### ÁLVARO CUNHAL NO DISTRITO DE SETÚBAL

**Barreiro**

Almoço no restaurante «O Pires», junto ao campo de treinos do Barreirense, às 13.00.

Encontro com a Comunicação Social local no Auditório do CT do PCP, às 15.30.

**Encontro com Jovens** na Ilha do Parque do Barreiro, às 16.30.

**Comício-festa** no Lg. José Arede, às 21.30

**Alhos Vedros**

**Encontro com mulheres** apoiantes da CDU no Núcleo Zeca Afonso, às 18.00

**Moita**

Jantar-convívio na colectividade «Estrela Moitense» às 19.30.

### CARLOS CARVALHAS EM LISBOA

Visita aos mercados de Arroios (9.00) e do Saldanha (10.30).

Encontro com a **Associação dos Inquilinos Lisbonenses**, às 11.30, e com os trabalhadores da **Manutenção Militar** e outras empresas da zona do Beato, na R. da Manutenção Militar, às 12.40.

Almoço com trabalhadores da **Autocoop**, às 13.30.

**Encontro com Reformados** na URPIA, em **Algés**, às 16.30.

Jantar em **Tercena**, no grupo recreativo, às 20.00.

**Comício no Algueirão**, nos Bombeiros Voluntários, às 21.30.

**AVEIRO**

Mini-comício junto à Cifial, em **Riomeão**, às 12.30, com os candidatos Isabel Freitas e Manuel Silva.

Mini-comício na Zona Industrial de **Arrifana**, às 13.00, com os candidatos **Joaquim Almeida** e **Carlos Veiros.**



# Agenda

**Sábado, 28**

## ÁLVARO CUNHAL NO DISTRITO DE SETÚBAL

### Sesimbra

Recepção junto à CM e contactos com a população.  
Almoço-convívio na Actruz/Zambujal às 13.00.

### Almada

Encontro com a população de Monte da Caparica, no Lg. da Igreja, às 15.00.  
Encontro com a população de Trafaria, no Lg. do Coreto, às 15.45.  
Encontro com a população de Charneca, no Lg. Mário Casimiro, às 16.30.  
Convívio na SFUAP - Cova da Piedade com mulheres apoiantes da CDU, às 17.15.  
Encontro com jovens, no Clube Recreativo da Cruz de Pau.

### Palmela

Jantar-convívio na Casa do Lavrador.

### Setúbal

Comício no Lg. da Misericórdia, às 21.30.

## CARLOS CARVALHAS NO DISTRITO DE FARO

### Silves

Visita aos mercados de S. Bartolomeu de Messines, às 10.00, e de Silves, às 11.

### Lagos

Almoço com apoiantes da CDU em Prado Verde (entre Lagos e Odiáxere).  
Contactos com as populações de Lagos (18.00).

### Lagoa

Contactos com a população de Ferragudo (19.00) e jantar com apoiantes, às 20.00, em Lagoa.

### Portimão

Comício no Largo da Casa Inglesa, às 21.30.

### PORTO

Caravana pelo bairros camarários do Porto, com a participação de Luís Sá, com partida do CT da Boavista às 10.00.

Almoço-convívio de Metalúrgicos com Luís Sá, na Quinta de Santiago.

Comícios em S. Cosme e Pedrouços, ambos às 21.30.

### BRAGA

Candidatos contactam população e trabalhadores de empresas do Vale do Ave.

Jantar de sindicalistas em Mascotelos/Guilmarães com candidatos da CDU.

### SETÚBAL

Octávio Teixeira em contacto com as populações de Canal Cavelra e Ermidas-Sado, durante a tarde, participando às 21.00 numa sessão em Alvalade, no largo junto do CT do PCP.

### PORTALEGRE

Sessão-debate em Ponte de Sor, com a presença do escritor Manuel da Fonseca.

Sessões de esclarecimento em Degolados e Ouguela.

### COIMBRA

Sessão-debate em Condexa-a-Nova

**Domingo, 29**

## ÁLVARO CUNHAL NO DISTRITO DE LISBOA

### Santa Iria de Azóia

Encontro com a população de Via Rara, às 11.00.

### Moscavide

Almoço com apoiantes da CDU, na Junta de Freguesia, às 12.30.

### Oelras

Encontros com a população de Linda-a-Velha (às 15.30) e Porto Salvo (às 16.30)

### Tires

Jantar-convívio na colectividade «Os Vinhais», às 19.30.

### Cacém

Comício no Salão dos Bombeiros Voluntários, às 21.45.

## CARLOS CARVALHAS NO DISTRITO DE BEJA

Encontros com a população

Almodôvar, 10 h, Praça Pública

Aljustrel, 11.30 h, Largo do Sindicato

Cuba, 13 h, Almoço-convívio

Vidigueira, 15 h, Igreja Nova

Alvito, 16.30 h, Praça da República

Ferreira do Alentejo, 17.30 h, Praça Comendador Infante Passanha

Beja, 21 h, Frente ao Museu

### FARO

Carlos Brito participa num convívio em Sta. Bárbara/Faro, às 13.00, e à noite num comício que se realiza em Vila Real de Sto. António.

### PORTALEGRE

Sessões de esclarecimento em Degolados e Ouguela (Campo Maior)

**Segunda, 30**

## CARLOS CARVALHAS NO DISTRITO DE LISBOA

ODIVELAS - às 11.00

LOURES - às 12.30

PÓVOA STA. IRIA - das 16.00 às 18.00

JANTAR NA PAREDE - rest. Limo Verde

COMÍCIO EM CASCAIS - Jardim

Visconde da Luz às 21.30

**Terça, 1**

### COMÍCIO EM BRAGA

com a participação de Álvaro Cunhal e Carlos Carvalhas

Às 21.30 na Avenida Central

**Quarta, 2**

### ÁLVARO CUNHAL

NO PORTO

Comício às 21.30

### CARLOS CARVALHAS

EM AVEIRO

Comício-Festa no Cinema de Ovar, às 21.45.

# Tempos de Antena



**CDU**

**Quinta-feira, 26**

Na RTP (pouco depois das 20 horas, a seguir ao Telejornal).

Na RDP (rede nacional da Antena Um e da Rádio Comercial, entre as 19 e as 20.30 horas).

Na Rádio Renascença (Canal 1 - das 21 às 22 horas e das 4 às 4.30, e RFM - das 20 às 21 e das 3 às 3.30 horas).

Na RDP/Madeira e na Estação Rádio da Madeira (entre as 20.30 e as 21 horas), e no Posto Emissor do Funchal (entre as 22.30 e as 23). Na RDP/Açores (entre as 13.30 e as 14 horas) e na Rádio Horizonte Açores.

**Sexta-feira, 27**

Na RDP (rede nacional da Antena Um e da Rádio Comercial, entre as 19 e as 20.30 horas).

**Sábado, 28**

Na RDP/Norte (entre as 10 e as 10.30 horas), na RDP/Sul (entre as 11.30 e as 12), na RDP/Centro (entre as 20.30 e as 21), na Radiopress (entre as 21 e as 21.30), na Correio da Manhã Rádio (entre as 00.15 e as 00.45).

**Domingo, 29**

Na RTP (cerca das 20.30 horas, a seguir ao Jornal de Domingo).

Na RDP (rede nacional da Antena Um e da Rádio Comercial, entre as 19 e as 20.30 horas).

Na Rádio Renascença (Canal 1 - das 21 às 22 horas e das 4 às 4.30, e RFM - das 20 às 21 e das 3 às 3.30 horas).

**Segunda-feira, 30**

Na RDP/Madeira e na Estação Rádio da Madeira (entre as 20.30 e as 21 horas), e no Posto Emissor do Funchal (entre as 22.30 e as 23). Na RDP/Açores (entre as 13.30 e as 14 horas) e na Rádio Horizonte Açores.

**Terça-feira, 1**

Na RDP (rede nacional da Antena Um e da Rádio Comercial, entre as 19 e as 20.30 horas).

**Quarta-feira, 2**

Na Rádio Renascença (Canal 1 - das 21 às 22 horas e das 4 às 4.30, e RFM - das 20 às 21 e das 3 às 3.30 horas).

Na RDP/Açores (entre as 13.30 e as 14 horas) e na Rádio Horizonte Açores.

**Quinta-feira, 3**

Na RDP (rede nacional da Antena Um e da Rádio Comercial, entre as 19 e as 20.30 horas).

Na Rádio Renascença (Canal 1 - das 21 às 22 horas e das 4 às 4.30, e RFM - das 20 às 21 e das 3 às 3.30 horas).

**Sexta-feira, 4**

Na RTP (pouco depois das 20 horas, a seguir ao Telejornal).

Na RDP (rede nacional da Antena Um e da Rádio Comercial, entre as 19 e as 20.30 horas).

Na RDP/Norte (entre as 15 e as 16 horas), na RDP/Sul (entre as 22.30 e as 23), na RDP/Centro (entre as 20.30 e as 21), na Radiopress (entre as 21 e as 21.30), na Correio da Manhã Rádio (entre as 00.15 e as 00.45).

Na RDP/Madeira e na Estação Rádio da Madeira (entre as 20.30 e as 21 horas), e no Posto Emissor do Funchal (entre as 22.30 e as 23).

Televisão

Quinta, 26

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.30 Rua Sésamo
10.05 Bom Dia
10.30 Ricardina e Marta
11.05 Bom Dia
11.40 Jogo de Cartas
12.05 Culinária
12.20 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Naquele Tempo
14.00 Brinca Brincando
14.35 Manuel
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Desenhos Animados
16.10 Ponto Por Ponto
17.10 Brinca Brincando
17.40 Rua Sésamo
18.10 Riviera
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.05 Campanha Eleitoral - CDU
20.45 Desenhos Animados
21.00 Sassá Mutema
22.00 Os Simpsons
22.30 A História de Josephine Baker
23.35 24 Horas
00.10 Remate
01.30 Mar a Mar

Canal 2

09.00 Teletexto
12.00 Primeiro Jornal
12.05 A Força Astral
12.30 Curso de Francês
12.45 O Ás do Espaço
12.55 Filhos e Filhas
13.20 Agora Escolha
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora Escolha!
15.30 Recreio do Dois
16.30 Guarda Florestal
17.25 A Natureza das Coisas
18.00 Clip-Club
18.30 Eterno Feminino
19.30 Magazine Ciência
19.55 Música no 2
21.00 Jornal das Nove
21.30 O Sr. Almanáco
21.35 Tony Bennett
22.35 Roseanne
23.00 Assassínio
(ver «Filmes na TV»)

Sexta, 27

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.30 Rua Sésamo
10.05 Bom Dia
10.30 Ricardina e Marta
11.05 Bom Dia
11.40 Jogo de Cartas
12.05 Culinária
12.20 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Exploração
14.00 Brinca Brincando
14.35 Hotel Paraíso
(ver «Filmes na TV»)
16.10 Ponto Por Ponto
17.10 Brinca Brincando
17.40 Rua Sésamo
18.10 Riviera
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.05 Campanha Eleitoral
20.45 Desenhos Animados
21.00 Sassá Mutema
22.00 O Menino de Ouro
(ver «Filmes na TV»)
23.50 Cheers - Aquele Bar
00.20 24 Horas
00.55 Remate
01.15 Desenhos Animados
01.25 O Executor Implacável
(ver «Filmes na TV»)

Canal 2

09.00 Teletexto
12.00 Primeiro Jornal
12.05 Universo Juvenil
12.30 Curso de Inglês
12.55 Filhos e Filhas
13.20 Agora, Escolha!
15.30 Recreio do 2
17.00 Burlescos
17.30 O Século dos Cirurgiões
18.00 Clip-Club
18.30 Eterno Feminino
19.30 Jangada sobre a Floresta
21.00 Jornal das Nove
21.30 O Sr. Almanáco

21.35 Por Mares Nunca Dantes Navegados
22.20 Rotações
23.20 Pantanal
00.40 Cop Rock

Sábado, 28

Canal 1

08.10 À Mão de Semear
08.25 Canal Jovem
13.00 Notícias
13.15 Viagem ao Maravilhoso
13.40 Febre em Beverly Hills
14.30 Peter Gabriel Live in Athens
15.20 T & T
15.45 Desenhos Animados
16.15 Raquel, Raquel
(ver «Filmes na TV»)
17.50 A Década da Destruição
17.35 Wild South (II)
18.50 Os Mistérios do Padre Dowling
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
21.15 Campanha Eleitoral
22.05 Desenhos Animados
22.20 Amor à Primeira Vista
22.50 Escrava Anastásia
23.50 Casa Chela
00.20 Desenhos Animados
00.25 A Mosca
(ver «Filmes na TV»)
02.05 Remate

Canal 2

09.00 Unversidade Aberta
11.40 Forum Musical
12.00 Primeiro Jornal
12.05 Forum Musical
13.20 Agora Escolha
14.00 Jornal das Duas
14.10 Um Dia em Nova Iorque
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Estádio
18.30 Jornal Fim-de-Semana
19.00 Arca de Noé
19.45 Outras Músicas
21.05 Estádio
23.30 Pantanal
00.55 A Engrenagem do Crime
01.25 O Tempo

Domingo, 29

Canal 1

08.00 Canal Jovem
11.15 Missa
12.30 70 x 7
13.00 Notícias
13.15 Os Jovens Cowboys
13.40 Desafios da Vida
14.55 Desenhos Animados
15.20 Choque de Titãs
(ver «Filmes na TV»)
17.20 Aventuras do Cavalo Preto
17.45 ET - Entretenimento Total
18.50 Os Golos da Jornada
18.55 McGyver
19.30 Eterno Feminino
19.30 Dremazine
19.55 Big Break
21.00 Jornal das Nove
21.35 Falar Claro
22.30 Bailado

Canal 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.50 Regiões Magazine
12.00 Primeiro Jornal
12.05 Agarra o 2
12.40 Troféu
18.30 Bastidores da Casa Branca
19.20 Crónica
20.10 Concurso - Palavra Puza Palavra
20.50 Especial Desporto - Automóveis
21.00 Nôis 2
22.10 Artes e Letras - Retrato de Hans Van Manen
23.05 Quero Ir para Casa
(ver «Filmes na TV»)
00.55 Tauromaquia

Segunda, 30

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.30 Rua Sésamo

Filmes na TV



James Dean evocado num telefilme

10.05 Bom Dia
10.30 Ricardina e Marta
11.05 Bom Dia
11.40 Jogo de Cartas
12.05 Culinária
12.20 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Sobrevivência
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
15.30 Recreio do 2
16.30 Frikadelle-Tagliatelle
16.30 Ponto por Ponto
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.05 Campanha Eleitoral
21.00 Sassá Mutema
22.00 Concurso - O Preço Certo
23.25 A Série de Ouro
00.05 24 Horas
00.40 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 Os Novos Caça-Fantasma
12.30 Curso de Alemão
12.55 Filhos e Filhas
13.20 Agora Escolha!
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
15.30 Recreio do 2
16.30 Frikadelle-Tagliatelle
17.00 Férias Aquáticas
17.30 Tribunal de Juri
18.00 Clip Club
18.30 Eterno Feminino
19.30 CineMagazine
19.55 Big Break
21.00 Jornal das Nove
21.35 1000 Imagens
22.00 Caminhos Cruzados
(ver «Filmes na TV»)
23.30 Pop-Off

Quarta, 2

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.30 Rua Sésamo
10.30 Ricardina e Marta
11.05 Bom Dia
11.40 Jogo de Cartas
12.05 Culinária
12.20 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Paragem no Tempo
14.00 Brinca Brincando
14.35 As Aventuras de Tom Sawyer
(ver «Filmes na TV»)
16.05 Tu Cá, Tu Lá
17.10 Brinca Brincando
18.10 Riviera
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.05 Campanha Eleitoral
21.00 Sassá Mutema
22.00 Vamos Jogar no Totobola
22.15 A Máscara
(ver «Filmes na TV»)
00.35 24 Horas
01.10 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 2020 - Policia em Acção
12.30 Curso de Francês
12.55 Filhos e Filhas
13.20 Futebol - Dinamo Bucareste-Sporting
15.30 Recreio do 2
16.30 O Caminho das Estrelas II
17.25 Mulheres no Mundo
18.00 Clip-Club
18.30 Eterno Feminino
19.30 Uma Questão de Palavras
19.55 Concerto para Jovens
21.00 Jornal das Nove
21.35 O Malquinho dos Automóveis
22.55 A Aviação em Portugal
23.30 Um Rosto na Sombra
24.00 Especial Desporto

Manuel

«Manuel» (Canadá/1989). Realização de François Labonte. Interpretação de Nuno da Costa, Francisco Rabal, Kim Yaroshevskaya, entre outros. Cor, 79 minutos.

Manuel

Neste seu terceiro filme, o canadiano François Labonte, actual presidente da associação de cineastas do Quebec, volta ao tema das relações entre gerações, contando a história de um garoto filho de emigrantes portugueses no Canadá que se refugia junto de um sapateiro, emigrante espanhol e velho militante anarquista dos tempos da Guerra Civil, de quem se vai tornar amigo e discípulo, defrontando embora a impossibilidade de aplicar os velhos ideais e práticas de solidariedade do seu mestre à realidade actual.

Hotel Paraíso

«Hotel Paraíso» (GBR/1966). Realização de Peter Glenville. Interpretação de Alec Guinness, Gina Lollobrigida, Robert Morley, Peggy Mount, Akim Tamiroff. Cor, 95 minutos.

Assassínio

«Murder» (GBR/1930), realização de Alfred Hitchcock. Interpretação de Herbert Marshall, Norah Baring, Phillis Konstam. P/B, 99 minutos.

Assassínio

Mais um clássico do período britânico de Hitchcock - um admirável preto-e-branco em que se evidencia o seu singular talento de autor de cinema.

O Menino de Ouro

«The Golden Child» (EUA/1986). Realização de Michael Ritchie. Interpretação de Eddie Murphy, Charles Dance, Charlotte Lewis. Cor, 94 minutos.

Tempo

Para todo o território do Continente, céu muito nublado com períodos de chuva no sábado, passando a aguaceiros no domingo. Vento moderado de Oeste com rajadas.

Manuel

«Manuel» (Canadá/1989). Realização de François Labonte. Interpretação de Nuno da Costa, Francisco Rabal, Kim Yaroshevskaya, entre outros. Cor, 79 minutos.

Manuel

Neste seu terceiro filme, o canadiano François Labonte, actual presidente da associação de cineastas do Quebec, volta ao tema das relações entre gerações, contando a história de um garoto filho de emigrantes portugueses no Canadá que se refugia junto de um sapateiro, emigrante espanhol e velho militante anarquista dos tempos da Guerra Civil, de quem se vai tornar amigo e discípulo, defrontando embora a impossibilidade de aplicar os velhos ideais e práticas de solidariedade do seu mestre à realidade actual.

Hotel Paraíso

«Hotel Paraíso» (GBR/1966). Realização de Peter Glenville. Interpretação de Alec Guinness, Gina Lollobrigida, Robert Morley, Peggy Mount, Akim Tamiroff. Cor, 95 minutos.

Assassínio

Mais um clássico do período britânico de Hitchcock - um admirável preto-e-branco em que se evidencia o seu singular talento de autor de cinema.

O Menino de Ouro

«The Golden Child» (EUA/1986). Realização de Michael Ritchie. Interpretação de Eddie Murphy, Charles Dance, Charlotte Lewis. Cor, 94 minutos.

Tempo

Para todo o território do Continente, céu muito nublado com períodos de chuva no sábado, passando a aguaceiros no domingo. Vento moderado de Oeste com rajadas.

levado à cena, «Um Dia em Nova Iorque» viria a ser um dos marcos do filme musical americano. Foi o primeiro realizado conjuntamente por Stanley Donen e Gene Kelly - este já então considerado como um grande bailarino e coreógrafo de Hollywood -, antecedendo esse «Serenata à Chuva» que viria a ser a sua obra mais aplaudida e obra-prima deste género cinematográfico. Nele se reúnem além disso outros variados e enormes talentos: Leonard Bernstein, que assina a música; Sinatra que era já então «The Voice»; Ann Miller, o próprio Gene Kelly, no auge dos seus dotes de bailarino. Gene Kelly, que dizia que «Fred Astaire representa a aristocracia quando dança; eu represento o proletariado», terá aqui, dessa perspectiva, o papel da sua carreira...

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

Variação do tema de A Bela e o Monstro levado aos limites do pesadelo visual e emocional, «A Mosca» é uma nova versão de um filme fantástico clássico dos anos 50 que não se limita a criar uma situação fantástica de transformação de um Homem em Mosca para o utilizar como motivo de horror, mas que tenta transmitir o horror sofrido pelo próprio ser que se transforma. «Tenta» - porque o resultado é repelente e qualquer preocupação de ordem moral ou ética é submergida num horror gratuito e insuportável.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

«Um Dia em Nova Iorque» - um dia de folga de três marinheiros na cidade - é já um filme de muitas estrelas, com um ritmo perfeito e uma conseguida integração da dança e da música na acção e destas no espaço da cidade, Nova Iorque e a própria, utilizada pela primeira vez como cenário de um musical.

## ÚLTIMAS

# a talhe de FOICE

## E agora?

Sempre que há eleições, as paredes das cidades, os muros dos arredores fabris, as próprias árvores dos campos cobrem-se e engalanam-se de cores festivas. Há quem veja mal nisso, de levar a palavra dos partidos mais alto e mais à vista de todos. E entre os que assim pensam, alguns têm razão - é que na maioria das vezes a propaganda não passa de promessa, e o slogan esconde não a vontade de servir o povo mas de servir-se dele; outros, porém, escondem despeito por detrás de um falso moralismo que é antieleitoral, e prefeririam os muros de silêncio do tempo do fascismo, onde escrever numa parede era um acto de subversão. Não há dúvida, porém, de que, na maioria das cores e das palavras que são propostas ao cidadão, este não apenas se não reconhece como o deixam bastante atónito.

Em cores laranja e verde, o PSD propõe... 1991 (!), como se o ano nos fosse retirado se o partido de Cavaco não fosse reconduzido à maioria absoluta. Que anunciam com o número do ano? Que propõem? Apenas manter-se e, acham cada vez mais portugueses, continuar o agravamento das condições de vida que a política levada a cabo promoveu em largas camadas da população. Em azul e amarelo, a face bem servida de Freitas do Amaral anuncia «estabilidade diferente», como num anúncio de um novo produto alimentar fabricado com a velha forragem que sobrou do passado. A mensagem requentada do antigo aliado do PSD e também do PS, de um CDS que retirou a ambos o tapete debaixo dos pés em coligações que pareciam estar para durar, a quem convence, e do quê? É bem pouco falar em estabilidade, quando se sabe para o que ela tem servido...

O PS, entretanto, propõe que... «Agora sim».

Algumas dúvidas vão assaltar o cidadão desprevenido.

Só agora é que sim? Porquê? E por que não antes? Que terá sido mau para que só «agora sim»? E que será diferente para que sim, agora?

Será o programa do PS tão diverso que agora oferece ao eleitor novas perspectivas? Terá mudado a sua política de alianças que sempre tem efectuado com a direita? Dispor-se-á realmente a contribuir para uma alternativa democrática?

Até agora ainda não deu sinais disso.

Então porquê «agora sim»?

Resta-nos, nas forças que realmente contam, a CDU.

Não se trata de um exemplo dado por acaso, é claro. Nem o deixámos para o fim para nos desculparmos do apoio. Queremos, evidentemente, tomar partido nesta crónica, que não é «independente» e que tem a objectividade das opções claramente tomadas.

«Vota CDU, com toda a confiança» é o que repetimos da propaganda que os comunistas, lado a lado com outras forças democráticas, fazem na campanha.

Trata-se de uma frase certa que não deixa dúvidas - embora tenha de ser levada mais longe, esmiuçada e esclarecida. Os exemplos para esse esclarecimento abundam. E não se contém apenas no programa que apresentamos e divulgamos por todo o país, nas propostas que adiantamos, nos compromissos que assumimos para o futuro.

É que os comunistas - e com eles a CDU - têm um largo património de obra realizada, de experiência, de provas dadas. Nas instituições e fora delas, a honestidade, o trabalho e a competência de todos os outros; ainda que queiram usar-nos as palavras não nos copiaram a postura e os actos. No poder local pode ver-se a obra. Na Assembleia, as propostas mais progressistas, realistas e sérias. Por todo o lado a luta com os trabalhadores e o povo por direitos e liberdades, pela dignidade, por um Portugal melhor. Em todas as instâncias pela unidade democrática, por uma verdadeira alternativa.

É por isso que se pode votar na CDU com toda a confiança.

■ LM

## Protestos dos agricultores vão continuar

Sublinhando que as movimentações realizadas já deram alguns frutos, a CNA assinala a disposição dos agricultores e das suas organizações para prosseguir no imediato as acções de reclamação e protesto.

Um comunicado da Direcção da Confederação Nacional da Agricultura emitido anteontem, em Coimbra, salienta que, na sequência das movimentações de agricultores efectuadas em Setembro, começaram a ser pagos os subsídios dos ovinos e caprinos e do gasóleo, e está praticamente certo o aumento sazonal do leite. «Apesar do muito trabalho nos campos» que há nesta altura, a Confederação assinala ao mesmo tempo a disposição para continuar as acções, nomeadamente nos distritos de Leiria, Vila Real, Braga, Viana do Castelo, Castelo Branco e Aveiro.

«É previsível que a luta dos agricultores salte para a rua com toda a força» - afirma a CNA - «depois das colheitas, e caso o Ministério da Agricultura e o Governo não resolvam os problemas mais agudos, como a falta de escoamento e as quedas dos preços na produção do vinho, gado, hortofrutícolas e cereais, e caso o Governo não ponha fim às importações desnecessárias e não pague os milhões de contos de dívidas do Estado aos agricultores».

Apesar de manter «rigoroso apatidarismo», a CNA defende que o momento pré-eleitoral «é boa altura para reclamar», reafirma que «não podemos ficar indiferentes perante a situação difícil que hoje vivemos e que resulta de políticas agrícolas erradas seguidas nos últimos anos» e lembra que «o voto é secreto e devemos utilizá-lo para nosso bem».

## Continuam as greves na Função Pública

Ao revelar anteontem a existência de salários em atraso na Função Pública, a Federação sindical do sector (FNSFP) anunciou para hoje e amanhã mais uma greve dos trabalhadores dos museus e palácios.

O STAL marcava, por sua vez, para hoje, 26, uma «acção de protesto» em Lisboa e concentrações em todas as capitais de distrito.

Em 20 do corrente, era anunciada para quarta e quinta-feira desta semana uma vigília dos trabalhadores administrativos da FP de Lisboa e Setúbal em frente à sede do Conselho de Ministros.

Os pilotos dos portos e barras paralisaram em 16

do corrente, durante 12 horas, e suspenderam uma outra greve por o secretário de Estado das Obras Públicas se manifestar disposto a satisfazer as suas reivindicações.

Entretanto, os 700 trabalhadores do Instituto de Reinserção Social paralisaram o trabalho durante dois dias em 16 e 17 deste mês.

O mesmo acontecia, mas com concentração em frente ao Ministério do Emprego e Segurança Social, com 150 trabalhadoras de creches e jardins de infância, em 19 do corrente.

Segundo os sindicatos e a FNSFP, foi muito participada toda esta movimentação e novas lutas se perspectivam no sector.

## PCP e «Avante!» nas festas do «Humanité» e do «Mundo Obrero»

No fim-de-semana de 13 a 15 e de 20 a 22, respectivamente, o PCP e o «Avante!» estiveram representados nas festas dos jornais do PCF e do PCE, «Humanité» e «Mundo Obrero».

Na Festa do Partido Comunista Francês, a camarada Manuela Bernardino, do Comité Central, representou o PCP. O «Avante!» dispunha aí de um stand, animado por uma exposição política, por venda de artesanato e por um restaurante-bar, por onde, a par de muitos outros visitantes, passaram numerosos portugueses. O nosso camarada de redacção Leandro Martins, do CC, representou o Partido e o «Avante!» na Festa do «Mundo Obrero» realizada em Madrid.

## A intervenção francesa no Zaire

A intervenção de tropas francesas no Zaire de Mobutu constitui um acto de nítido recorte neocolonial, o qual visa sem dúvida através da repressão socorrer um poder ditatorial corrupto e antipopular, cada vez mais contestado por todos os sectores do povo zairense.

O PCP condena firmemente esta intervenção militar francesa e expressa às forças democráticas do Zaire a solidariedade dos comunistas portugueses à sua luta pela liberdade, a democracia e a independência nacional.

2 de Setembro de 1991

## A situação na Jugoslávia

O desenvolvimento da situação em torno da Jugoslávia suscita as mais profundas inquietações.

O PCP pronuncia-se inequivocamente por um cessar-fogo que ponha termo à dramática perda de vidas humanas e por um processo de negociações entre as partes envolvidas que permita aos povos da Jugoslávia, sem ingerências externas, encontrar solução para os complexos problemas nacionais, económicos e políticos que afectam este país.

Simultaneamente, o PCP alerta o povo português para as pressões e ingerências externas exercidas pelas potências imperialistas, incluindo da CEE, em relação aos conflitos internos na Jugoslávia, pressões e ingerências que têm contribuído para o crescente agudizar da situação. Estimulam e apoiam a separação da Eslovénia e da Croácia, acenam com ajuda económica, fornecem armas e apoio político e diplomático às forças nacionalistas, algumas das quais de nítido recorte fascista que abusam dos sentimentos nacionais e religiosos dos povos respectivos.

O PCP opõe-se firmemente, sob qualquer pretexto («força de paz», «força de interposição», etc.) a qualquer intervenção militar na Jugoslávia seja via CEE, UEO ou NATO, seja por decisão do próprio Conselho de Segurança das Nações Unidas. Uma tal intervenção não só agudizaria toda a situação como constituiria um passo gravíssimo no sentido da internacionalização do conflito e do seu alargamento para além das próprias fronteiras da Jugoslávia. Além de contrária à Carta da ONU e à Acta de Helsínquia, uma tal intervenção constituiria também um precedente gravíssimo a invocar em posteriores propósitos de ingerências armadas noutros países.

A solução para os graves conflitos que hoje dilaceram a Jugoslávia só pode ser encontrada com a compreensão do difícil e complexo caminho empreendido pelos povos respectivos. Este complexo mosaico de nacionalidades, de religiões, de línguas, de culturas que é a Jugoslávia constituiu-se na sequência do desmembramento do império austro-húngaro e otomano, em resultado directo da derrota imposta na 2ª guerra mundial aos ocupantes (o nazismo alemão e o fascismo italiano), numa luta libertadora heróica conduzida pelos comunistas em aliança com outros progressistas, gozando de um profundo e generalizado apoio popular. Uma vitória que custou aos povos da Jugoslávia mais de 1 milhão de mortos. A criação da República Socialista Federativa da Jugoslávia, com todas as dificuldades e inevitáveis contradições, não só representou a possibilidade de pela primeira vez alguns povos poderem afirmar e desenvolver a sua identidade nacional própria, como representou para o conjunto dos povos da Jugoslávia um período de desenvolvimento e de paz como jamais tinham conhecido. A Jugoslávia tornou-se um país prestigiado na Europa e no mundo.

Só por via de negociações políticas, por mais difíceis que sejam, é possível encontrar solução para o complexo emaranhado de problemas que agora explodem e que nenhuma potência externa deve aproveitar. As tentativas de alguns países (Alemanha, França, Áustria e outros) para explorar a crise jugoslava e reconquistar esferas de influência, constituem uma aventura irresponsável que só pode trazer aos povos respectivos mais sofrimentos e induzir um perigosíssimo processo de aticamento de paixões nacionais, de reclamações territoriais e revisões de fronteiras de gravíssimas consequências para a estabilidade, a segurança e a paz na Europa e no mundo.

23.9.91

O Gabinete de Imprensa do PCP



**Avante!**

**número especial**

# AS FOTOS DA **FESTA**

Suplemento especial do «Avante!» n.º 927,  
de 26/9/91, dedicado à Festa do «Avante!»  
de 1991, realizada em 6, 7 e 8 de Setembro  
— Amora-Seixal.

Fotos de Jorge Caria, Januário Trigo, Carlos Nabais,  
Gonçalo Pereira, Carlos André Fonseca e Júlio Dinis.



Construção





Um grande esforço colectivo, um grande trabalho de equipa



Um abraço de solidariedade que começa no trabalho



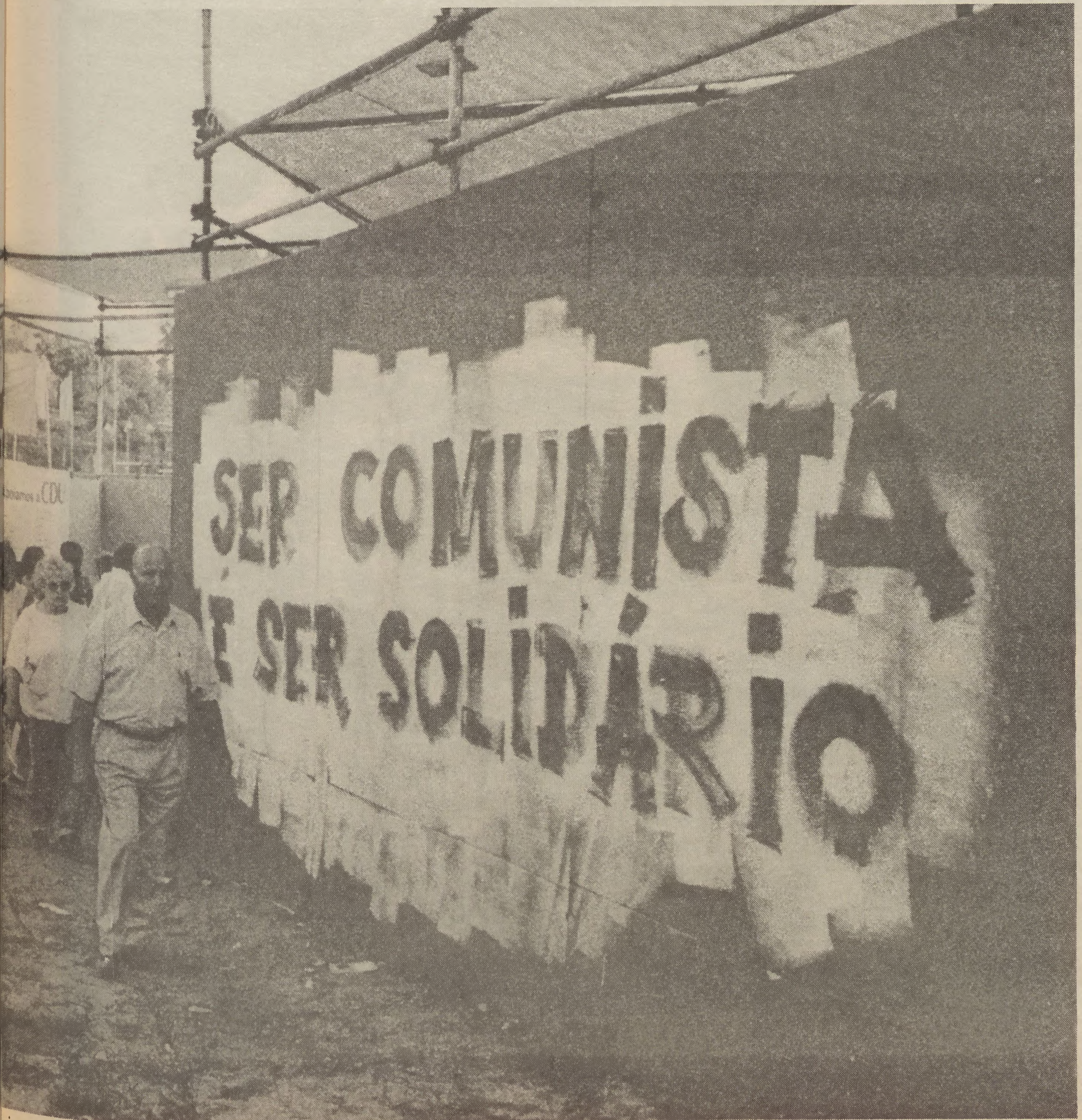
Recepção às delegações estrangeiras: a Festa de 1991 acolheu o maior número de sempre

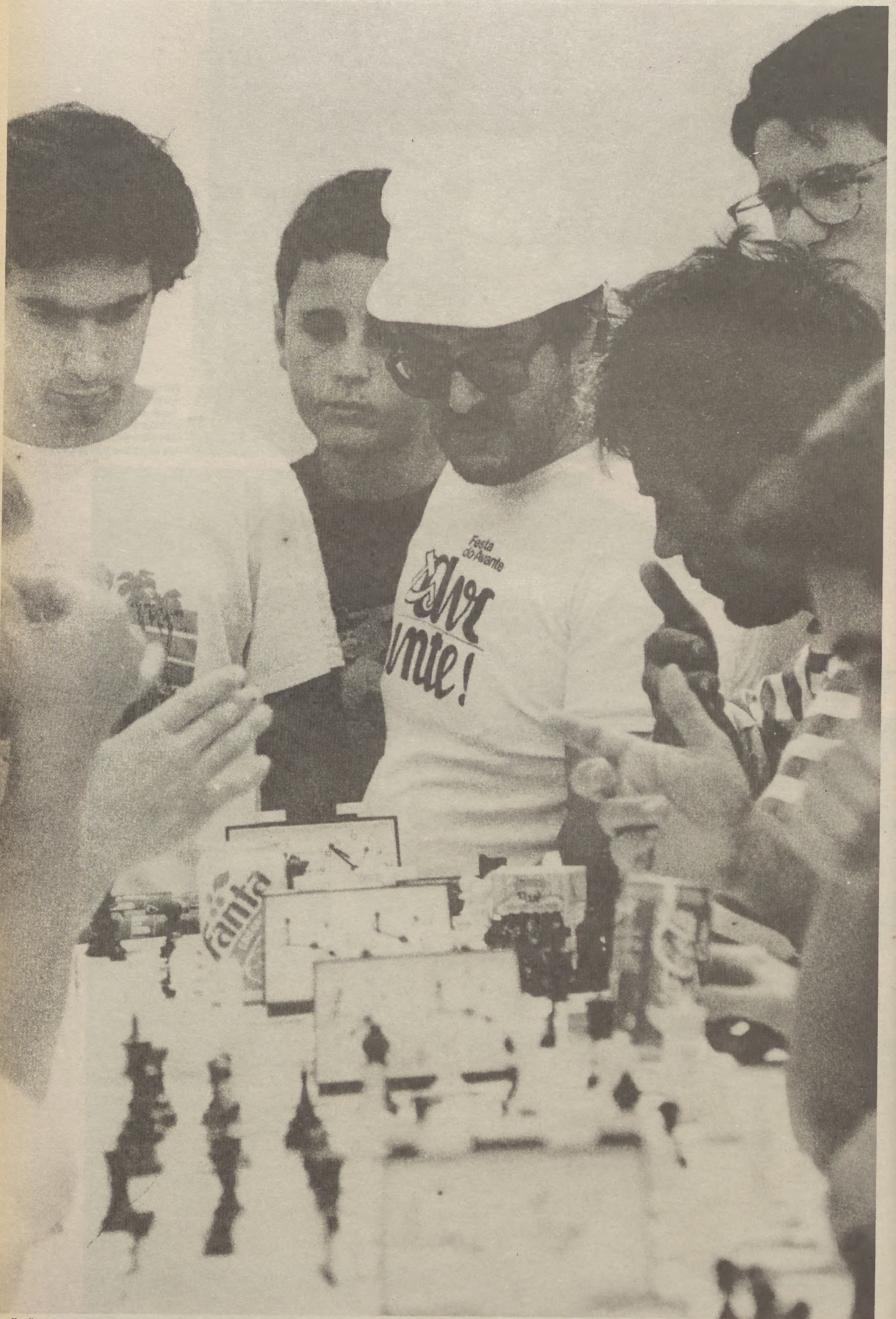


Primeiro dia



**PCP: um partido firme nos princípios, profundamente ligado ao povo e onde a solidariedade internacionalista tem raízes bem fundas**





A reflexão e o gesto. Xadrez na Festa



O grande abraço de centenas e centenas de participantes na Corrida da Festa



Tiro ao dardo nasceu há poucos anos a poucos metros...



... da malha nascida há vários séculos



«Está tudo bem...»



«... apanhámos uma enorme caloraça...»

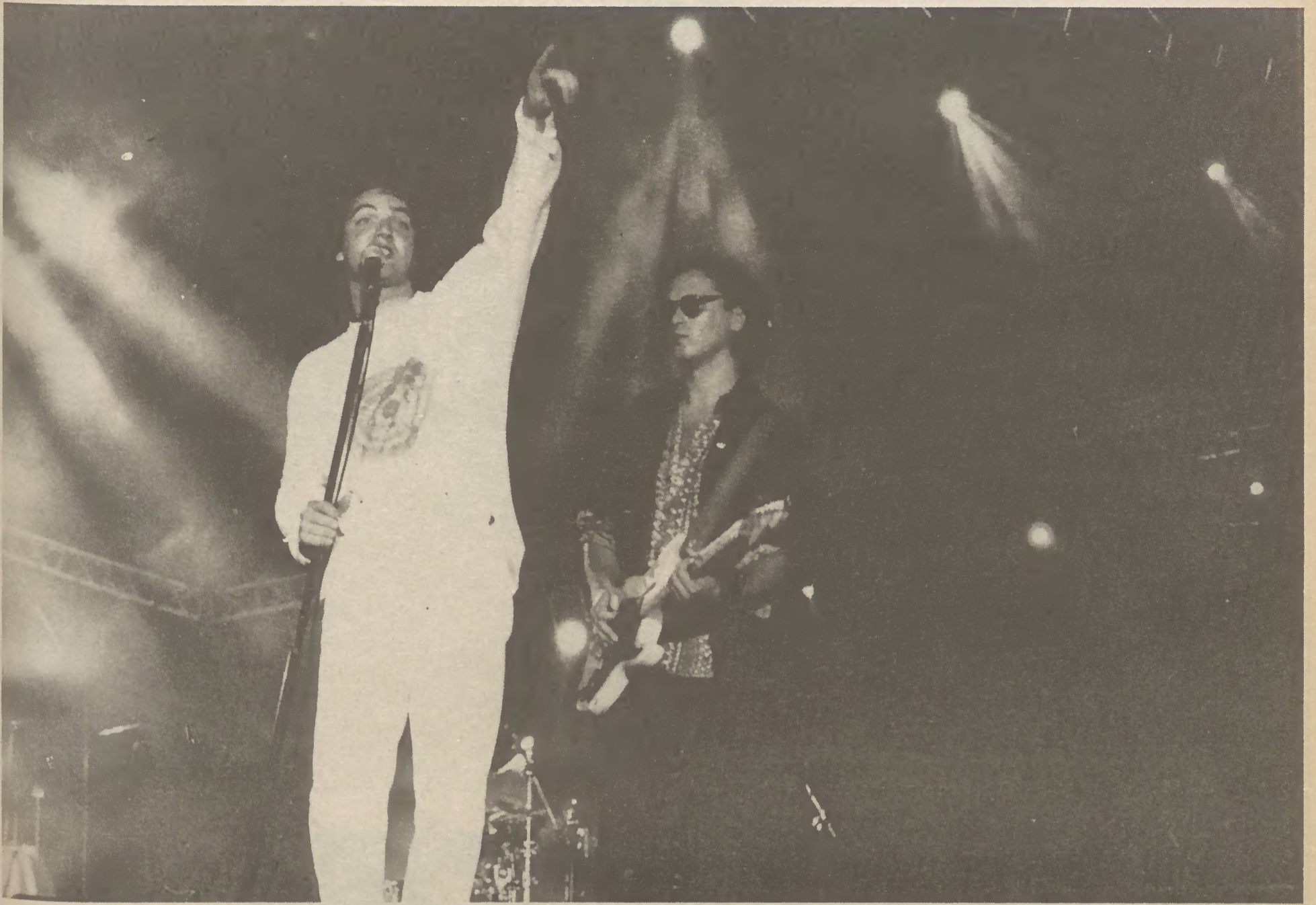


«... e desenhámo-nos a trabalhar...»



A primadonna: Gianna Nannini

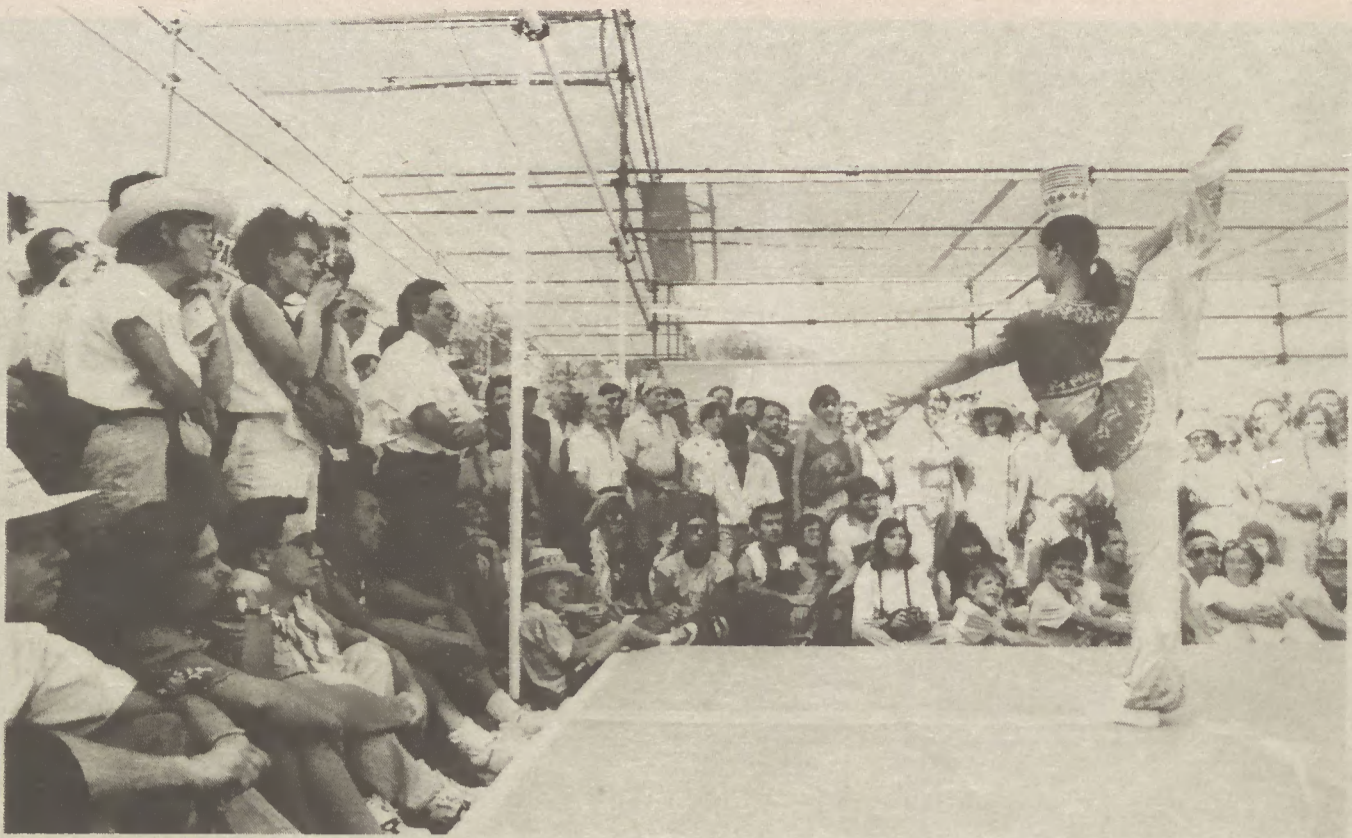




Dois concertos memoráveis: os Delfins...



... e a Oyster Band com June Tabor



A Festa de todos os espectáculos: acrobatas chineses...



... o rhythm and blues dos Bogus Brothers...



... e a grande música portuguesa com Júlio Pereira



Avanteatro



Video wall, video Festa:  
uma novidade de 1991



Avanteatro



Avanteatro



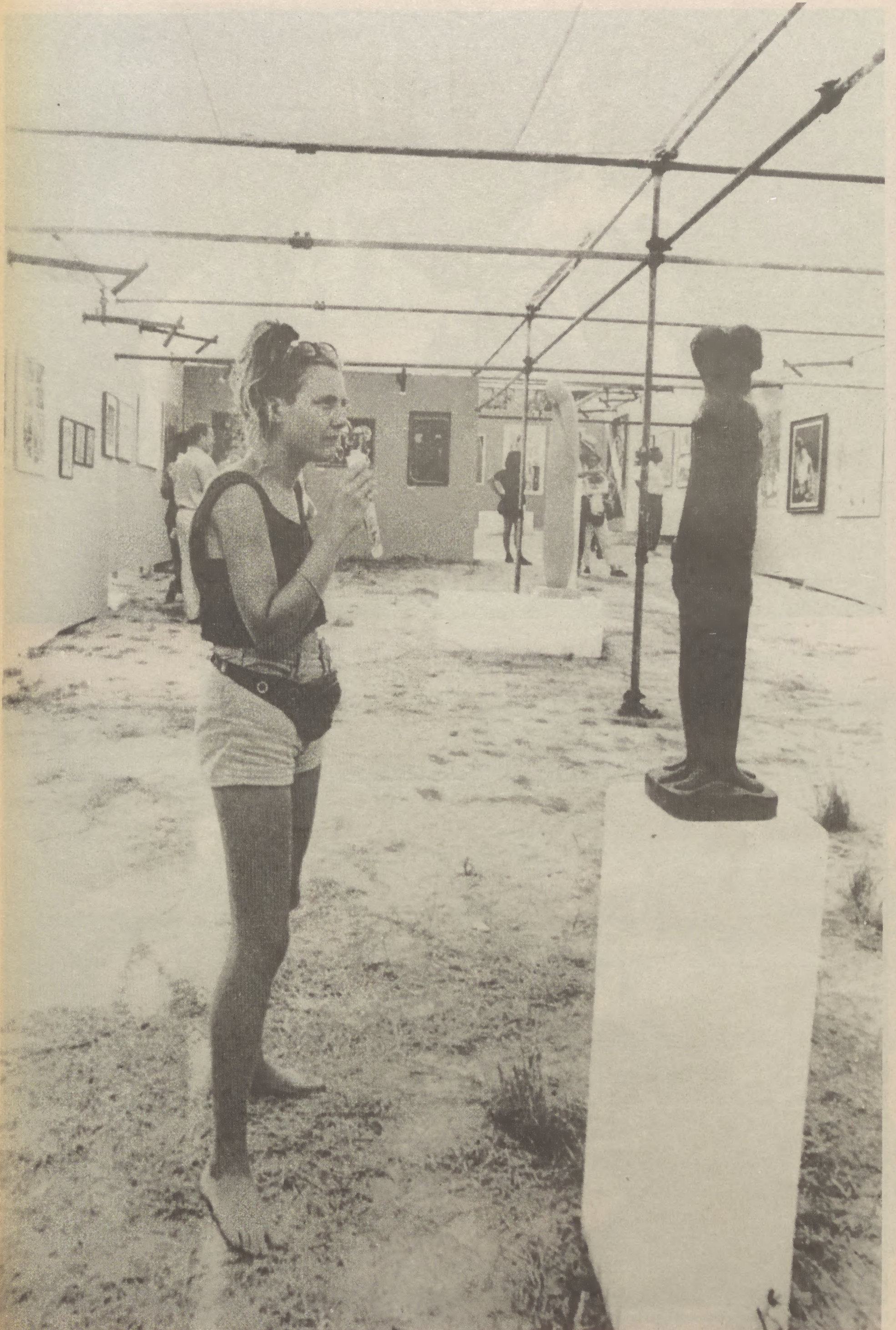
A memória de Michel Giacometti e as palavras desse grande narrador do povo que é Manuel da Fonseca



A Festa: vir à festa, cantar de gosto!



Auditório «1º de Maio»: Ensemble de Contrabaixos da Academia de Amadores de Música





VII Bienal



VII Bienal





Abertura da Festa e comício









Mesa do comício: Comissão Nacional da Festa, Comité Central e os seus organismos executivos...



... delegações estrangeiras, partidos aliados do PCP na CDU, delegação da UDP.





Comício



Uma confiança que assenta no debate de ideias e num projecto de futuro





As palavras com gente dentro



A filatelia



A informação

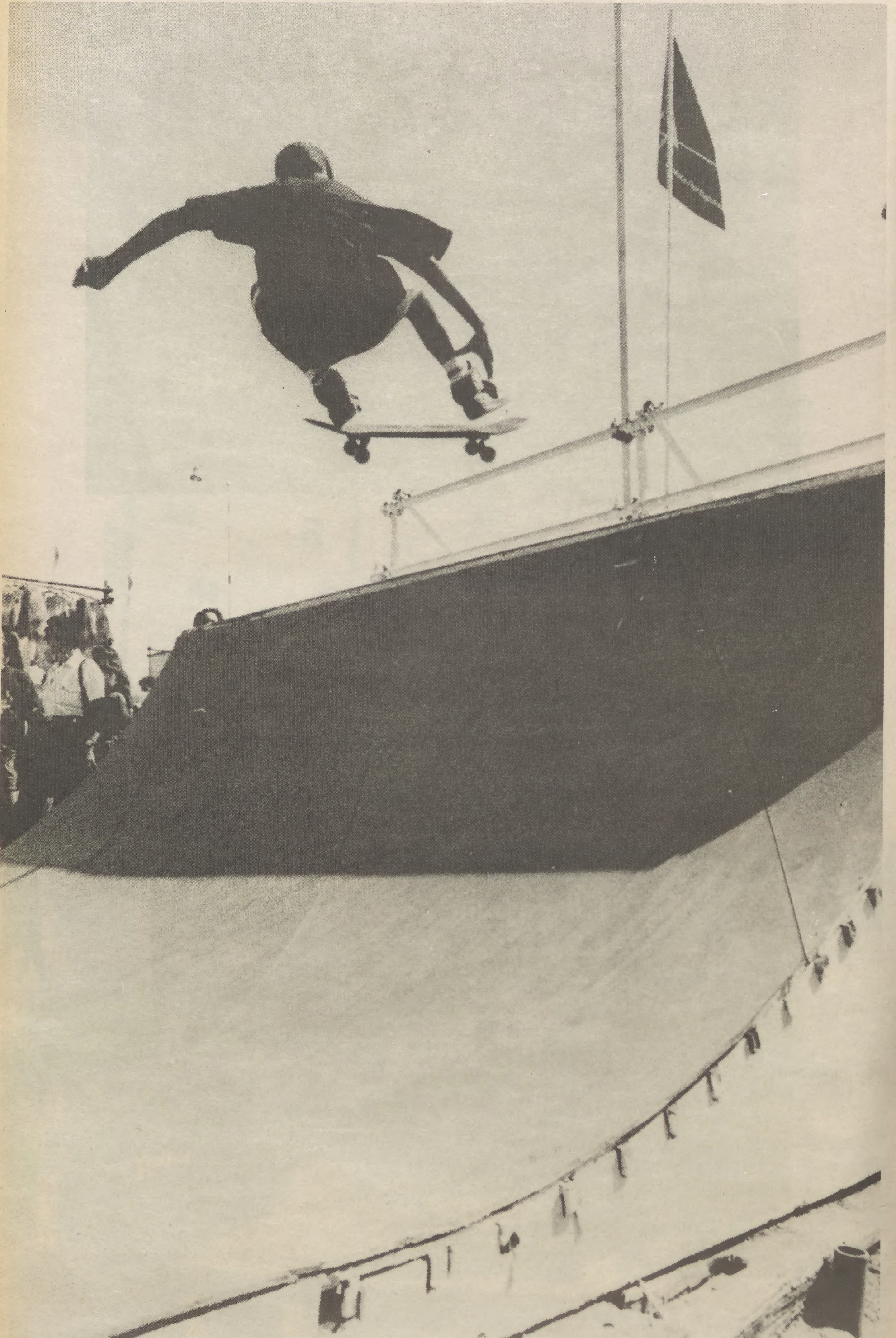


Os livros: Centro do Livro e do Disco



«Com a Fotografia o passado é, a partir de agora, tão seguro como o presente, aquilo que se vê no papel é tão real como aquilo que se toca. É o advento da Fotografia que partilha a história do mundo» (Roland Barthes)





Festival de skate na Cidade da Juventude





Prever e prevenir. Tudo correu bem



Marcha da Madragoa na Festa



*Partido Comunista:  
Um ideal com Fut.  
Uma força necessário  
para um Portugal A.*

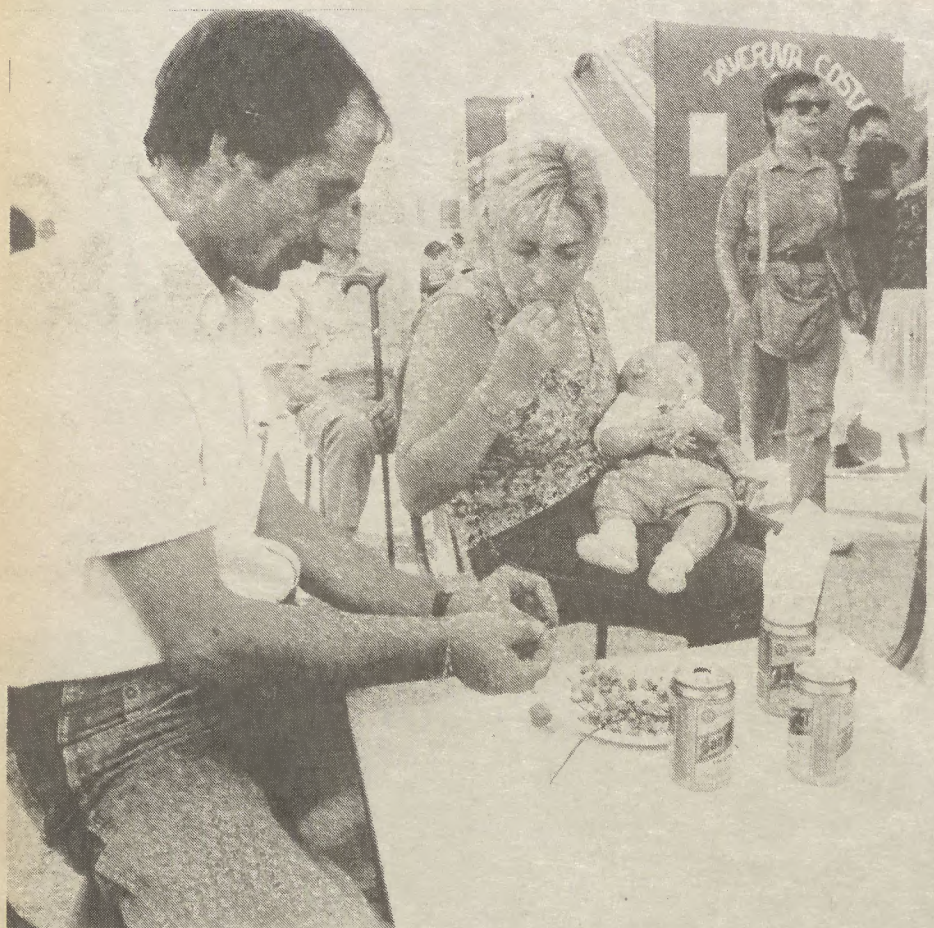


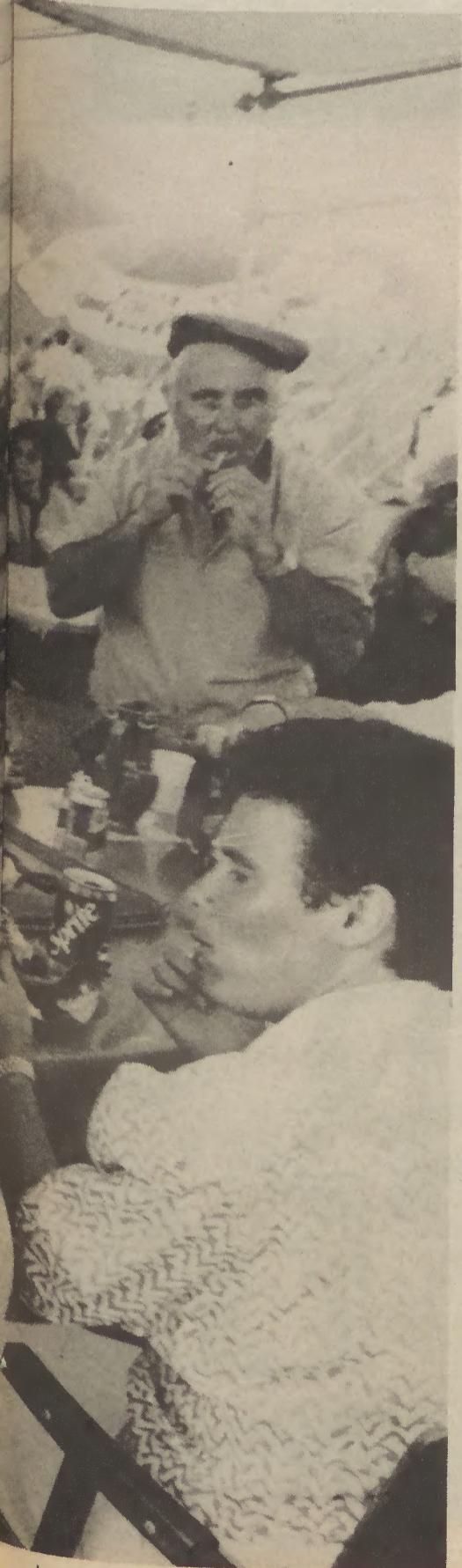
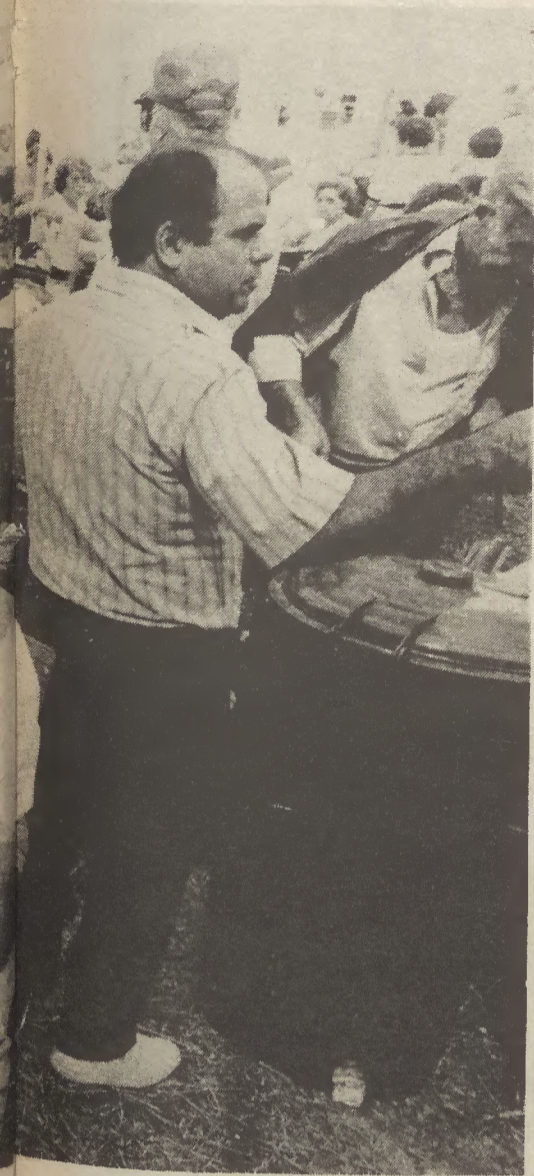


A caminho do comício



A Festa de todos





Caracóis, melões, pão ali amassado, salpicões de longe trazidos, tinto, branco - e o mais de que a memória fala!





Atalaia, Setembro de 1991





Vindo directamente da imaginação para um mundo...



... também feito para crianças







A Festa de todas as danças...



... a Festa de todos os abraços





A cidade de dia...



... e a cidade de noite

